



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO**  
**CURSO DE LETRAS – TRADUÇÃO – INGLÊS**  
**LARISSA ROCHA SCHIETTI CRUZ**

**DIFERENÇA NA TRADUÇÃO CIENTÍFICA: COMPARAÇÃO**  
**ENTRE ARTIGO CIENTÍFICO E POPULARIZAÇÃO DA**  
**CIÊNCIA**

**VOLUME I**

**BRASÍLIA – DF**  
**2017**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**LARISSA ROCHA SCHIETTI CRUZ**

**DIFERENÇA NA TRADUÇÃO CIENTÍFICA: COMPARAÇÃO  
ENTRE ARTIGO CIENTÍFICO E POPULARIZAÇÃO DA  
CIÊNCIA**

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Letras –Tradução – Inglês, sob orientação da Profa. Dra. Elisa Duarte Teixeira, do curso de Letras – Tradução da Universidade de Brasília (UnB).

**BRASÍLIA – DF**  
**2017**

**LARISSA ROCHA SCHIETTI CRUZ**

**DIFERENÇA NA TRADUÇÃO CIENTÍFICA: COMPARAÇÃO  
ENTRE ARTIGO CIENTÍFICO E POPULARIZAÇÃO DA  
CIÊNCIA**

Relatório final, apresentado à  
Universidade de Brasília, como parte  
das exigências para a obtenção do  
título de bacharel em Letras –  
Tradução – Inglês.

Brasília, 3 de julho de 2017

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Elisa Duarte Teixeira  
Orientadora

Profa. Dra. Cristiane Roscoe Bessa  
Avaliadora

Profa. Dra. Flávia Cristina Cruz Lamberti Arraes  
Avaliadora

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família, que acreditou em meu potencial, ensinou-me lições que nenhuma escola poderia instruir, encheu-me de carinho e me deu a oportunidade de estudar um curso que é a minha cara. Sem o apoio de vocês, eu não teria chegado aqui. Pai, muito obrigada por ter me incentivado a fazer o intercâmbio e organizado cada passo dessa experiência inesquecível, que permitiu a melhora do meu inglês.

Uma pessoa em especial me deu forças diariamente: a mãe mais incrível do mundo e minha melhor amiga. Mamacita, não há palavras neste mundo – mesmo para uma aluna do curso de Letras – que possam descrever minha gratidão por tudo o que você faz por mim (principalmente opinar sobre minha tradução e revisá-la).

Também recebi o apoio de minhas amigas Juliana Rolim, Marina Vargas e Larissa Magalhães, que entenderam como ninguém as etapas que precisamos vencer antes de passarmos para uma nova fase de nossas vidas. Obrigada por responderem às minhas perguntas sobre o que soava melhor, por me fazerem rir e por compartilharem essa experiência comigo. Mari, obrigada por dar sugestões legais para minha tradução e me ajudar com a numeração das páginas! Agradeço também a todos os meus amigos que me incentivaram e ficaram ao meu lado durante o curso.

Aos professores da graduação pelos valiosos ensinamentos. Gostaria de agradecer sobretudo à minha orientadora, Elisa Duarte Teixeira, que me guiou com paciência, disponibilidade e bom-humor nesta jornada e tornou-se um dos meus modelos de uma profissional dedicada e competente.

## RESUMO

A tradução científica ocupa a maior parte da produção mundial de traduções; contudo, foi pouco estudada por teóricos em comparação a outros tipos de tradução. Ademais, o principal foco das pesquisas disponíveis sobre tradução da popularização da ciência tem sido textos jornalísticos, o que indica um potencial para o estudo da tradução de outros textos de divulgação científica. O presente trabalho, cujo objetivo principal era realizar uma tradução natural, discute o processo tradutório de um artigo científico e de um livro de popularização da ciência. Para alcançar essa naturalidade, realizamos uma análise de cada uma dessas obras, de modo a evidenciar as diversas estratégias empregadas pelos autores e a comparar algumas das diferenças encontradas entre esses dois tipos textuais da tradução científica e entre as duas línguas envolvidas. As diferenças encontradas entre as duas culturas (como o uso menos recorrente da primeira pessoa em artigos científicos no Brasil e uma metáfora do inglês inexistente no português), bem como entre as tipologias e o estilo particular dos autores, demonstram que textos científicos não são completamente desprovidos de criatividade ou de marcas linguístico-culturais – aspectos que procuramos respeitar durante a tradução.

**Palavras-chave:** Artigo científico. Divulgação científica. Popularização da ciência. Naturalidade. Tradução técnico-científica.

## ABSTRACT

Scientific translations account for most of what is produced globally in terms of translation; however, it has been little studied by scholars in comparison to other modalities of translation. Furthermore, the literature available on the transation of popularization of science has been focusing mainly on journalistic texts, which indicates a potential for the study of other types of texts within scientific popularization translation. This undergraduate dissertation, whose main objective was to create a natural translation, discusses the process of translating a scientific paper and a popular science book. To achieve this naturalness, I performed an analysis of each of these source texts in order to highlight several rethorical strategies used by the authors and compare some of the differences found among these two text types within scientific translation and the two languages involved. The differences found between the two cultures (such as the less frequent use of the first person in Brazilian scientific papers or a metaphor in English inexistent in Portuguese), the typologies and the particular style of the authors demonstrate that scientific texts are not completely devoid of creativity or cultural marks—aspects I made an effort to preserve in the translated texts.

**Keywords:** Scientific paper. Scientific divulgation. Popularization of science. Naturalness. Technical and scientific translation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Captura de tela da Tabela 3 do arquivo PDF do artigo.....	74
Figura 2 - <i>Layout</i> do primeiro experimento de <i>5 Amazing</i> .....	86
Figura 3 - <i>Layout</i> da Introdução de <i>5 Amazing</i> .....	88

## LISTA DE ABREVIATURAS

***5 Amazing***

*5 Amazing Psychology Experiments*

***Mindlessness***

*The Mindlessness of Ostensibly Thoughtful Action*

***SciAm Brasil***

*Scientific American Brasil*

***Seg.***

Segmento



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. REFLEXÃO TEÓRICA .....</b>	<b>17</b>
1.1 Reflexão sobre a tradução de textos científicos .....	17
1.2 Visão geral sobre artigos científicos .....	21
1.3 <i>The Mindlessness of Ostensibly Thoughtful Action</i> .....	23
1.3.1 Título e Resumo (Abstract) .....	28
1.3.1.1 Comparação com o Título e Resumo de artigos brasileiros .....	30
1.3.2 Introdução .....	31
1.3.2.1 Comparação com a Introdução de artigos brasileiros .....	34
1.3.2.1.1 Conectores .....	34
1.3.2.1.2 Terminologia .....	35
1.3.2.1.3 Frases longas e complexas .....	36
1.3.2.1.4 Apagamento do sujeito: impessoalização .....	37
1.3.3 Métodos .....	40
1.3.3.1 Comparação com os Métodos de artigos brasileiros .....	40
1.3.4 Resultados e Discussão .....	41
1.3.4.1 Comparação com os Resultados e Discussão de artigos brasileiros .....	42
1.3.5 Conclusões .....	42
1.3.5.1 Comparação com as Conclusões de artigos brasileiros .....	43
1.4 Visão geral sobre textos de divulgação científica .....	43
1.5 <i>5 Amazing Psychology Experiments</i> .....	46
1.5.1 Engajamento e relação com o leitor e com a comunidade acadêmica .....	50
1.5.2 Título e subtítulo .....	53
1.5.3 Atitude assertiva e positiva .....	54
1.5.4 Benefícios ao leitor .....	56
1.5.5 Familiaridade .....	58
<b>2. RELATÓRIO DAS TRADUÇÕES .....</b>	<b>60</b>
2.1 Relatório da tradução de <i>The Mindlessness of Ostensibly Thoughtful Action</i> .....	61
2.1.1 Terminologia e linguagem corrente .....	61
2.1.2 Clareza e concisão na tradução .....	69
2.1.3 Impessoalização .....	72

2.1.4 Tradução de tabelas.....	74
2.1.5 Outras considerações sobre o processo tradutório .....	75
<b>2.2 Relatório da tradução de 5 <i>Amazing Psychology Experiments</i>.....</b>	<b>77</b>
2.2.1 Tradução do registro .....	77
2.2.2 Familiaridade .....	81
2.2.3 Vocabulário repetitivo e naturalidade.....	83
2.2.4 Tradução dos subtítulos .....	85
2.2.4 Erros no original .....	89
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS DOS DICIONÁRIOS CONSULTADOS.....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXO I.....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXO II.....</b>	<b>127</b>
<b>ANEXO III: GLOSSÁRIO DE TERMOS DO ARTIGO.....</b>	<b>148</b>
<b>ANEXO IV: GLOSSÁRIO DE TERMOS DO <i>E-BOOK</i>.....</b>	<b>171</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o resultado da tradução do inglês para o português do artigo científico *The Mindlessness of Ostensibly Thoughtful Action: The Role of "Placebic" Information in Interpersonal Interaction* (doravante *Mindlessness*), da doutora em Psicologia Social Ellen Langer e os colegas Arthur Blank e Benzion Chanowitz, publicado em 1978 e que pode ser baixado a partir de diversos *links*<sup>1</sup>, e do *e-book* de popularização da ciência *5 Amazing Psychology Experiments* (doravante *5 Amazing*), do também doutor em Psicologia Social Andrew Luttrell, sem data de publicação e disponível neste endereço eletrônico: <<http://socialpsychonline.com/psychology-experiments-ebook/>>.

A Psicologia Social estuda especificamente os comportamentos, pensamentos e sentimentos de um indivíduo na interação com outras pessoas, sejam elas reais, imaginadas ou simbolicamente representadas (DORSCH, 2009; VANDENBOS, 2010). Com efeito, a primeira obra relata três experimentos de campo que testam a hipótese de que, em muitas de nossas interações sociais, não prestamos atenção a detalhes importantes e apenas seguimos roteiros já estabelecidos na nossa mente sobre a forma correta de agir naquele tipo de situação. O primeiro dos experimentos descritos no artigo foi explicado no livro de divulgação científica do professor Andrew Luttrell, desenvolvido a partir do curso *on-line* em forma de vídeos de sua autoria, disponível em uma plataforma de cursos chamada Udemy.

Ambas as obras abordam assuntos semelhantes (ou exatamente o mesmo assunto, no caso do primeiro experimento realizado por Langer e colegas), mas diferem significativamente na forma como apresentam as informações. Isso ocorre porque são destinados a públicos diferentes, com distintos interesses e grau de conhecimento sobre o tema. O artigo científico, em particular, destina-se a um público altamente especializado e crítico, e é usado para transformar opiniões em conhecimento (HYLAND, 2010, p. 117; OLOHAN, 2016, p. 149). Em outras palavras, esse texto funciona como um instrumento para a comunicação de um estudo e está subordinado a critérios textuais determinados por suas condições de produção e recepção, que guiam sua macroestrutura e escolhas sintáticas, lexicais, entre outras

---

<sup>1</sup> Por exemplo: <<https://jamesclear.com/wp-content/uploads/2015/03/copy-machine-study-ellen-langer.pdf>> e <[https://www.academia.edu/29512848/The\\_mindlessness\\_of\\_ostensibly\\_thoughtful\\_action\\_The\\_role\\_of\\_placebic\\_information\\_in\\_interpersonal\\_interaction](https://www.academia.edu/29512848/The_mindlessness_of_ostensibly_thoughtful_action_The_role_of_placebic_information_in_interpersonal_interaction)>.

(POSSAMAI, 2006, p. 174). Esse discurso é lexicalmente denso e traz afirmações cautelosas e nominais, mas também carrega marcas linguístico-culturais e individuais (dos autores) e contém estilo e criatividade – não obstante a concepção comum de que esses textos se reduzem apenas à sua terminologia, haja vista o rigor de manuais de redação científica que visam à impessoalidade e objetividade (BYRNE, 2014, p. 3; TEIXEIRA, 2008, p. 5-6; HYLAND, 2010, p. 116).

Por outro lado, Luttrell, autor de *5 Amazing Psychology Experiments*, resumiu de forma simplificada cinco artigos científicos que relatam experimentos da Psicologia Social para atingir um público não especializado nessa área de conhecimento. Isso significa que ele rejeitou aspectos da linguagem acadêmica para empregar certos recursos linguísticos e estilísticos que se adequassem ao público intencionado.

Tal postura denomina-se popularização da ciência (ou divulgação científica), e seu objetivo principal é compartilhar os conhecimentos obtidos pela comunidade científica para um público mais geral, que provavelmente não compreenderia o discurso acadêmico no qual as descobertas foram inicialmente descritas (HYLAND, 2010; OLOHAN, 2016; SANTOS, 2013). Isso não significa que a divulgação científica seja a mera “vulgarização” da ciência, uma vez que a veiculação de informações científicas e tecnológicas a outras esferas da sociedade envolve técnicas e processos complexos e desempenha um papel significativo na percepção das pessoas a respeito da importância da pesquisa científica e da ciência em geral, além de aumentar o apoio para essas pesquisas (HYLAND, 2010; OLOHAN, 2016, p. 173-175.; SANTOS, 2013, p. 21). De fato, Olohan (2016, p. 173) afirma que cientistas frequentemente precisam mostrar o valor de sua pesquisa não apenas para organizações e empresas que financiam seus projetos, mas também para a sociedade, uma vez que ela paga impostos ao governo, que podem ser investidos nesses projetos.

Ademais, como o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (2017) aponta, o desenvolvimento científico afeta a vida cotidiana da sociedade, e parte do dever da pesquisa é gerar benefícios sociais. A popularização da ciência auxilia nesse sentido, oferecendo uma forma de a sociedade acompanhar os progressos científicos, ao mesmo tempo em que a academia atende às necessidades dos cidadãos.

Percebe-se, assim, que tanto o artigo científico especializado quanto o artigo de popularização de ciência são importantes para a sociedade, e sua tradução pode

trazer benefícios a diferentes públicos. De fato, a tradução técnico-científica contribui para o intercâmbio de ideias e tecnologias, o qual se intensificou no presente contexto de globalização (SANTOS, 2013, p. 15). Ela é uma parte tão essencial para a indústria moderna e para a sociedade que foram criadas diversas leis e diretrizes que regulam a sua prática, e muitos periódicos científicos internacionais requerem no mínimo a tradução dos resumos de artigos submetidos para publicação (BYRNE, 2014, p. 6).

Quanto à tradução especificamente de textos de popularização da ciência, Santos (2013, p. 15) afirma que a circulação de textos de divulgação científica entre diferentes comunidades linguísticas leva à demanda por traduções. Contudo, a maioria dos textos teóricos a respeito do assunto estudam principalmente a popularização sob a ótica das notícias e de artigos de revistas de divulgação científica, o que significa que a tradução de outros tipos de textos de ciência popular (como o livro de Luttrell) apresenta um grande potencial de estudo (OLOHAN, 2016). Assim, espero dar uma pequena contribuição para a área com a análise da tradução de *5 Amazing*. Também é minha intenção contribuir, com minhas traduções, para o compartilhamento de conhecimento entre culturas.

Assim, os objetivos deste trabalho são: traduzir *5 Amazing Psychology Experiments* e *The Mindlessness of Ostensibly Thoughtful Action*; refletir sobre o processo tradutório; revisar a bibliografia sobre artigos científicos, popularização da ciência e sua tradução; e contribuir para a divulgação e sistematização da teoria dessa área.

Cumpri uma série de etapas como parte do processo de tradução dos textos que escolhi, quais sejam: 1) obtenção dos textos a serem traduzidos por meio da *internet*; 2) transformação dos arquivos PDF para DOCX; 3) leitura inicial sobre textos de divulgação e artigos científicos; 4) primeira versão das traduções com o auxílio do *Google Translator Toolkit*; 5) pesquisa de termos em dicionários, em *sites* de divulgação científica e em textos especializados de Psicologia, como artigos científicos e livros – que resultou na elaboração de glossários; 6) leitura aprofundada sobre os tipos de texto trabalhados; 7) elaboração da parte teórica, na qual são discutidos aspectos considerados na segunda versão da tradução, como o apagamento do sujeito em artigos científicos e a proximidade com o leitor de textos de divulgação científica por meio de alusões a experiências cotidianas; 8) revisão das traduções com base nas observações feitas na reflexão teórica; 9) elaboração dos relatórios de tradução.

Como eu pretendia comparar os dois gêneros, achei oportuno selecionar dois textos que tratassem do mesmo tema. Desse modo, selecionei o artigo *Mindlessness* porque relatava um dos experimentos divulgados no livro de ciência popular de Luttrell. Este autor assinala que os cinco experimentos o inspiraram como profissional e poderiam afetar positivamente a vida de seus leitores, de modo que qualquer um desses estudos seria interessante para a tradução. Contudo, os outros quatro artigos eram longos ou curtos demais, ao passo que o de Langer e colegas tinha o número de laudas ideal (cerca de 22, de 1350 caracteres com espaço cada), que, somado ao do *e-book* (aproximadamente 16 laudas), chegaria próximo ao limite mínimo exigido de 40 laudas para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso.

Ademais, não é apenas Luttrell quem valoriza o primeiro experimento registrado no artigo: podemos encontrar explicações do experimento tanto em *sites* em português<sup>2</sup> quanto em inglês<sup>3</sup>, o que mostra sua importância. Com efeito, Ellen Langer, é considerada a mãe da atenção plena (*mindfulness*, o conceito oposto de *mindlessness*, mencionado no título do artigo) e viajou a diversos países, inclusive o Brasil, para dar palestras sobre o assunto, o que demonstra a pertinência da compreensão de seu trabalho. Contudo, não encontrei uma versão em português do artigo em si, de modo que acredito que minha tradução pode prestar um serviço à comunidade científica da área.

Além de ter o tamanho ideal para os fins deste trabalho e ser escrito por uma psicóloga de renome internacional, o artigo pode ser baixado a partir de diferentes *links* na *internet* no formato PDF. Isso facilita o processo tradutório, pois tive apenas de transformar o arquivo para o formato DOCX para usar a ferramenta de tradução *Google Translator Toolkit*, visto que o arquivo já estava digitalizado.

A obra *5 Amazing*, por sua vez, foi inicialmente escolhida pelo meu interesse em Psicologia, que estudo pessoalmente, e pela didática do autor. O livro é particularmente relevante por beneficiar qualquer leitor crítico, mesmo aquele sem um conhecimento prévio sobre Psicologia, uma vez que seu conteúdo relativo a comportamentos sociais pode alterar a forma como percebemos interações humanas, julgamos e somos julgados.

---

<sup>2</sup> Vide <<http://www.alfanetworks.com.br/noticias/loja-virtual-top-7-gatilhos-mentais-para-alavancar-as-vendas>>, <<http://marcelomaiacursos.com/como-aumentar-seu-poder-de-influencia/>> e <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAhHQwAB/as-armas-persuasao-robert-b-cialdini?part=2>>.

<sup>3</sup> Vide <<https://www.psychologytoday.com/blog/credit-and-blame-work/201201/mindlessness-work>> e <<https://www.dowellwebtools.com/tools/lp/Bo/psyched/18/Xerox-Mindfulness-Experiment>>

No Brasil, também há *blogs* e páginas na *internet* sobre Psicologia que podem ser consultados por leitores que não são especialistas da área, tais como Academia do Psicólogo<sup>4</sup>, Portal da Psique<sup>5</sup> e colunas de jornal redigidas por psicólogos<sup>6</sup>. Contudo, o livro de Luttrell se diferencia desses *sites* porque se ocupa exclusivamente de experimentos da Psicologia Social, resumindo-os em uma linguagem informal. O autor discute os artigos de modo a evidenciar como as conclusões dos experimentos podem ser aplicadas na vida cotidiana para, por exemplo, persuadir outras pessoas a lhe ajudarem, ou conectar-se melhor com os outros. Conforme o professor explica na página do curso que inspirou o livro, aprofundar-se sobre a natureza humana pode beneficiar indivíduos cujos empregos envolvem lidar com outras pessoas, mas também pode interessar a qualquer um que deseje compreender um pouco sobre Psicologia ou adquirir uma nova perspectiva sobre seu modo de vida. Dessa forma, é meu desejo estender os benefícios desse livro para o público brasileiro por meio de minha tradução.

O livro também foi selecionado para a tradução por sua acessibilidade: assim como o artigo, ele é oferecido gratuitamente no formato PDF, o que significa que já está digitalizado, e, portanto, pôde ser traduzido facilmente com o auxílio do *Google Translator Toolkit*. Ademais, é uma obra fechada, isto é, não recebe adições constantes e sem conexão entre si, como ocorre em *blogs*.

O presente trabalho foi organizado em duas partes principais: a reflexão teórica, na qual discuto a tradução de textos científicos em geral, apresento um resumo sobre as características gerais de artigos científicos e de textos de divulgação científica, analiso as estratégias específicas adotadas em inglês em ambos os textos traduzidos e suas semelhanças e diferenças em comparação com textos do mesmo tipo produzidos no Brasil. Nessa seção, visei reunir parte do conhecimento necessário para produzir traduções que soem naturais e, no caso do livro, que também sejam acessíveis ao público leigo brasileiro. Na segunda seção, apresento os relatórios da tradução das obras, nos quais discuto de que forma incorporei o conhecimento adquirido durante a pesquisa teórica à prática tradutória, além dos desafios enfrentados durante o processo tradutório e as soluções encontradas.

---

<sup>4</sup> <<http://academiadopsicologo.com.br/portal/categoria/todos-os-artigos/>>

<sup>5</sup> <<http://www.portaldapsique.com.br/Artigos.htm>>

<sup>6</sup> Como a coluna de Frederico Mattos: <<https://papodehomem.com.br/autores/frederico-mattos#artigos>>. O autor também criou um *blog* com vídeos sobre psicologia: <<http://www.sobreavida.com.br>>.

As traduções que geraram o presente trabalho foram anexadas, espelhadas com o texto original. Cada segmento (doravante seg.), inclusive os que estão em branco (separando parágrafos), foi numerado para que se possa consultá-los com facilidade durante a leitura deste trabalho. Por fim, anexeí também os glossários que elaborei durante a tradução.



# 1 REFLEXÃO TEÓRICA

## 1.1 Reflexão sobre a tradução de textos científicos

Foi estimado que a tradução técnico-científica ocupa cerca de 90% da produção mundial de traduções e 70% da demanda por traduções no Brasil (BYRNE, 2014, p. 6; TEIXEIRA, 2008, p.5). Ao auxiliar a disseminação de informações, a tradução ajuda não apenas a comunidade científica, mas também a sociedade em si, na medida em que contribui para avanços em diversas áreas. (BYRNE, 2014; RESENDE 2011)

Olohan (2016) adverte que, embora o inglês seja a língua franca da ciência, há teóricos como Root-Bernstein e Ladle que defendem que traduzir pesquisas científicas para outras línguas, como mandarim, espanhol, francês, russo e português, pode aumentar o número de leitores e, assim, auxiliar no compartilhamento de ideias e acumular argumentos a favor ou contra hipóteses. A autora comenta que há mais de 300 revistas acadêmicas brasileiras multilíngues disponíveis no *site* da SciELO, e que os usuários do *site* optam por ler em português quando possível, visto que os artigos em português são geralmente mais acessados do que seus equivalentes em outras línguas e as traduções. Em outras palavras, os falantes não nativos do inglês preferem ler em outras línguas quando há escolha, o que justifica a tradução para essas línguas (OLOHAN, 2016, p. 143). Paralelamente, as revistas médicas brasileiras, por exemplo, têm publicado cada vez mais artigos em inglês, a fim de atrair um público leitor no exterior, ampliar a visibilidade das pesquisas nacionais e obter reconhecimento e financiamento para seus projetos (RESENDE, 2011, p. 15).

De fato, algumas revistas tomaram a iniciativa de publicar todo o seu conteúdo em duas línguas, embora os periódicos que traduzam seus artigos sejam a minoria em uma escala global. Em vez disso, costuma-se publicar resumos em duas ou três línguas, que normalmente são traduções do resumo da língua na qual o artigo foi escrito. No Brasil em especial, muitos periódicos não fornecem serviços de tradução, como é o caso da revista *Química Nova*, que aceita artigos em inglês, português e espanhol, mas não os traduz. Por outro lado, os *Arquivos Brasileiros de Cardiologia* propuseram-se a traduzir qualquer artigo que não seja enviado em inglês, sem cobrar o serviço do autor (OLOHAN, 2016, p. 143).

Não obstante a alta demanda por esse tipo de tradução e da sua importância

para a sociedade, pouco se sabe sobre as características desse trabalho. Quanto à tradução especificamente da divulgação da ciência, a maioria dos textos teóricos a respeito do assunto estuda principalmente a popularização sob a ótica jornalística e de artigos de revista de divulgação científica, o que significa que o estudo da tradução de outros gêneros da ciência popular, como livros e documentários, por exemplo, ainda precisa ser aprofundado. Um caso interessante de se estudar, por exemplo, são *sites* de centros de pesquisa que disponibilizam informações sobre suas atividades a um público não especialista, frequentemente destacando a utilidade ou aplicabilidade de sua pesquisa. (OLOHAN, 2016)

Cronin (*apud* RESENDE, 2011, p. 15) afirma que, na verdade, quase toda a teoria sobre tradução é voltada para a área literária. Byrne (2014, p. 8) reitera essa observação ao apontar que teóricos da tradução dedicaram-se pouco aos textos técnico-científicos, de modo que nenhuma das teorias tradicionais é direcionada especificamente para esse tipo de texto. Alternativamente, foram desenvolvidos modelos gerais, ou de alguns tipos em particular de tradução, como a literária.

Resende (2011, p. 103), por exemplo, adaptou o modelo literário de Lambert e Van Gorp para analisar traduções técnicas, principalmente de artigos. A autora apontou quais aspectos de textos técnico-científicos integrariam cada um dos quatro níveis propostos. O primeiro, voltado aos dados preliminares, inclui informações como o tipo de artigo (original, revisão, estudo de caso), as regras de publicação e periodicidade da revista em que ele foi publicado e paratextos. A macroestrutura (segundo nível) diz respeito à organização do artigo em si, e a microestrutura (terceiro nível) consiste nas escolhas gramaticais, lexicais, formais e estilísticas, entre outros elementos. O quarto nível, denominado contexto sistêmico, envolve as relações macro e micro sistêmicas, como a relação entre o autor e o leitor e o tema do artigo.

Similarmente, em uma teoria mais geral da tradução, Newmark (1998, p. 15) argumenta que o tradutor deve tentar descobrir o local da publicação ou a editora do texto original, bem como a revista ou periódico equivalente na língua para qual se traduz. Alternativamente, o tradutor pode procurar saber mais sobre quem é o cliente que o contratou e quais são suas exigências. Uma empresa pode exigir, por exemplo, que a tradução tenha títulos ou parágrafos mais curtos, ou elimine subtítulos, o que mostra a importância de se conhecer a linha editorial do cliente.

O teórico ainda delineia outras formas de abordar um texto, como realizar uma leitura completa do texto duas ou três vezes para que se possa identificar a intenção,

registro, tom e passagens ou palavras complexas para que se possa estimar os passos necessários para o trabalho. Da mesma forma, Byrne (2014) e Olohan (2016) defendem a importância de o tradutor conhecer as características principais dos tipos textuais técnico-científicos, tanto da língua de partida quanto de chegada (tais como tema, público e função do texto), para que possa antecipar desafios da tradução.

A intenção, isto é, o propósito de um texto, representa a atitude do autor quanto ao conteúdo e influencia a forma como o tema é discutido, na medida em que diferentes textos podem tratar de um mesmo tema, mas empregar diferentes tipos de linguagens e estruturas gramaticais, como o uso da voz passiva e impessoalização (NEWMARK, 1998, p. 12-13). Os dois textos traduzidos neste trabalho são um exemplo claro da influência da intenção do autor sobre o tema, visto que ambos descrevem de maneiras distintas experimentos na área da Psicologia Social, pois o artigo científico visa a contribuir para a teoria de uma área do saber, enquanto o *e-book* de popularização da ciência intenciona entreter e informar um público leigo.

Contudo, nem sempre a intenção do original será a mesma da tradução. Uma pesquisa publicada em uma revista acadêmica, por exemplo, pode ser encomendada para a tradução por um pesquisador ou uma organização que precisa apenas consultar um artigo publicado em uma língua na qual ele(a) não tenha fluência. Com efeito, muitas instituições nacionais e internacionais, governamentais ou não, precisam manter-se informadas sobre as descobertas de uma determinada disciplina da ciência, apesar de elas mesmas não realizarem pesquisas, por isso encomendam a tradução de artigos. Em suma, uma tradução não precisa necessariamente ser encomendada para publicação, mas sim para uso pessoal ou circulação interna. (OLOHAN, 2016, p. 144-145)

No caso do livro *5 Amazing*, acordei com o autor, Andrew Luttrell, que eu lhe entregaria minha tradução após terminar o presente Trabalho de Conclusão de Curso, para que ele pudesse disponibilizá-la em seu *blog*, a fim de alcançar um público brasileiro. Por outro lado, o artigo *Mindlessness* foi publicado há quase quatro décadas, e desde então a autora principal, Ellen Langer, publicou dezenas de outros artigos sobre o assunto. Apesar de ser um artigo importante – como o próprio Luttrell e diferentes *sites* em português e inglês demonstram ao explicarem o primeiro experimento relatado no trabalho – acredito que a tradução provavelmente seria encomendada para o uso pessoal de um acadêmico, um estudante de Psicologia, ou até mesmo por uma empresa interessada nos benefícios da atenção plena.

As características do texto também estão relacionadas ao seu público-alvo. Como Newmark (1998, p. 12-15) adverte, a variedade da linguagem do original pode ser usada para se deduzir o nível de escolaridade, a classe, a idade e o gênero do público-alvo. O autor lista três possíveis tipos de leitores: o especialista, o leigo com formação e o desinformado. Ao mesmo tempo, Newmark afirma que os textos que costumam ser traduzidos geralmente têm uma linguagem informal, mas não coloquial, e destinam-se a pessoas escolarizadas da classe média.

Byrne (2014, p. 37) também destaca a importância de saber quem será o público leitor, que pode ser deduzido pelo contexto ou pelo tipo de texto. Como Newmark (1998), Byrne (op. cit.) aconselha que se mantenha em mente o nível de escolaridade do público-alvo, uma vez que ele indica qual registro da linguagem será mais adequado para a tradução. Uma linguagem simples demais, por exemplo, seria adequada para pessoas com um nível mais baixo de escolaridade, mas pode frustrar um público mais culto.

Outros traços que devem ser considerados para a adoção de uma postura tradutória são as escalas de formalidade (registro) e de tom emocional. Newmark (1998, p. 14-15) sugere os seguintes graus de formalidade: “oficiais” (*officialese*), oficial, formal, neutro, informal, coloquial, jargão e tabu. Quanto aos tons, classifica-os em intenso (quente), morno, factual (*cool*) e atenuação (*understatement*, frio). Em ambas as classificações, o autor forneceu exemplos, que mostram uma correlação entre formalidade e tom emocional, uma vez que é mais provável que um estilo oficial seja factual, ao passo que uma linguagem coloquial ou com uso de gírias tenha um tom intenso.

O humor (*mood*) faz parte do nível coesivo do texto, que é mais geral e gramatical e está relacionado à estruturação das ideias por meio de conectivos, artigos, sinônimos referenciais, bem como à linha de pensamento e às variações entre uma posição positiva, negativa ou neutra. Apesar de ser difícil acompanhar a linha de pensamento do texto, compreender o nível coesivo ajuda o tradutor na escolha da ênfase usada nas expressões traduzidas. (NEWMARK, 1998, p. 23-24)

Enfim, para Newmark (1998, p. 24-26), a maioria das traduções deve fazer sentido e usar a linguagem adequada para o contexto, de forma a soarem naturais (exceto, por exemplo, algumas obras cujos autores têm um estilo peculiar, que deve ser reproduzido). A observação de todos os fatores supracitados – o local de publicação, estilo do autor, tom, formalidade, tema, público-alvo e a intenção do texto

– também influenciam a naturalidade da tradução. Por outro lado, muitas vezes, a naturalidade só pode ser alcançada se o tradutor se distanciar do original, revisando sua tradução como se não existisse um original.

Teixeira (2008, p. 6) também aponta a naturalidade como um fator necessário para o sucesso de uma tradução técnico-científica, mas associa essa qualidade também à boa redação do tradutor e ao conhecimento dos conceitos e termos da área. Ressalta que o mero uso correto da terminologia especializada não garante fluência na tradução, pois é necessário que o tradutor também conforme seu modo de dizer ao da comunidade linguística e subárea envolvidas. Assim, ele deve produzir frases e colocações que não sejam apenas gramaticalmente possíveis e corretas, mas prováveis de ocorrerem naquele contexto, isto é, que sejam estilisticamente apropriadas. (TEIXEIRA, 2008)

O mesmo se aplica à tradução de textos de divulgação científica, conforme Santos (2013, p. 113) constatou. Para a autora, traduções que soam como se fossem originalmente escritas na língua de chegada ampliam a acessibilidade do texto e oferecem uma boa experiência de leitura.

É minha intenção criar uma tradução que soe natural, por isso, nas próximas seções, ilustrarei características típicas de artigos científicos e textos de divulgação científica por meio de exemplos concretos dos próprios originais, além de ressaltar as condições de produção e recepção do livro e do artigo e analisar dados preliminares e aspectos macro e microestruturais. Dessa forma, poderei apontar possíveis problemas e estratégias tradutórias a partir da identificação dos elementos marcantes dos textos e seus equivalentes em português.

Os trechos das obras que ilustram um recurso em particular foram destacados em tabelas, e o número do segmento que eles ocupam nas traduções espelhadas anexadas foi adicionado ao final do trecho, para que se possa consultar sua tradução ou contexto.

## **1.2 Visão geral sobre artigos científicos**

Os chamados textos científicos subdividem-se em muitos gêneros, tais como monografias, dissertações, teses e o artigo científico. Estes são resultados de estudos completos, mas expõem a pesquisa de forma direta e concisa, por isso são mais curtos

do que os outros trabalhos científicos. Os artigos podem inclusive ser a síntese de uma dissertação ou tese. (RESENDE, 2011, p. 66)

De todos esses textos científicos, os artigos são o gênero mais prestigioso para a maioria das disciplinas científicas, assim como periódicos científicos constituem o principal canal de disseminação de conhecimento e são responsáveis pela consolidação das áreas do saber (HYLAND, 2010, p. 117; OLHOAN, 2016, p. 149; SABADINI; SAMPAIO; KOLLER, 2009, p. 37). A credibilidade e valor dos artigos se justifica em parte pelo rigor da revisão por pares, que contribui para o processo de transformar opiniões e ideias em conhecimento (HYLAND, 2010, p. 117). Como mencionamos anteriormente, a publicação em periódicos internacionais visa, além da divulgação do trabalho do autor, a obtenção de financiamento, reconhecimento, posições acadêmicas superiores e de prestígio (OLOHAN, 2010; RESENDE, 2011, p. 108). Com efeito, pesquisadores são julgados pela comunidade científica nacional e internacional por sua habilidade em publicar em periódicos internacionais (OLOHAN, 2010, p. 139; RESENDE, 2011, p. 108).

Artigos geralmente são lidos porque se relacionam direta ou indiretamente ao trabalho do leitor especialista, porque trazem uma contribuição relevante para sua própria pesquisa, ou porque o leitor, como membro da comunidade científica, precisa se posicionar contra ou a favor das hipóteses testadas em determinado artigo. Em ambos os casos, faz-se necessária uma leitura cautelosa e atenta (OLOHAN, 2016, p. 137-138). Uma vez que artigos são escritos por especialistas para seus colegas da comunidade científica, os autores assumem que seus leitores já conhecem ao menos parte de seu referencial teórico e da metodologia adotada. Dessa forma, apresentam seus dados com exatidão e os interpretam com cautela, usando terminologia científica, acrônimos, referências a métodos e materiais específicos. Hyland (2010, p. 118) caracteriza os artigos como um “discurso de exclusividade” (*discourse of exclusivity*). Nas suas palavras, “A narrative of science, then, traces what is of interest to the discipline, employing rhetorical and linguistic choices which imply anonymity, precision, induction, comprehensiveness, and specialist knowledge of methods<sup>7</sup>” (HYLAND, 2010, p. 120).

---

<sup>7</sup> Uma narrativa da ciência, então, traça o que é de interesse para a disciplina, empregando escolhas retóricas e linguísticas que implicam anonimato, precisão, indução, abrangência e conhecimento especializado de métodos.

A origem dos atuais artigos científicos começou com a publicação em jornais de correspondências informativas trocadas entre pesquisadores. Como os artigos originaram-se de cartas, eram escritos na primeira pessoa e eram muito extensos. Contudo, os jornais ofereceram um espaço para a discussão das pesquisas e, gradativamente, a ciência deixou de ser uma ocupação amadora e individual e se transformou em uma indústria composta por um grupo de especialistas altamente treinados, financiados por governos e empresas. Os artigos passaram a se organizar melhor por meio de seções e a apresentar gráficos mais complexos e referências mais completas. Além disso, tornaram-se mais abstratos, mais compactos, com uma alta densidade de informações e mais centrados na pesquisa em si do que no próprio pesquisador. Ao se diminuir o papel do pesquisador na obtenção dos resultados, reduziu-se também a responsabilidade individual. Essas mudanças produziram um discurso confiável, objetivo e marcado pela racionalidade e tecnicismo. (BYRNE, 2014, p. 74-75; HYLAND, 2010, p. 116; OLOHAN, 2016, 149 e 158; RESENDE, 2011, p. 65)

Contudo, conforme Hyland (op. cit.) aponta, apesar da densidade lexical, nominalizações e outros recursos linguísticos que visam ao anonimato, os textos acadêmicos não são desprovidos de sinais da presença do autor. Cientistas usam a língua para apresentar um relato confiável de seus trabalhos, discutindo suas escolhas metodológicas, indicando sua posição sobre o conteúdo e demonstrando solidariedade com os leitores ao reconhecer pontos de vista alternativos.

Em suma, artigos científicos buscam relatar pesquisas inéditas e convencer membros da comunidade científica da validade das observações escritas. Para isso, os autores procuram o equilíbrio certo entre cautela e assertividade, estabelecem conexões com teorias já aceitas naquela disciplina e organizam seu texto segundo uma estrutura desenvolvida ao longo de séculos de tradição. Na análise do artigo *Mindlessness* a seguir, veremos as estratégias específicas adotadas para alcançar esses objetivos.

### **1.3 *The Mindlessness of Ostensibly Thoughtful Action***

O artigo *The Mindlessness of Ostensibly Thoughtful Action: The Role of "Placebic" Information in Interpersonal Interaction* foi publicado em 1978, no *Journal of Personality and Social Psychology*, que é um periódico científico mensal

revisado por pares com ênfase em relatórios empíricos (*empirical reports*), mas inclui publicações teóricas, metodológicas e artigos de revisão. É publicado desde 1965 pela APA (American Psychological Association), a maior organização científica e profissional de psicólogos nos Estados Unidos.

A autora principal, Ellen Langer<sup>8</sup>, é uma das figuras mais importantes da Psicologia Social. A psicóloga é referida como a mãe da Psicologia Positiva e também da atenção plena (*mindfulness*) devido aos seus numerosos estudos e publicações na área, que começaram há quase quatro décadas. Entre os assuntos relacionados ao tema, ela discorre sobre envelhecimento atento, estresse e saúde. A psicóloga fundou o *Langer Mindfulness Institute*, cujos serviços de consultoria forneceram conselhos sobre liderança atenta, inovação, etc., tanto a empresas como o Banco Santander quanto a organizações não governamentais.

Langer foi a primeira professora mulher a se tornar catedrática no Departamento de Psicologia de Harvard, nos EUA, em 1981. É autora de 11 livros, como *Counterclockwise: Mindful Health and the Power of Possibility*, *Mindfulness* e *The Power of Mindful Learning*, e escreveu nos últimos 35 anos mais de 200 artigos sobre a atenção plena, destinados tanto a um público geral quanto ao acadêmico. Isso significa que o artigo em apreço é uma de suas primeiras publicações, já que foi escrito há 39 anos.

Em 2014, a autora deu palestras em São Paulo na HSM (plataforma de conhecimento) Expomanagement, em São Paulo, e também participou do fórum *Harvard Business Review Brasil Liderança*, patrocinado pelo Senac São Paulo. Como se pode notar pela sua participação em eventos relacionados a negócios, sua pesquisa também interessa a empresas, motivo pelo qual podemos encontrar reportagens sobre suas ideias na *Época Negócios* (ABDALLAH; BOURROUL, 2015; CALDAS, 2015), menções a seu trabalho em matérias sobre atenção plena<sup>9</sup> e entrevistas concedidas a periódicos brasileiros, como o *Harvard Business Review Brasil*.

O artigo *Mindlessness* relata três experimentos realizados com o propósito de comprovar a hipótese de que indivíduos interagem entre si, tanto oralmente quanto na forma escrita, sem realmente estarem conscientes de alguns detalhes da conversa que

---

<sup>8</sup> Todos os dados sobre a carreira de Langer, exceto sobre suas palestras no Brasil, foram tirados de seu site, <<http://www.ellenlanger.com/about/>>. As palestras no Brasil foram mencionadas nas duas reportagens citadas nesta seção (ABDALLAH; BOURROUL, 2015; CALDAS, 2015).

<sup>9</sup> Como exemplo, temos *O que é meditação “mindfulness” e porque se fala tanto nela*, do site sobre ciência HypeScience, e *Atenção: note o mundo ao redor*, do site do movimento Ação para Felicidade.



podem ser importantes. Trata-se de um comportamento desatento (*mindless behavior*) que *parece* ser consciente, mas, na verdade, informações novas não estão sendo processadas. Em vez disso, o indivíduo capta algumas informações encontradas várias vezes em outras situações similares à situação atual, as quais sinalizam um padrão – um *script* (roteiro, esquema) – de como é esperado que ele aja. É a partir dessas informações verbais semelhantes e repetidas que o sujeito toma suas decisões. Contudo, nos comportamos de maneira mais atenta, refletindo melhor sobre a informação recebida, se: a) a mensagem for dita de uma forma estruturalmente nova, ou seja, de um modo diferente do que estamos acostumados a ouvir ou ler (mesmo que o conteúdo seja semelhante ao usual); ou b) precisamos nos esforçar para responder à mensagem.

O primeiro experimento testava a atenção dos participantes em interações orais e envolvia três versões de um pedido para o pesquisador usar uma máquina de xerox na biblioteca antes do usuário que estava prestes a usá-la. A primeira versão continha apenas um pedido para passar na frente da fila; a segunda era o pedido acompanhado de uma justificativa razoável; a terceira era o pedido acompanhado de uma justificativa fraca. O número de pessoas que concordaram em deixar o pesquisador passar na frente quando ele ofereceu uma das justificativas (fosse a razoável, fosse a fraca) foi semelhante quando ele tinha poucas páginas para copiar. Contudo, quando havia muitas páginas para serem xerocadas (e, portanto, requeriam um mínimo de esforço para ser respondido), os participantes prestaram mais atenção e, assim, recusaram com maior frequência quando o motivo fornecido era fraco.

O segundo e terceiro experimentos testaram a atenção de participantes em interações escritas ao envolvê-los em uma situação com características de um *script*, ou seja, de um roteiro já definido pela mente e que é seguido sem muita consciência. Para isso, os pesquisadores enviaram aos participantes cartas ou memorandos (dependendo do estudo) que supostamente teriam a mesma estrutura das cartas e memorandos que os participantes normalmente recebiam, e, portanto, já foram internalizados e esquematizados em suas mentes. Dessa forma, ao se deparar com esses documentos, a mente identificaria um padrão familiar e levaria o participante a agir como sempre. Também foram enviadas cartas e memorandos que fossem estruturalmente novos e, portanto, requereriam maior atenção do cérebro para serem processadas. Ambas as correspondências roteirizadas e estruturalmente novas não mencionavam nada significativo, mas requeriam que o sujeito as devolvesse pelo

correio. Se o sujeito estivesse prestando atenção, notaria que não fazia sentido responder à correspondência, mas, se um *script* fosse ativado pelas características comuns do texto, ele retornaria a carta ou memorando, porque já estava acostumado a ter de responder cartas escritas daquela forma.

Os resultados do segundo experimento mostraram que os pesquisadores presumiram erroneamente o que seria uma comunicação que ativaria um *script*. Por isso, após um estudo mais cuidadoso, fizeram o experimento 3, corrigindo os erros do experimento 2. No último experimento, a proporção de indivíduos que respondeu à correspondência roteirizada foi de fato maior do que a proporção que respondeu à correspondência estruturalmente nova, indicando que o primeiro grupo (das cartas roteirizadas) estava prestando menos atenção do que o segundo (das cartas estruturalmente novas). Esses dados foram ordenados da seguinte forma no artigo:

1. Título
2. Autores e nomes de suas instituições
3. Resumo
4. Texto introdutório
5. Experimento 1
  - a. Método
    - i. Participantes
    - ii. Procedimento
  - b. Resultados e Discussão
6. Experimento 2
  - a. Método
    - i. Participantes
    - ii. Procedimento
  - b. Resultados e Discussão
7. Experimento 3
  - a. Método
  - b. Resultados e Discussão
8. Conclusões
9. Referências

Resende (2011) enfatiza a importância de se analisar a estrutura do artigo científico, na medida em que se trata de um gênero textual consagrado, com um formato geralmente fixo, salvo algumas variações estruturais, como a inclusão de Participantes dentro da seção de Métodos. A autora apresenta algumas teorias sobre a organização de um artigo científico, como a estrutura sistematizada por Costa (*apud* RESENDE, 2011, p. 74), composta de: 1. Preliminares: Título, autor(es); 2. Corpo do artigo: introdução, texto e conclusão; 3. Parte Referencial: bibliografias. Percebe-se,

assim, que o artigo em apreço está de acordo com o estudo de Costa (*apud* RESENDE, 2011, p. 74). Curiosamente, o experimento 3, apesar de mencionar o procedimento e participantes, não os separa por meio de título, ao contrário dos outros dois experimentos.

Artigos científicos, principalmente na língua inglesa, são normalmente divididos em seções intituladas de Introdução, Método, Resultados e Discussão – organização essa abreviada para IMRAD (do inglês, *Introduction, Methods, Results And Discussion*) (OLOHAN, 2016, p. 150; RESENDE, 2011, p. 67). Byrne (2014, p. 63) também menciona esse modelo, mas descreve outra estrutura comum a artigos: Resumo; Introdução, Materiais; Procedimento; Resultados; Conclusão; Referências.

A APA (*American Psychological Association*) descreve essa mesma estrutura para artigos de estudos empíricos (SABADINI; SAMPAIO; KOLLER, 2009), que é o caso de *Mindlessness*. Quanto à estrutura textual de artigos científicos especificamente na área de Psicologia no Brasil, o livro *Publicar em Psicologia: um enfoque para a revista científica*, de Sabadini, Sampaio e Koller (2009), aconselha a seguinte organização: Título, Autoria, Resumo, Palavras-chave, Introdução e Desenvolvimento, subdividido em Método, Resultados, Discussão, Conclusão ou Considerações Finais. É interessante notar que o artigo sobre comportamento desatento se diferencia um pouco dos modelos por unir resultados e discussão na mesma seção, mas essa união pode ser operada para simplificar o artigo (SABADINI; SAMPAIO; KOLLER, 2009). Dessa forma, a estrutura do artigo *Mindlessness* deve ser mantida durante a tradução. O único aspecto possivelmente problemático é a falta de coerência na organização dos três experimentos, visto que o terceiro não apresenta uma subdivisão para Participantes e Procedimentos, ao contrário dos outros dois.

Isto posto, passarei a analisar cada seção e suas respectivas características típicas e, quando for oportuno, relacionarei essas características a traços gerais de um artigo que não pertencem necessariamente a apenas uma seção ou à linha editorial de uma revista acadêmica em particular. É necessário lembrar que, conforme mencionado no item 1.1, supus que minha tradução poderia ter sido encomendada para o uso pessoal de um acadêmico, ou até mesmo por uma empresa. Em ambos os casos, a tradução não seria publicada, por isso não consultei uma linha editorial de um periódico acadêmico que pudesse ter encomendado a tradução. Em vez disso, estudei os aspectos gerais da redação de um artigo científico em português, de modo que a linguagem da tradução fosse adequada para um público acadêmico em geral.

Essa organização diferencia-se da análise do *e-book* de ciência popular, encontrada mais adiante, no item 1.5, no qual foram destacadas as características gerais do texto independentemente da estrutura interna do livro. Isso se deve ao fato de que há várias formas de divulgação científica, cada uma escrita em um formato particular – diferentemente dos artigos científicos, que tem a organização consagrada IMRAD.

### 1.3.1 Título e Resumo (Abstract)

O título do artigo está em conformidade com a observação de Olohan (2016, p. 178) de que são comuns títulos longos nesse tipo de texto, bem como a divisão por meio dos dois pontos. Quanto ao resumo, ele costuma ser usado para catalogar e arquivar artigos de pesquisa, além de auxiliar o leitor a selecionar qual trabalho lerá integralmente (OLOHAN, 2016, p. 159-160; BYRNE, 2014 p. 63). Por esse motivo, é uma ferramenta de pesquisa e uma espécie de propaganda para o estudo, de forma que pode funcionar como um gênero independente do artigo (OLOHAN, op. cit.). Devido ao seu papel decisivo para a escolha do leitor, Byrne (op. cit.) alerta que o tradutor deve evitar traduzir de forma ambígua essa seção, mesmo que o original esteja confuso.

O resumo é um texto que condensa as “macroproposições” do artigo, por isso espera-se que ele apresente as etapas da investigação científica (OLOHAN, op. cit.; SABADINI; SAMPAIO; KOLLER, 2009, p. 127). Olohan (2016) expõe o modelo de Hyland dos cinco movimentos (*moves*) contidos em um resumo, a saber:

1. Introdução: contextualiza o trabalho e estimula pesquisas para discussão;
2. Propósito: declara o objetivo, tese ou hipótese do trabalho;
3. Método: descreve os procedimentos, abordagem, etc.;
4. Produto: resume os principais resultados ou o que foi realizado;
5. Conclusão: interpreta os resultados, indicando suas aplicações ou possíveis implicações, ou os estende para além do âmbito da obra.

Apenas cinco por cento dos trabalhos analisados por Hyland (*apud* OLOHAN, 2016, p. 160) incluíram os cinco passos, embora a maioria declarasse o propósito do trabalho. Outro estudo, de Samraj (*apud* OLOHAN, op. cit.), observou que cerca de

metade dos resumos analisados continham a seção de métodos, não obstante ela ser uma parte importante das pesquisas. Dessa forma, percebe-se que resumos não são uma mera sinopse do artigo, mas sim um conjunto de movimentos retóricos importantes.

Curiosamente, no caso de Langer, Blank e Chanowitz, a primeira etapa (contextualização) foi ignorada. Apesar de o estilo do resumo variar de acordo com a disciplina em que está inserido, a introdução normalmente enfatiza a pertinência do assunto ao destacar os benefícios, a inovação ou a importância da pesquisa, por exemplo. Langer, Blank e Chanowitz, por sua vez, mostram a relevância de seu estudo na conclusão do resumo, uma vez que declaram que os resultados levam ao questionamento de teorias já estabelecidas. Contudo, essa afirmação faz parte das implicações do estudo e é apresentada na última frase do resumo, por isso não pode funcionar como uma introdução. No lugar dela, vemos uma prevalência dos métodos, que ocupam os segs. 13 e 14, na tradução espelhada, Anexo I do Volume II, enquanto outros movimentos ocupam apenas uma frase cada.

Além dos métodos serem priorizados em termos de tamanho, foram descritos junto com uma das hipóteses (sinalizada por “to test the hypothesis that...”), e antes da segunda hipótese (anunciada em “It was hypothesized that...”), parte da etapa Propósito. Um estudo de Martin-Martin (exposto por Olohan, 2016, p. 162-164) investigou as diferenças e semelhanças entre resumos em inglês publicados em periódicos internacionais e resumos em espanhol publicados em periódicos espanhóis, todos de artigos das ciências sociais. Os resultados do estudo destoam do que vemos no artigo de Langer e colegas, na medida em que os resumos nas duas línguas continham uma seção sobre os métodos, mas ela era curta (ao contrário do resumo de Langer, Blank e Chanowitz).

A seção da conclusão estava presente na maioria dos resumos em inglês e espanhol reunidos por Martin-Martin (*apud* OLOHAN, 2016, p. 162-164), geralmente no tempo presente. O mesmo pode ser observado no resumo de Langer: “Social psychological theories (...) *are questioned* in light of these results” (seg. 17).

Por fim, Martin-Martin (*apud* OLOHAN, 2016, p. 162-164) concluiu que os resumos nas duas línguas apresentavam o propósito do estudo e demonstravam a importância do trabalho para a ciência, mas os resumos em inglês justificaram mais o trabalho no campo de pesquisa, indicando, por exemplo, uma lacuna nas pesquisas. Segundo o resumo de Olohan, Martin-Martin acredita que espanhóis não fazem isso

porque consideram inadequado criticar o trabalho de um colega ao estabelecer um nicho, uma vez que estão situados em uma comunidade pequena e, portanto, menos competitiva. Algo semelhante ocorreu em uma pesquisa comparativa entre resumos em inglês e francês realizada por Van Bonn e Swales (*apud* OLOHAN, 2016, p. 161-162). Langer, Blank e Chanowitz, por outro lado, não apresentaram a mesma preocupação em serem lidos e publicados em um contexto mais amplo e competitivo, pois não se referiram a outros estudos nem defenderam a relevância de seu estudo.

O estudo de Van Bonn e Swales (*apud* OLOHAN, 2016) também revelou que os resumos em inglês usam pronomes na primeira pessoa com maior frequência que os em francês, e a flexionavam no singular ou plural conforme o número de autores – ao contrário do observado em francês, que usou a primeira pessoa do plural mesmo quando havia apenas um autor. Mais uma vez Langer e colegas se diferenciam dos resultados do estudo de Van Bonn e Swales, uma vez que não usaram a primeira pessoa em nenhuma frase do resumo.

#### **1.3.1.1 Comparação com o Título e Resumo de artigos brasileiros**

Sabadini, Sampaio e Koller (2009) listam alguns critérios para a elaboração de um título, como clareza, criatividade e qualidade dos vocábulos. Esta última recomendação refere-se ao uso de palavras “parasitárias”, como “contribuição”, “investigação”, “vários” e “alguns”. Como essas palavras não contribuem para a compreensão do conteúdo, elas devem ser evitadas em títulos; uma orientação seguida no artigo *Mindlessness*. A APA também recomenda que o título não ultrapasse 12 palavras – requisito atendido neste artigo, cujo título apresenta 6 palavras.

Sabadini, Sampaio e Koller, (2009, p. 127) apresentam diretrizes para a elaboração de um resumo de um artigo de Psicologia em português, como escrever no máximo 960 caracteres, utilizar a terceira pessoa do singular, elaborar frases diretas sempre que possível e evitar referências a outros estudos. Essa última recomendação contrasta com os estudos supracitados de Martin-Martin e de Van Bonn e Swales (*apud* OLOHAN, 2016), que notaram que os resumos em inglês faziam mais referências a outras pesquisas do que em outros países. A falta de referências e a ausência da primeira pessoa no resumo de Langer e colegas, portanto, mostram-se vantajosas para a tradução, visto que há mais chances de ele ser aceito pela comunidade científica brasileira.

Outro aspecto positivo para a tradução do artigo é o número de caracteres com espaço do resumo, 850 – abaixo do limite sugerido por Sabadini, Sampaio e Koller, (2009). Devido a variados fatores, como as flexões que ocorrem nos verbos na língua portuguesa, é comum a tradução ter mais caracteres que o original, mas ela não ultrapassou o limite imposto.

Chamou minha atenção inicialmente o fato de o resumo não ser acompanhado de palavras-chave, como costumamos ver em trabalhos acadêmicos brasileiros. Na tese de Resende (2011), por exemplo, compararam-se as versões do português para o inglês de cinco artigos científicos, e todos continham palavras-chave, mantidas na tradução. Contudo, nenhum dos outros quatro experimentos citados no *e-book* de Luttrell incluía palavras-chave. Sabadini, Sampaio e Koller, (2009) observaram que artigos de periódicos da língua inglesa, incluindo os editados pela APA, não trazem todos os elementos de artigos brasileiros, como palavras-chave. As autoras acreditam que as revistas brasileiras usam esses elementos para garantir a visibilidade do artigo.

Como tradutora, eu poderia assinalar a falta de palavras-chave ao cliente hipotético que encomendou meus serviços e poderia oferecer sugestões baseadas nas minhas leituras do texto, como *mindlessness*, *script* e *relevant information* (desatenção, *script* e informação relevante).

### 1.3.2 Introdução

A introdução do artigo escolhido não contém um título, mas o texto antecede os experimentos e apresenta algumas das características típicas dessa seção do texto. Sabadini, Sampaio e Koller, (2009, p. 132) afirmaram que não há necessidade de se rotular essa parte do texto, por ser claramente identificada, apesar de algumas revistas a intitulem.

Byrne (2014, p. 163) expõe sucintamente o objetivo dessa seção: fornecer informações gerais, geralmente por meio de referências à literatura da área, para contextualizar o trabalho. O autor ainda adverte sobre a cautela que o tradutor deve ter em relação às citações e referências no momento de reproduzi-las, traduzi-las ou transcrevê-las.

Swales (*apud* RESENDE, 2011, p. 59) propôs seu próprio modelo alternativo que descreve artigos científicos em inglês, o CARS (*Create a Research Space* – Crie um espaço para pesquisa). Nesse modelo, ele indica blocos retóricos chamados

movimentos (*moves*, como na teoria de Hyland supracitada). Olohan (2016, p. 149-155) também explica a teoria de Swales e contextualiza o CARS. Para ela, autores acadêmicos competem entre si pela oportunidade de divulgar suas pesquisas para que suas ideias sejam notadas e aceitas por outros especialistas. Assim, os cientistas escritores empregam uma série de estratégias – ou melhor, de movimentos – para demonstrar a importância de seu artigo nesse contexto competitivo. Cada movimento é realizado por meio de passos opcionais ou obrigatórios, e o autor pode usar todos ou apenas um deles. Olohan (2016, p. 151) fornece uma tabela com alguns desses passos, a qual não reproduzirei porque a maioria dos pontos não está presente na introdução do artigo em apreço ou já foi coberta por Resende (2011), a seguir:

O movimento 1 trata do estabelecimento do território, os três passos opcionais deste movimento podem ser (i) a reivindicação da centralidade, ou (ii) a produção de uma generalização temática, ou (iii) a revisão de itens de pesquisas anteriores. O autor pode usar os três ou apenas um deles. O movimento 2 trata do estabelecimento de um nicho, tendo como passos opcionais (i) a construção de contra-argumentações, ou (ii) a indicação de ausências, ou (iii) a proposição de questões, ou (iv) a continuação das questões antigas e tradicionais; e o movimento 3 trata da ocupação do nicho, tendo três passos opcionais, (i) o delineamento de objetivos, e (ii) a anunciação da pesquisa, ou (iii) a anunciação dos achados, ou (iv) a estruturação da pesquisa. (RESENDE, 2011, p. 59)

Ao revisarem itens de pesquisas anteriores no início da introdução (nos segs. 23 e 24), Langer, Blank e Chanowitz realizam o passo iii do primeiro movimento, sinalizado pela frase “Social psychology is *replete with* theories that take for granted the ‘fact’ that people think”. O trecho destacado reforça a impressão de que a pesquisa está inserida em um território reconhecido.

Desde o começo da introdução os autores criticam de forma irônica essas teorias, primeiro na pergunta feita no primeiro parágrafo (“The view is *flattering, perhaps*, but is it an accurate accounting of covert human behavior?”, seg. 21) e depois com as aspas em “fato” (na frase citada no parágrafo anterior). Após essas insinuações irônicas, os autores questionam se essas teorias elaboradas a partir de experimentos laboratoriais realmente refletem a forma como indivíduos agem em situações cotidianas (segs. 25 a 28). Langer, Blank e Chanowitz alegam que, apesar de essa questão não ser nova, suas implicações precisam ser aprofundadas (segs. 29 a 31). Assim, no segundo movimento, os autores indicaram uma lacuna na pesquisa (passo ii) e propõem uma questão (passo iii) relacionada a questões antigas (passo iv).



Por outro lado, na seção da Conclusão do artigo, os autores mostram-se mais neutros ao criticarem certas teses, pois usam a primeira pessoa do plural inclusiva para sugerir que “nós, cientistas em geral,” precisamos repensar as teorias elaboradas a partir de experimentos realizados em laboratórios (como se pode ver no seg. 265 no Anexo I, Volume II). Embora seja aceitável criticar outros estudos (como vimos na análise sobre resumos, item 1.3.1), a ironia usada parece afastar-se da neutralidade e distanciamento desse gênero, mesmo em inglês. Dessa forma, acredito que o tom irônico seja uma característica marcante dos sujeitos autores, de modo que decidi preservá-lo em minha tradução.

Ademais, apenas na introdução, os autores fizeram três perguntas (nos segs. 21, 32 e 33) e ainda fazem mais uma em outra seção do artigo (no seg. 260). Hyland (2010, p. 125-126) notou que essa estratégia é rara em artigos de variadas áreas da ciência e engenharia e costuma ser mais usada em artigos de divulgação, para se aproximar do leitor e engajá-lo na questão científica. No caso de Langer, Blank e Chanowitz, as três perguntas na introdução são usadas para levar o leitor a questionar a validade de teorias já estabelecidas. Essa estratégia também será discutida na análise do livro de ciência popular, de Luttrell, no item 1.5.1.

Após fazer tais questionamentos, Langer, Blank e Chanowitz relacionam sua hipótese sobre comportamento desatento com teorias sobre *script*, esclarecendo em uma nota em que sentido o termo *script* é usado. Aqui há uma transição para o terceiro momento, que é iniciado com esse esclarecimento de definição (*definitional clarification*), um dos passos listados por Olohan (2016, p. 151). Mais uma vez Langer, Blank e Chanowitz apontam uma lacuna nos estudos da área, mostrando, assim, que sua pesquisa é nova, nos segs. 48 a 49.

Hyland (2010) afirma que a novidade é um dos elementos mais importantes que norteiam artigos científicos, pois consolida o interesse do leitor e mostra a confiabilidade do autor. O autor explica que para ser novo, o trabalho deve reconhecer o saber disciplinar já aceito pela comunidade, de modo que a inovação depende da intertextualidade explícita com o conhecimento já existente (HYLAND, 2010, p. 120). Byrne (2014, p. 54) aborda esse aspecto ao ressaltar que textos científicos frequentemente apresentam referências acadêmicas para reforçar os argumentos expostos. O autor acrescenta ainda que as referências são organizadas segundo um método tradicional para direcionar a atenção do leitor para informações adicionais; objetivo que também pode ser alcançado por meio de notas de rodapé (também

comuns em textos científicos). Vemos tal intertextualidade ocorrer no artigo em apreço, que citou tanto teorias contestadas no texto quanto teorias que apoiam sua tese, mas que precisam ser complementadas pela pesquisa do artigo.

No último parágrafo, anunciam-se três experimentos de campo (passo ii do terceiro movimento), realizados com o objetivo (passo i) de testar as hipóteses formuladas nos parágrafos anteriores e uma hipótese acrescentada neste último parágrafo. Embora Resende não tenha mencionado esse passo, Olohan (2016, p. 151) assinala que “presenting research questions or hypotheses<sup>10</sup>” faz parte do terceiro movimento definido por Swales.

### **1.3.2.1 Comparação com a Introdução de artigos brasileiros**

Resende (2011, p. 79) se baseia em estudos brasileiros para descrever características recorrentes de cada seção de um artigo científico. Quanto à Introdução, foi verificado que, em português, são comuns conectores; vocabulário especializado; frases relativamente longas; uma linguagem objetiva, concisa e formal; e emprego de verbos na terceira pessoa acrescidos da partícula “se” (ou seja, o uso do sujeito indeterminado) ou na primeira pessoa do plural – ambos recursos de apagamento do sujeito. Apesar de esses estudos serem brasileiros, notou-se características semelhantes no artigo em inglês – o que certamente favorece a tradução. Passemos a analisar cada um desses fatores, separados em subitens devido ao longo comprimento de cada análise:

#### **1.3.2.1.1 Conectores**

A primeira semelhança refere-se aos conectores (*linking words* ou *words of transition* em inglês), que auxiliaram na construção de um texto coeso. Na introdução do artigo, usou-se *and* 22 vezes e *but* 6 vezes, além de conectores como *instead*, *then*, e *clearly*. Olohan (2016, p. 155-157) menciona os conectores ao resumir a explicação de Hyland sobre metadiscorso (*metadiscourse*), que são expressões que auxiliam o escritor a organizar seu texto, comunicar um ponto de vista e envolver leitores no texto, entre outras funções. O metadiscorso é um recurso que facilita a interação do

---

<sup>10</sup> apresentar questões da pesquisa ou hipóteses.

leitor com o fluxo de informações ao indicar, por exemplo, a relação entre ideias ou uma mudança no tópico – transição essa que pode ser realizada por meio de conjunções e advérbios, que são conectores em português.

O termo metadiscorso também engloba marcadores de atitudes (*attitude markers*), ressalvas (*hedges*), intensificadores (*boosters*), entre outros. Ressalvas e intensificadores sinalizam variados graus de comprometimento do autor quanto ao conteúdo apresentado. As ressalvas são uma medida diplomática e cautelosa para evitar que autores soem absolutos e inquestionáveis em suas proposições, e são encontradas na seção de Resultados e Discussão do artigo de Langer e colegas, conforme discutirei mais adiante, no item 1.3.4. Em contraste, na divulgação científica, as ressalvas são substituídas por um posicionamento mais forte e seguro, como veremos na análise do livro *5 Amazing*, no item 1.5.3.

### 1.3.2.1.2 Terminologia

Vários exemplos de vocábulos especializados podem ser encontrados na introdução. Duas frases, em especial, listam vários termos relacionados ao tema debatido (segs. 24 e 45): “consistency theories”, “social comparison theory”, “attribution theory”, “bystander (non)intervention”, “script”, “frames”, “episode”, “caricature”, “preattentive processing”. Todavia, a terminologia especializada não se limitou apenas à introdução desse artigo. De fato, o uso de termos científicos é um dos traços mais evidentes em textos científicos e técnicos (BYRNE, 2014, p. 51). Conforme registra Hyland (2010, p. 121), a forma como as informações são transmitidas em um texto deve refletir o grau de conhecimento do leitor. Diferentemente dos textos de popularização da ciência, o texto científico é direcionado a um público altamente especializado, com amplo conhecimento sobre o tema exposto e seu referencial teórico. Dessa forma, seus leitores são capazes de identificar se os métodos foram aplicados adequadamente e inferir as implicações dos resultados, o que significa que os autores podem descrever seu estudo de forma econômica.

Resende (2011, p. 85) também destaca a importância de se usar o termo equivalente correto para a qualidade de uma tradução, bem como para a aceitação e publicação do artigo. Contudo, para Byrne (2014, p. 144), o acesso à *internet* e a bons dicionários geralmente torna o vocabulário especializado a parte menos problemática

de uma tradução. Com efeito, as complicações encontradas nessa parte das traduções podem provir de fatores externos ao texto, como a terminologia preferida da empresa-cliente. Nesses casos, a empresa costuma ter um guia de estilo ou documentos com os termos preferidos ou certas colocações. No caso especificamente de minha tradução, como afirmado no item 1.1, supus que meu cliente seria um acadêmico, o que significa que não precisei consultar a terminologia associada a uma revista acadêmica em particular. Em vez disso, baseei minhas traduções de vocábulos especializados em exemplos encontrados em artigos e em dicionários da área da Psicologia. Além disso, organizei grande parte dessa pesquisa em um glossário, disponível no Anexo III.

### 1.3.2.1.3 Frases longas e complexas

Resende (2011, p. 79) apontou que foram observadas frases relativamente longas e uma linguagem objetiva, concisa e formal na introdução de artigos em língua portuguesa. Byrne (2014, p. 48-49) também aponta que textos científicos frequentemente apresentam frases longas e complexas, pois esse tipo de texto visa principalmente causar impacto ou provocar uma reação no leitor – diferentemente de textos técnicos, cuja prioridade é transmitir uma mensagem da forma mais clara possível.

Na introdução do artigo *Mindlessness*, a maioria das frases se estende por aproximadamente três linhas – comprimento não muito longo, mas mais longo se comparado à introdução do livro de Luttrell, cujas frases contêm majoritariamente uma ou duas linhas. Por outro lado, algumas frases do artigo são efetivamente complexas, não apenas por causa da terminologia especializada, mas também devido à presença de mais de um sujeito sintático ou de mais de uma ideia, como pode ser visto, por exemplo, nesta tabela:

TABELA 1
<b>Discussions of mind/body dualism by philosophers and the consequences that different versions of this relation have on its status as an isomorphic, deterministic, or necessary relationship between the two</b> are part of psychology's heritage. (seg. 30)

No trecho acima, o sujeito composto (*compound subject*), discussões e consequências, ocupa a maior parte da frase, além de o segundo sujeito ser

acompanhado de uma oração restritiva (*relative/adjective clause*) longa: “the consequences that different versions of this relation have on its status as an isomorphic, deterministic, or necessary relationship between the two”.

Não obstante a complexidade das frases, tentei traduzi-las da forma mais clara possível, mas sem simplificá-las demasiadamente. Nesse sentido, Sabadini, Sampaio e Koller (2009, p. 21) fornecem uma orientação pertinente: “O texto científico deve ser claro, objetivo, preciso, comunicativo e estar em linguagem correta”. Veremos a tradução de frases complexas (incluindo a demonstrada na tabela acima) no item 2.1.2.

#### **1.3.2.1.4 Apagamento do sujeito: impessoalização**

Para completar a comparação entre as características observadas por Resende (2011) em introduções brasileiras, passaremos a observar o apagamento do sujeito por meio do uso de verbos na primeira pessoa do plural e na terceira pessoa com a partícula “se”. Hyland (2010, p. 123) afirma que estratégias retóricas de impessoalização, como as citadas por Resende, visam reforçar a credibilidade do autor, pois subordinam sua voz à dos fatos. Ao ressaltarem os métodos, os autores implicam que os mesmos resultados seriam obtidos por qualquer outra pessoa que fizesse o experimento – e a replicabilidade é uma característica importante da ciência.

Em inglês, um dos equivalentes do sujeito indeterminado seria o uso de “it” em expressões como “it was argued” e “it was hypothesized” (seg. 42 e 57). A primeira pessoa do plural, por outro lado, ocorre seis vezes só nesta seção. Hyland (2010, p. 125) investigou o envolvimento e engajamento (*engagement*), isto é, interação entre o escritor e os outros, e reconhecimento da presença dos leitores e de suas incertezas em artigos científicos e textos de divulgação científica. Entre os aspectos do engajamento, os pronomes de leitor (*reader pronouns*) são a forma mais explícita de se aproximar do leitor, representado pela primeira pessoa do plural em artigos científicos. Esse pronome coloca tanto o leitor quanto o autor como participantes, como membros da comunidade científica, com metas e conhecimentos semelhantes. Por esse motivo, é chamado de “nós inclusivo”, uma noção inicialmente proposta por Benveniste (*apud* GRILLO; GLUSHKOVA, 2016). Ele também é usado em textos de popularização da ciência, mas funciona de forma diferente (que será discutida no item 1.5.1).

Contudo, na maioria das frases de *Mindlessness*, o pronome foi usado para se referir aos autores do texto (isto é, “eu + eu + eu”), e não à comunidade científica como um todo (“eu + vocês, leitores”), indicando o uso da primeira pessoa do plural exclusiva. Em outras palavras, Langer, Blank e Chanowitz, referem-se às suas próprias suposições e objetivos, como nos trechos “we question” (seg. 26), e “we may shed some light” (seg. 49), causando uma *pessoalização* – definida por Almeida e Miranda (2009, p. 70) como a explicitação do enunciador.

No que diz respeito ao uso da primeira pessoa em artigos científicos brasileiros, Almeida e Miranda (2009) estudaram estratégias de pessoalização em artigos de duas revistas de diferentes ramos da Linguística. As autoras concluíram que a ocorrência da primeira pessoa, seja no singular ou no plural, é baixa nas duas revistas, refletindo as instruções prescritas em manuais de redação científica. Na revista *Linguística Teórica e Descritiva*, a primeira pessoa do singular aparece predominantemente na introdução e em notas de rodapé relativas a essa seção, e geralmente para identificar o autor como o sujeito que fez as escolhas para a elaboração do trabalho. No outro periódico, *Revista Linguagem e Ensino*, a primeira pessoa também é usada nas outras seções dos artigos para usos variados (sujeito indeterminado e autorreferência), provavelmente por esta pertencer a uma área que estimula a explicitação sujeito. Sobre o uso da primeira pessoa do plural, as autoras fundamentam:

Tal como demonstrado por Rodman (1994), o uso do pronome “nós” funciona como um instrumento para atribuir máxima visibilidade e autoridade ao autor do texto científico. Por outro lado, o autor demonstra, em consonância com Bazerman (1988) e Swales (1990), que a construção impessoal é uma estratégia retórica de transferir a responsabilidade pelos resultados de um agente humano (o autor) para os dados factuais. (ALMEIDA; MIRANDA, 2009, p. 81)

Assim como na *Revista Linguagem e Ensino*, o artigo de Langer, Blank e Chanowitz apresenta a primeira pessoa do plural em outras seções além da introdução, como nos segs. 132, 138 a 140, 235 e 268 (distribuídos nas subseções dos experimentos 2 e 3 e na conclusão). Nessas outras ocorrências, também predomina o uso do nós exclusivo, ou seja, um nós autorreferencial. Como mencionado brevemente no item 1.3.2, algumas das vezes em que os autores usaram *we* no sentido de cientistas em geral, e não apenas os autores, sugeriram que talvez alguns estudos

de laboratório pudessem ter seus resultados comprometidos (conforme consta dos segs. 265 a 268). Em outras palavras, eles estavam fazendo uma crítica sutil a esses estudos. Os experimentos relatados no artigo, no entanto, são de campo (fora do laboratório), por isso eles foram diplomáticos ao dizer *we*, quando na verdade seus próprios experimentos não apresentavam essa “falha”. Por outro lado, os autores também empregaram esse pronome para admitir um erro metodológico do próprio trabalho, em vez de escreverem essas frases de forma impessoal e, assim, distanciarem-se do erro. Na tabela abaixo, a primeira linha demonstra o emprego da primeira pessoa do plural no sentido de “nós, autores”, quando eles discutiram o erro:

TABELA 2
It appears that <b>our</b> notion of what is congruent was correct only for people like <b>ourselves</b> , who have had an abundance of certain kinds of written communications and not others. (seg. 193)

Note que, ao comentarem o julgamento equívoco sobre o que seria uma comunicação congruente para os participantes, os autores justificam-se ao dizer que sua suposição se aplicava a outro grupo de pessoas (*people like ourselves*), diminuindo, de certa forma, sua avaliação errônea. Ainda assim, é inegável que eles se afastaram do anonimato normalmente encontrado em artigos científicos. Levantei a hipótese de que eles tomaram tal atitude nesse momento em particular porque a impessoalização é usada para mostrar a credibilidade do estudo, mas o estudo não se mostrou confiável. Em outras palavras, como essa pesquisa mostrou-se falha, suponho os autores assumiram a responsabilidade para afirmar que *os métodos* escolhidos *por eles* falharam para provar seu argumento, mas sua *hipótese* permanecia verdadeira. Isso significa que eles tentaram implicar que a veracidade da hipótese não deveria ser questionada à luz dos resultados do experimento, uma vez que os métodos é que foram inadequados.

De qualquer forma, percebe-se que o artigo parece contrastar com as normas usadas nos artigos em português, que prezam pela impessoalização por meio da terceira pessoa do singular. Essa mesma observação é encontrada no estudo de Possamai (2006) sobre marcadores textuais em textos especializados, visto que a autora afirmou que a língua portuguesa utiliza algumas formas passivas inexistentes nos textos na língua inglesa analisados. A autora notou, por exemplo, que em trechos como “na seção *y* são apresentados”, os textos em inglês favoreciam a primeira

pessoa, como “in the section *y* we show” (POSSAMAI, 2006, p. 171-172). Com o objetivo de conformar minha tradução ao estilo acadêmico brasileiro, procurei apagar os sujeitos autores evidenciados pelo uso da primeira pessoa do plural. Essa postura será discutida no relatório de tradução, item 2.1.3.

### **1.3.3 Métodos**

Como comentamos anteriormente, a seção de métodos dos dois primeiros experimentos no artigo de Langer, Blank e Chanowitz é dividida em Participantes e Procedimento, mas, no terceiro, esses mesmos dados não foram organizados em subdivisões. Byrne (2014, p. 64) comenta que a seção de procedimentos deve transmitir informações de maneira clara e precisa, para que o experimento possa ser replicado e considerado confiável.

Em seu artigo sobre proximidade, Hyland (2010) explica que os escritores de publicações científicas provam sua competência e confiabilidade ao mostrar perícia no uso de métodos, além da familiaridade com a literatura da disciplina, demonstrada na introdução. Quanto às características microestruturais dessa seção, Byrne (op. cit.) aponta a presença de abreviações, acrônimos, unidades de medidas e elipses. No artigo de Langer, Blank e Chanowitz, especificamente, um dos fatores que mais se destacou para mim foi o tipo de teste estatístico aplicado, um delineamento fatorial 3 X 2 (*3 X 2 factorial design*), mencionado nos segs. 63 e 183.

#### **1.3.3.1 Comparação com os Métodos de artigos brasileiros**

Analisando a seção de Métodos em trabalhos brasileiros, Resende notou distanciamento, impessoalização e uso da voz passiva. Esses aspectos também podem ser encontrados no artigo analisado, por exemplo, nos segs. 69, 184 e 205 (localizados nos métodos de cada um dos experimentos).

É possível perceber semelhanças entre o estilo de artigos científicos em português e em inglês nessa seção do texto. Contudo, após o título *Experiment 2* e antes do subtítulo *Method*, há um texto que compara principalmente os experimentos 2 e 3 em que há frases impessoais, mas também os autores se fazem presente por meio do pronome *we* exclusivo. Como mencionamos anteriormente, o *we* autorreferencial costuma ser incomum em artigos brasileiros, por isso traduzi de forma a apagar os



sujeitos autores evidenciados pelo uso da primeira pessoa do plural, conforme discutiremos em detalhe no item 2.1.3.

#### **1.3.4 Resultados e Discussão**

Em Resultados, são expostos de forma objetiva os achados descobertos no experimento, apresentados por meio de dados estatísticos, relato de eventos, dentre outros. Essa seção pode incluir descrições físicas, dados estatísticos ou citações de entrevistas – as quais, segundo Byrne (2014, p. 64), devem ser traduzidas literalmente, mesmo que elas não façam sentido. Com efeito, encontramos fatos concretos descritos nesta seção do artigo de Langer, Blank e Chanowitz, por vezes organizados em tabelas. Exemplos podem ser vistos nos segs. 109, 191, 192 e 231.

A interpretação e explicação dos resultados é feita na seção da Discussão, geralmente por meio da comparação com as hipóteses expostas anteriormente. Para Byrne (op. cit.), um bom pesquisador deve escrever nessa seção falhas ou limitações da metodologia usada. De fato, Langer, Blank e Chanowitz fizeram isso nessa seção do experimento 2, conforme discuti no item 1.3.2.1.4. Ademais, a linguagem encontrada na Discussão é complexa devido ao uso de frases prontas que transmitem probabilidades, opiniões e dúvidas dos cientistas (BYRNE, op. cit.).

Hyland (2010) observou que acadêmicos costumam fazer afirmações com cautela e modéstia, usando palavras como “indicate”, “suggest” e “potentially” para manter suas interpretações próximas aos dados sem exagerar suas generalizações. Outras formas de se obter esse resultado é a personalização de seres inanimados (por exemplo, quando autores escrevem que tabelas indicam ou mostram algo) e o uso da voz passiva, como discutido anteriormente (HYLAND, 2010, p. 123). Assim, autores se distanciam retoricamente de suas interpretações ao mesmo tempo em que apresentam provas (no caso deste artigo, estatísticas) de suas hipóteses, para dar objetividade e impessoalidade a seu trabalho. Exemplos dessa atitude no artigo traduzido podem ser encontrados nos segs. 122, 123, 194, 195 e 238, nos quais se encontram expressões como “were more likely to”, “probably” e “would more than likely” e o uso repetido do verbo “seem”. Ademais, também encontramos uma postura mais firme no seg. 237, mas essa assertividade parece ser menos frequente, ao menos nessa seção do texto. Esse recurso linguístico das ressalvas (*hedges*), já

discutido no item 1.3.2, visa evitar a superestimação de interpretações dos dados e, consequentemente, a rejeição de colegas.

#### 1.3.4.1 Comparação com os Resultados e Discussão de artigos brasileiros

Resende (2011, p. 180-181) notou que a seção Resultados em artigos brasileiros também apresenta muitas expressões impessoais, como o uso de frases sem sujeito ou com sujeito indeterminado. Além disso, contêm parágrafos compostos por apenas uma frase e conjugação dos verbos no pretérito perfeito. Da mesma forma, Sabadini, Sampaio e Koller (2009, p. 136) recomendam que os resultados sejam descritos no tempo pretérito. Com efeito, há um exemplo interessante do uso do pretérito nessa seção, reproduzido na tabela abaixo:

TABELA 3
<b>It should be noted</b> that what we are calling congruent was determined by sampling a fraction of the secretaries' past experience with written communications. (seg. 233)

Em artigos em português, são comuns expressões que enfatizam uma informação, como “é importante ressaltar que”, “pode-se perceber que”, “também é muito comum” e “há pouca atenção” (POSSAMAI, 2006, p. 170; MARLOW, 2014). Dessa forma, pareceu oportuno usar uma estrutura semelhante na tradução da passagem destacada na tabela 3, para assemelhar o texto traduzido ao modo de escrever da comunidade científica brasileira.

Na Discussão de artigos brasileiros, também deve ser usado o pretérito na alusão aos resultados obtidos no estudo (SABADINI; SAMPAIO; KOLLER, 2009, p. 146-147), de modo que não precisei fazer alterações nesse sentido ao traduzir essas duas seções unidas no artigo (Resultados e Discussão).

#### 1.3.5 Conclusões

Na conclusão, são retomados os pontos principais. É possível que o autor resgate alguns elementos pertinentes apresentados na seção de Resultados e Discussão para confirmar se sua hipótese estava correta ou não – neste caso, pode ser explicado o porquê não foi possível alcançar o objetivo proposto. Além disso, pode-se

apresentar possibilidades e sugestões para novos estudos nessa área. (BYRNE, 2014, p. 64; SABADINI; SAMPAIO; KOLLER, 2009, p. 147). Com efeito, Langer e colegas reconhecem que há outras interpretações para seus dados (nos segs. 246 a 248), mas eles defendem que algumas teorias da Psicologia Social Cognitiva precisam ser repensadas (como nos segs. 249 e 254). Além disso, apontam que seria interessante se fossem realizados mais estudos sobre um dos temas abordados no artigo (segs. 248, 254, 264).

#### **1.3.5.1 Comparação com as Conclusões de artigos brasileiros**

Na leitura do referencial teórico anglófono, não encontrei observações sobre as características microestruturais dessa seção em particular, possivelmente porque ela não faz parte do modelo clássico (IMRAD) proposto por Swales. Contudo, Resende (2011, p. 81) nota que, em português, a Conclusão apresenta a incidência do gerúndio e do sujeito universal por meio da terceira pessoa do plural. Similarmente, no artigo nota-se o sujeito universal, na primeira pessoa do plural inclusiva. Como a primeira pessoa do plural também ocasiona o apagamento do sujeito (RESENDE, 2011, p. 80), parece razoável mantê-la, em vez de transformá-la para a terceira pessoa do plural durante a tradução. Também ocorreu o gerúndio no artigo, tanto na forma nominal quanto na conjugação de verbos, como nos segs. 245 a 248 e segmento 268. Dessa forma, a tradução dessa seção não precisará de alterações nesse sentido.

#### **1.4 Visão geral sobre textos de divulgação científica**

A divulgação científica procura estabelecer um diálogo entre a esfera científica e outras esferas da sociedade, geralmente com a proposta de expandir a compreensão de seus leitores sobre diversos fenômenos, despertar seu interesse e atualizar seu conhecimento (BYRNE, 2014, p. 68; HYLAND, 2010, p. 118; SANTOS, 2013, p. 15). Ademais, a divulgação científica tem um papel importante na forma como as pessoas enxergam a pesquisa acadêmica (OLOHAN, 2016; SANTOS, 2013). Ela também é chamada de “popularização da ciência”, “comunicação científica” e pelo termo mais pejorativo “vulgarização científica”, que implica que esse tipo de texto é a mera simplificação ou banalização da ciência (GRILLO; GLUSHKOVA, 2016, p. 78; OLOHAN, 2016, p. 174). Na verdade, a divulgação

científica pode ser considerada um gênero independente, em vez de uma versão simplificada dos trabalhos da comunidade científica (HYLAND, 2010; OLOHAN, 2016). Ao mesmo tempo, ela faz parte de um *continuum* que envolve os muitos discursos com os quais cientistas lidam, como conversas informais no trabalho, palestras e artigos científicos (OLOHAN, 2016, p. 174). Como Hyland (2010, p. 118) aponta, esses textos populares provam que a ciência é uma entidade composta por diferentes grupos com diferentes interesses, em vez de uma comunidade uniforme e indivisível.

O público de textos de divulgação científica não tem uma necessidade profissional de saber novos achados e teses, mas deseja manter-se informado sobre as descobertas mais recentes, por isso essas publicações não visam necessariamente a formação de seu público. Nessa transição entre a comunidade científica e um público maior, os fatos científicos e a construção de argumentos são transformados por meio de diferentes recursos estilísticos e técnicas que distanciam tais textos da formalidade e da estrutura rígida dos artigos científicos. Em outras palavras, o texto de popularização precisa se adequar às expectativas do público leitor, que aceita naturalmente a validade dos resultados da pesquisa e está mais interessado nos benefícios que eles trazem para sua vida, bem como na originalidade e novidade do estudo. (BYRNE, 2014; HYLAND, 2010; OLOHAN, 2016; SANTOS, 2013)

Contudo, há diferentes públicos dentro da própria popularização científica. Grande parte dos textos é publicada em revistas especializadas como a *Scientific American* (ou, no nosso contexto, a *Scientific American Brasil*), e a maioria dos jornais incluem uma seção sobre ciência. Hyland (2010, p. 118) afirma que muitos livros de ciência popular são escritos por cientistas para um público com alto nível de escolaridade, ao passo que Byrne (2014, p. 68) declara que livros nessa área costumam abordar uma ampla variedade de assuntos – ao contrário do jornalismo científico, que costuma tratar de temas específicos e novos.

Não são apenas os cientistas que escrevem ciência popular, mas também jornalistas com graus variados de compreensão sobre o assunto (BYRNE, op. cit.; GRILLO; GLUSHKOVA, 2016; SANTOS 2013). Essa diferença autoral pode afetar a forma como o tema é retratado, pois jornalistas têm uma visão externa dos fatos científicos relatados, ao passo que cientistas escrevem com uma perspectiva mais próxima do trabalho (GRILLO; GLUSHKOVA, 2016, p. 81-82). Na revista *Scientific American Brasil* (doravante *SciAm Brasil*), por exemplo, são publicadas reportagens

escritas tanto por cientistas quanto por jornalistas especializados. Embora essa revista destine-se a um público não especialista, ela procura atrair leitores com formação superior, e não uma grande massa de consumidores, como é o caso da revista *Superinteressante*. Desse modo, a *SciAm Brasil* se aproxima mais da forma científica de apresentar os argumentos e resultados, discutindo o fenômeno mais detalhadamente. (SANTOS, 2013, p. 21-22)

A *Superinteressante*, por sua vez, tem “uma abordagem mais lúdica e fantástica, com linguagem acessível e mais distante dos modelos de divulgação científica valorizados pela academia” (GONÇALVES, 2011 *apud* SANTOS, 2013, p. 37). A revista se aproxima mais do estilo comercial e jornalístico, valorizando os impactos de estudos na vida cotidiana, mas sem discutir a metodologia empregada para a obtenção dos resultados. Outras revistas de divulgação científica apresentam perfis semelhantes à *Superinteressante*, como as revistas *Mundo Estranho*, a *Galileu* e a *Revista Ciência Hoje*; todas com um público mais genérico, incluindo, por exemplo, estudantes do Ensino Médio, além da comunidade acadêmica. Esses contrastes mostram que mesmo dentro das revistas de divulgação científica há diferentes perfis e abordagens. (SANTOS, 2013)

Esse perfil do leitor de revistas como a *Superinteressante* parece semelhante ao traçado por Newmark (1998), que previu que os textos que costumam ser traduzidos geralmente têm uma linguagem informal, mas não coloquial, e destinam-se a pessoas da classe média escolarizadas (vide item 1.1). Da mesma forma, acredito que o *e-book* de Luttrell se destine a um público leigo, mas com um nível médio ou superior de escolaridade, de modo que procurei não empregar uma linguagem muito coloquial em minha tradução.

A seguir, serão detalhadas as características de textos de divulgação científica empregadas especificamente no livro que traduzi, visto que seu conhecimento me auxiliou no processo tradutório. Inicialmente, analisaremos os dados preliminares e a macroestrutura da obra (segundo a definição de Resende resumida no item 1.1), para depois nos atermos a aspectos microestruturais, como escolhas lexicais e estilísticas, e sua relação com o contexto de produção.

## 1.5 5 Amazing Psychology Experiments

Como mencionado na introdução, o *e-book* foi desenvolvido a partir do curso *on-line* em forma de vídeos do professor, disponível em uma plataforma de cursos. Não se encontrou a data de criação do *e-book* ou do curso *on-line*, mas, na página de perguntas e resposta sobre o curso, consta que o comentário mais antigo sobre as aulas foi feito há dois anos.

O interessado em obter gratuitamente o *e-book* deve inscrever-se no *blog* do autor ([www.social.psychonline.com](http://www.social.psychonline.com)), para receber por *e-mail* o arquivo PDF. Na página de inscrição<sup>11</sup>, encontra-se o seguinte paratexto:

*If you've ever wanted an easy way to start learning about psychology, **this is the ebook for you!***

*In this free ebook, you'll learn about 5 studies in psychology and see how their results reveal interesting things about human thought and behavior.*

*Carefully designed experiments tell us a great deal about the choices we make, the ways we behave, and why we think the way we do. So **sign up below** to get this free ebook and start seeing how simple research in psychology tells us amazing things about human thought and behavior!*<sup>12</sup> (LUTTRELL, 2017, grifos do autor)

Na página sobre o curso *on-line*<sup>13</sup>, Luttrell repete algumas dessas informações e acrescenta que preparou o curso com base nos experimentos que mais o interessava. Ele também perguntou a seus colegas quais estudos os inspiraram e cuja divulgação afetaria positivamente as pessoas. Além disso, esclarece que não é necessário ter um conhecimento prévio sobre Psicologia para fazer o curso. Luttrell destaca os benefícios de seu curso, que explica como pesquisas da Psicologia Social podem ser aplicadas para cumprirmos metas pessoais, resolvermos problemas do dia a dia e lidarmos melhor com outras pessoas.

---

<sup>11</sup> Vide <<http://socialpsychonline.com/psychology-experiments-ebook/>>

<sup>12</sup> *Se algum dia você quis ter um jeito fácil de começar a aprender sobre Psicologia, **este é o e-book para você!***

*Neste ebook gratuito, você aprenderá sobre 5 estudos de Psicologia e verá como seus resultados revelam coisas interessantes sobre o pensamento e comportamento humanos.*

*Experimentos cuidadosamente projetados nos dizem muito sobre as escolhas que fazemos, a forma como nos comportamos e sobre por que pensamos de um certo modo. Então **inscreva-se abaixo** para obter este ebook gratuito e começar a ver como pesquisas simples da Psicologia podem nos mostrar coisas incríveis sobre o pensamento e comportamento humanos!*

<sup>13</sup> Vide <<https://www.udemy.com/5-amazing-psychology-experiments/learn/v4/overview>>

O autor de *5 Amazing* é professor assistente na College of Wooster, Ohio, EUA. Segundo seu currículo<sup>14</sup>, ele é doutor em Psicologia Social pela Ohio State University, com segunda habilitação (*minor field*) em Psicologia Quantitativa. Luttrell declarou em seu perfil no *site Social Psychology Network*<sup>15</sup>, que seu interesse acadêmico concentra-se nas mudanças de atitudes e os mecanismos biológicos subjacentes às atitudes particularmente duráveis ou maleáveis.

Além das aulas que ministra na Ohio State University, o professor também oferece cursos pagos e gratuitos em forma de videoaulas *on-line* no Udemy. Eu fiz dois desses cursos: *Learn Social Psychology Fundamentals*, e o curso que originou o *e-book* que traduzi, *5 Amazing Psychology Experiments*. Ademais, Luttrell tem um canal no YouTube<sup>16</sup>, *Be a People Expert*, no qual disponibiliza semanalmente vídeos rápidos sobre assuntos variados da Psicologia Social. O autor criou um blog<sup>17</sup>, com o um nome similar ao do canal do YouTube (*Social Psych Online: Be a People Expert*), no qual disponibilizou o *e-book* traduzido por mim e no qual ele relata de forma simplificada, para um público leigo em Psicologia, estudos novos da sua área. O autor explicou que sua intenção ao criar o *blog* e seus cursos *on-line* é tornar acessíveis pesquisas dos periódicos acadêmicos para pessoas que poderiam se beneficiar das descobertas.

O livro de Luttrell é dividido em três partes:

1. A introdução, na qual ele explica o objetivo de seu livro e resume de forma bem sucinta como um experimento de Psicologia é feito;
2. O relato sobre os cinco experimentos, cada um com cerca de duas páginas.
3. A conclusão, na qual ele faz propaganda de seus cursos *on-line*.

É interessante notar que o livro não informa a data em que foi inicialmente produzido, e o autor apenas se identifica na conclusão, assinando com seu apelido (Andy) e sem o sobrenome, algo inimaginável em um trabalho acadêmico. Ele tampouco fornece dados sobre a instituição em que trabalha. Contudo, esse *e-book* está disponível em seu *blog*, no qual Luttrell declara seu nome completo, sua profissão (psicólogo social) e escolaridade (doutor) na seção *About*. Luttrell também

---

<sup>14</sup> Vide <[http://www.wooster.edu/\\_media/files/bios/aluttrell-cv.pdf](http://www.wooster.edu/_media/files/bios/aluttrell-cv.pdf)>

<sup>15</sup> Vide <<http://luttrell.socialpsychology.org>>

<sup>16</sup> <[https://www.youtube.com/channel/UC\\_RlhUXZPFmmql9YFAGxlsg](https://www.youtube.com/channel/UC_RlhUXZPFmmql9YFAGxlsg)>

<sup>17</sup> <<http://socialpsychonline.com>>

anuncia seu livro na última videoaula do curso *on-line* de mesmo nome, oferecida no Udeemy, que também fornece uma breve biografia do professor.

Todos os experimentos simplificados por Luttrell foram escritos por autores diferentes, sobre teorias diversas da Psicologia Social. O primeiro, também parte da tarefa de tradução deste TCC já foi resumido no item 1.3. Chamo a atenção para o fato de que, enquanto no artigo científico original foi dito apenas que há estruturas semânticas que ativam um *script*, Luttrell acrescentou que foi especificamente a palavra “porque” que causou um comportamento desatento. Além disso, ele não usou a palavra *script*, encontrada no artigo, para explicar o princípio teórico da pesquisa, mas trouxe outro termo da Psicologia: heurística.

No segundo experimento, pesquisadores comprovaram a hipótese de que metáforas relacionadas a sensações físicas podem refletir conexões que fazemos entre sensações e sentimentos. Os participantes avaliaram a personalidade de uma pessoa após terem sentido calor ou frio físico. Os indivíduos que haviam sentido calor antes de fazer a avaliação atribuíram àquela pessoa mais traços relacionados a uma personalidade calorosa do que os indivíduos que sentiram frio antes da avaliação. Logo, o calor físico influenciou o julgamento do quão calorosa a pessoa avaliada era.

No terceiro experimento, cientistas estudaram profecias autorrealizadas ao demonstrar como nossas expectativas influenciam o resultado de uma interação social. Os experimentadores reuniram homens e mulheres para conversar pelo telefone, mas, sem avisar às mulheres, mostraram fotos de como elas eram aos homens. Na verdade, essas fotos não retratavam as participantes; elas apenas ilustravam mulheres consideradas bonitas ou pouco atraentes. Os homens, portanto, conversaram com as participantes tendo uma imagem mental delas, mas as participantes não sabiam disso. Ao serem questionados pelos pesquisadores, os homens que viram fotos de mulheres consideradas atraentes acharam que suas interlocutoras seriam mais sociáveis e bem-humoradas, comparados aos homens que viram uma foto de alguém considerada pouco atraente. Por esse motivo, mostraram-se mais ou menos amigáveis, respectivamente. As reações das mulheres a ambos os grupos de homens foram avaliadas por um terceiro grupo de pessoas, que assinalaram que as mulheres mais animadas foram as que conversaram com os homens que receberam a foto de alguém atraente. Em suma, a forma como os homens pensavam que a outra pessoa seria influenciou seu próprio modo de interagir com ela, o que em troca provocou uma reação da interlocutora correspondente às suas expectativas.



No quarto experimento, foi evidenciada a prevalência do pensamento contrafactual, que ocorre quando medimos nossa situação em termos do que poderia ter acontecido, em oposição à forma como realmente aconteceu. Para isso, os pesquisadores pediram a participantes para classificar o grau de felicidade exibido pelos atletas vencedores do segundo e terceiro lugar dos Jogos Olímpicos de Verão de 1992. Sem saber em qual lugar cada atleta ficou, participantes observaram clipes de vídeos dos momentos a) em que os medalhistas descobriram pela primeira vez o resultado e b) em que eles receberam suas medalhas. Os avaliadores concluíram, após assistir aos vídeos, que os medalhistas de bronze pareceriam mais felizes do que os de prata. Objetivamente, os medalhistas de prata deveriam estar mais satisfeitos, já que tiveram um melhor desempenho, mas, como eles estavam usando o pensamento contrafactual, concentraram-se no que *poderiam* ter alcançado. Os atletas em terceiro lugar, por outro lado, pensaram em como eles por pouco não ficaram fora do pódio, mas ao final, conseguiram se classificar.

O quinto e último experimento discorre sobre a importância de se elogiar crianças pelo seu esforço, e não por sua habilidade. Os pesquisadores aplicaram testes de matemática em alunos do sexto ano e, após fingirem ter corrigido os testes, deram três versões de *feedback* aos alunos. No primeiro grupo de estudantes, os pesquisadores simplesmente parabenizaram os alunos por terem se saído bem; no segundo, parabenizaram-nos e disseram que eles eram inteligentes; no terceiro, parabenizaram-nos e disseram que eles pareciam ter se esforçado para conseguir resolver os problemas. Em seguida, deram um segundo teste de matemática mais difícil que o primeiro, no qual fingiram que todos esses alunos tinham se saído mal. Em vista disso, perguntaram às crianças se elas gostariam de levar os problemas matemáticos para casa para praticar. As crianças que inicialmente receberam um elogio por seu esforço apresentaram mais chances de querer praticar do que as elogiadas por seu talento. Depois, os pesquisadores aplicaram um terceiro teste, no qual as crianças inicialmente elogiadas por seu esforço de fato acertaram mais que as outras crianças. Além disso, ao final do estudo, os pesquisadores ofereceram duas escolhas aos alunos: ler sobre como resolver melhor os problemas ou conferir a pontuação de seus colegas. A maioria dos alunos elogiados por seu esforço preferiu ler as dicas, ao passo que a maioria dos alunos elogiados por sua inteligência preferiu ver o resultado de seus colegas.

A seguir, examinaremos as estratégias específicas adotadas por Luttrell para trazer esses experimentos para um público mais geral e leigo, comparando-as com os recursos comumente usados em outras publicações da divulgação científica, em especial reportagens em revistas e jornais, visto que a teoria da popularização da ciência prioriza o texto jornalístico.

### 1.5.1 Engajamento e relação com o leitor e com a comunidade acadêmica

Por todo o livro, Luttrell dirige-se diretamente ao leitor, usando *you* (você ou vocês). Com efeito, a sexta palavra mais frequente do texto é *you*, segundo a WordList computada pelo programa AntConc<sup>18</sup>, um *software* gratuito que oferece um conjunto de ferramentas para análise de textos (ANTHONY, 2014).

Uma WordList é uma lista de todas as palavras de um texto (ou textos) e suas respectivas frequências (TEIXEIRA, 2008, p. 170). A lista desta obra mostrou que a palavra *you* foi usada 72 vezes em 3852 palavras. Para compreender a significância dessa frequência, fiz uma WordList do artigo científico de Langer. No artigo *Mindless*, que tem aproximadamente o mesmo tamanho do *e-book* (com 813 palavras a mais que o livro), *you* aparece somente seis vezes. Isso significa que o livro de Luttrell usou exatamente doze vezes a mais a palavra *you* que o artigo científico. Além disso, as seis vezes usadas no artigo não foram para se dirigir diretamente ao leitor, mas para citar uma carta enviada pelo pesquisador aos participantes (para quem o *you* efetivamente se dirigia). Isso não é uma coincidência: Hyland (2010, p. 125) aponta que *you* e *your* são o modo mais claro de se reconhecer a presença do leitor, e os trabalhos científicos raramente usam tais pronomes.

Um estudo em português sobre a pessoalização em artigos científicos, de Almeida e Miranda (2009), mostra que a afirmação de Hyland também se aplica ao Brasil. Ao analisarem um *corpus* composto por artigos científicos publicados em duas revistas brasileiras de linguística, as autoras notaram que não ocorreu nenhuma vez a segunda pessoa, nem no singular nem no plural. Para elas, essa ausência de interlocução direta está de acordo com o que está prescrito em manuais de redação científica. Contudo, tanto Hyland (op. cit.) quanto Almeida e Miranda (2009, p. 77) afirmam que a segunda pessoa é usada extensivamente em textos de divulgação

---

<sup>18</sup> <<http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>

científica, envolvendo diretamente os leitores no tópico. Em outras palavras, essa característica está presente tanto no contexto da língua portuguesa quanto da língua inglesa, por isso optei por manter o uso da segunda pessoa na tradução.

No segmento 190, por exemplo, o autor tenta fazer o leitor acreditar que ambos compartilham o mesmo modo de pensar ao escrever “as you might expect”. Já nos segs. 60, 61 e 84, Luttrell envolve seu leitor por meio de perguntas retóricas, outro aspecto de engajamento discutido por Hyland (2010, p. 125-126). Raras em artigos científicos mas comuns em textos jornalísticos, geram uma proximidade imediata com os leitores e os envolve “in the scientific enterprise, bringing them closer to the concerns of the scientist at the same time as making the science real and intelligible”<sup>19</sup> (HYLAND, 2010, p. 126).

De acordo com Hyland (2010, p. 125), outra forma de se reconhecer a presença do leitor é a primeira pessoa do plural. Em artigos científicos, quando usado na forma inclusiva (autor + leitor), o “nós” coloca tanto o leitor quanto o autor como membros da comunidade científica. Ele também é usado em textos de popularização da ciência, mas funciona de forma diferente.

Grillo e Glushkova (2016, p. 82-85) enriquecem a questão sobre o uso da primeira pessoa do plural inclusiva na popularização científica na língua portuguesa. As autoras selecionaram enunciados das edições brasileira e russa da revista *Scientific American* para comparar os discursos de divulgação científica nesses dois países. Durante a análise da edição brasileira, apontaram como a primeira pessoa do plural em duas das matérias da revista foi empregada no sentido de “eu + você, leitor”, criando uma identificação entre esses dois sujeitos e, assim, persuadindo o leitor de que o texto o interessaria. Encontramos exemplos dessa estratégia nos segs. 58, 168 e 172.

Essa forma inclusiva se opõe à primeira pessoa do plural exclusiva, que, nas reportagens selecionadas por Grillo e Glushkova (2016), designa “nós, cientistas” ou abrange todos os autores do texto – o que não se aplica ao livro de Luttrell, já que ele é o único autor. Podemos inferir a partir das afirmações de Hyland (2010) e de Grillo e Glushkova (2016) que parte do que determina se a primeira pessoa do plural é inclusiva ou exclusiva depende do conhecimento do público leitor e de quem escreveu

---

<sup>19</sup> (...) na empreitada científica, aproximando-os das preocupações do cientista, ao mesmo tempo que tornam a ciência real e inteligível.

o texto. Em artigos científicos, escritos por cientistas que serão lidos por outros cientistas, “we” no sentido de “nós, cientistas” é considerado inclusivo. Contudo, nas matérias selecionadas por Grillo e Glushkova (2016), escritas por cientistas, o emprego do pronome com esse mesmo sentido exclui o leitor, visto que ele provavelmente não será um cientista. Hyland (2010, p. 125) explica ainda que a primeira pessoa do plural inclusiva na divulgação científica funciona principalmente para fazer alusão a noções comumente admitidas pela sociedade em geral e para alertar os leitores sobre a pertinência da pesquisa para sua vida cotidiana.

No capítulo sobre ciência popular em seu livro sobre tradução técnico-científica, Olohan (2016, p. 181) também menciona brevemente o uso simultâneo do “nós” exclusivo e inclusivo, notando que o primeiro uso dá autoridade ao escritor por destacá-lo como cientista, enquanto o segundo o coloca na mesma posição do público afetado pelo estudo. Luttrell faz uso dessa forma exclusiva de “nós, cientistas” apenas uma vez no texto, na introdução, após explicar como são feitos experimentos em Psicologia. Ele conclui a introdução da seguinte maneira:

TABELA 4	
In these 5 experiments, I want you to come away with an understanding of psychology, but it's also important to know how <b>we</b> know these things. (seg. 43)	

No parágrafo anterior à essa passagem, o psicólogo pediu explicitamente ao leitor para confiar nele ao dizer “I’m not about to review these statistics, though, so *I’m asking you trust me on this part*” (segmento 37). É interessante notar, portanto, que após pedir a confiança do leitor, ele reforça sutilmente sua posição como cientista. Contudo, exceto pela citação acima, o psicólogo se refere a outros cientistas como *they* (eles), de modo a se distanciar da comunidade acadêmica – e, assim, reforçar sua proximidade com o leitor. A terceira pessoa do plural foi mais usada, no entanto, para indicar os participantes de experimentos, provavelmente porque o autor foca pouco os cientistas.

Em suma, conforme demonstrado pelo estudo de Grillo e Glushkova (2016), a primeira pessoa do plural exclusiva e inclusiva faz parte de textos de divulgação científica no Brasil, de modo que minha tradução também manteve esse recurso retórico.

### 1.5.2 Título e subtítulo

Luttrell não cita o nome dos artigos nos quais foram descritos os cinco experimentos – apenas fornece o nome do autor e, em dois casos, comenta o ano em que tal estudo foi publicado. Olohan (2016) notou um fenômeno semelhante enquanto comparava a cobertura jornalística de um estudo que sugeria que a falta de exercício dobra o risco de morte em comparação à obesidade. Inicialmente publicada em um periódico científico e posteriormente divulgada em um comunicado de imprensa da Cambridge University, a descoberta foi noticiada em diferentes *sites* de notícias. A autora limitou-se a examinar a manchete e a chamada das notícias, nas quais não havia referência ao título do estudo, embora alguns *sites* tenham afirmado que a descoberta resultou de uma pesquisa, e um deles menciona cientistas na manchete. Parece, portanto, que a estratégia de Luttrell de não oferecer o nome do artigo é uma prática comum na divulgação científica.

A partir da descrição dos estudos e dos nomes de seus autores, entretanto, consegui encontrar os artigos científicos em que os experimentos explicados no *e-book* se basearam. Todos os títulos são longos, e alguns ainda apresentam termos científicos, como “counterfactual thinking”. Três deles (inclusive o de Langer) são divididos em duas partes por meio dos dois pontos, uma estrutura comum em títulos de artigos (Olohan, 2006), conforme comentamos anteriormente. O longo comprimento de todos eles (vide tabela abaixo) dificilmente chamaria a atenção, o que contrasta com os títulos de *5 Amazing*, que são breves, seguidos na linha seguinte por uma frase que poderia funcionar como uma chamada ou subtítulo. Abaixo se podem comparar as duas versões dos títulos dos experimentos:

TABELA 5		
Exper. no livro	Artigo científico	<i>Livro de popularização científica</i>
1	The Mindlessness of Ostensibly Thoughtful Action: The Role of "Placebic" Information in Interpersonal Interaction	The Because Heuristic / One Word That Takes People from “No” to “Yes”
2	Experiencing Physical Warmth Promotes Interpersonal Warmth	Embodied Cognition / Physical Feelings = Emotional Feelings
3	Social Perception and Interpersonal Behavior: On the Self-Fulfilling Nature of Social Stereotypes	Self-Fulfilling Prophecies / When Expectations Make Reality

4	When Less Is More: Counterfactual Thinking and Satisfaction Among Olympic Medalists	Counterfactual Thinking / Dwelling on What Could Have Been
5	Praise for Intelligence Can Undermine Children's Motivation and Performance	Ability vs. Effort Praise / Abilities Can Be Developed

Ainda sobre os títulos do livro, é interessante notar que a maioria deles apresenta termos científicos, uma estratégia geralmente evitada na divulgação científica, conforme Olohan (2016) demonstrou ao analisar as manchetes das matérias sobre obesidade e falta de exercício. Todavia, quando o termo não pode ser evitado, é explicado no texto, resume a autora (OLOHAN, 2016, p. 188). Vemos isso acontecer no *e-book*, no qual o autor inicia cada experimento oferecendo um exemplo familiar que explica o significado do termo – estratégia retórica discutida no item 1.5.5.

Devido a todos esses fatores, traduzi os termos dos títulos de *5 Amazing*, em vez de criar títulos genéricos sobre o tema a ser discutido. A tradução dos subtítulos, por sua vez, requereu maior cuidado, pois o espaço deles no *layout* é limitado. No relatório da tradução, item 2.2.4., abordarei as soluções para cada subtítulo mais detalhadamente.

### 1.5.3 Atitude assertiva e positiva

Retornando à análise feita por Olohan (2016) da cobertura jornalística sobre o estudo da relação entre taxa de mortalidade, falta de exercício e obesidade, a autora notou que, no comunicado de imprensa da Cambridge University, foram enfatizadas as vantagens práticas dos resultados dos estudos, em vez dos métodos empregados ou de seus detalhes. Contudo, o jornal se insenta de certa responsabilidade ao usar palavras incertas e gerais para informar os benefícios do estudo – “could” (usada duas vezes), “may” e “individuals” (que não se refere diretamente ao leitor, e, portanto, limita o alcance dos benefícios). Grillo e Glushkova (2016, p. 87) notaram a mesma estratégia em duas matérias da revista brasileira da *SciAm Brasil*, nas quais se utilizou o futuro do pretérito, que expressa dependência de certas condições. Dessa forma, esse tempo verbal acentuou o aspecto hipotético das conclusões do estudo.

Essa reserva quanto à verossimilhança dos fatos reportados, contudo, não é comum em textos de divulgação científica, mas sim em artigos científicos (BYRNE, 2014; HYLAND, 2010, p. 124), conforme discutimos nos itens 1.3.2.1.1 e 1.3.4.

Textos jornalísticos de divulgação científica, por sua vez, preferem aumentar a certeza de alegações feitas por cientistas, eliminando dúvidas e valorizando o impacto e singularidade do estudo (HYLAND, op. cit.).

Luttrell apresenta os resultados dos estudos com confiança, embora também use palavras que diminuem a certeza dos resultados, nos trechos “metaphors *can* reflect real links between the physical and the psychological” (seg. 151) e “Across all of these outcomes (...), *it seems that* praising people for their hard work inspires them to take risks” (seg. 302). Não obstante, o tom predominante é de certeza. Por exemplo, as conclusões são explicadas como se fossem a única explicação para o que aconteceu, e não uma interpretação feita pelos autores dos experimentos, nos trechos “The takeaway here is that” (seg.112) , “The idea here is that”, “One takeaway point is” (seg. 150), “Another, more optimistic lesson, however, is that” (seg. 204), “the researchers found a clear case of” (seg. 243). O uso do tempo presente também reforça essa certeza, uma vez que uma das funções desse tempo verbal é descrever “general truths” (SIMPLE, 2017).

Byrne (2014, p. 68) ressalta que o objetivo de publicações de ciência popular é entreter e educar, por isso torna-se necessário dispensar as ressalvas em favor da simplificação ou generalização. Isso está relacionado à afirmação de Newmark (1998, p. 12-13) de que a intenção de um texto determina o tipo de linguagem usada. Com efeito, acordei com Luttrell que minha tradução será publicada em seu *blog* caso ele aprove meu trabalho, de modo que minha intenção ao traduzir o texto é mesma do autor: alcançar um público leigo em Psicologia. Assim, o tom assertivo da obra original foi transferido para a tradução para que ela também entretenha e eduque o público-alvo em língua portuguesa.

Encontramos outro exemplo da posição firme de Luttrell quanto ao conteúdo do texto na conclusão do quinto experimento, na qual ele afirma que as implicações dos resultados são *óbvias* (“the implications are obvious”). Olohan (2016, p.156) discorre sobre expressões que denotam o posicionamento do autor, denominando-as marcadores de atitudes (*attitude markers*). Eles indicam a resposta afetiva do escritor ao material ou a forma como ele espera que seus leitores reajam. O próprio título da obra, *5 Amazing Psychology Experiments*, é outro exemplo da postura do autor quanto aos experimentos. Ainda encontramos marcadores de atitudes em outros trechos do livro, como por exemplo, seg. 27 (“the *beauty* of an experiment”), seg. 94 (“Surely”) e seg. 123 (“..., right?”). Nessas passagens, seu posicionamento quanto às

ideias expressas e ao seu público foi expresso de forma nítida, em um tom emocional principalmente “morno” e talvez um pouco intenso, segundo a classificação de Newmark (1998) apresentada no item 1.1.

Como explicado naquele item, há uma relação entre os graus de formalidade e do tom emocional de um texto: um tom intenso, por exemplo, costuma acompanhar um registro coloquial. Parece que o *e-book* traduzido é predominante informal, por se dirigir diretamente ao leitor, usar vocabulário simples e expressões idiomáticas. Por outro lado, o autor escolheu expor aquele conteúdo por meio de um formato consagrado, que é um livro (em oposição aos *posts* em seu *blog*, por exemplo), por isso há um certo grau de formalidade. Logo, acredito que minha tradução também deva soar informal, mas não chegar ao grau máximo de coloquialidade proposto na escala de Newmark (1998, p. 14-15).

Ademais, um dos níveis em que o tradutor trabalha é o coesivo, relacionado parcialmente ao *mood* (humor<sup>20</sup>) do texto, que pode variar entre positivo e negativo; emotivo e neutro (vide item 1.1). Conforme Newmark (1998, p. 24) aponta, compreender corretamente o humor do texto auxilia o tradutor na escolha da ênfase usada nas expressões traduzidas e pode fazer a diferença entre uma tradução monótona ou ambígua. Dessa forma, procurei mostrar o mesmo grau de certeza e positividade de Luttrell na minha tradução, evitando produzir um texto distante e cansativo.

#### 1.5.4 Benefícios ao leitor

Ao fazer afirmações mais assertivas, um escritor pretende valorizar o impacto de certo estudo e a utilidade dele na vida do leitor. Essa é uma das características retóricas do jornalismo científico, no qual afirmações “are changed into scientific breakthroughs and presented in terms of what is of immediate value or *potential benefit to readers*”<sup>21</sup> (HYLAND, 2010, p. 120, grifos meus).

Luttrell, em alguns casos, explicita de que forma os resultados do experimento podem ser aplicados na vida real. No primeiro experimento, por exemplo, após concluir que as pessoas não prestam muita atenção a conversas simples, o autor

---

<sup>20</sup> Tradução usada neste artigo: CORDEIRO, J. M. Estratégias para o processo tradutório. *Revista Varia Scientia*, Paraná, v. 4, n. 7, p. 59-75, agosto 2004.

<sup>21</sup> (...) são transformadas em descobertas científicas e apresentadas em termos do que é de valor imediato ou benefício potencial para os leitores.



sugere que o leitor use a palavra “porque” para conseguir um favor (“you might want to toss in a ‘because’ just for good measure”, seg. 114).

Hyland (2010) demonstrou que matérias jornalísticas sobre ciência costumam priorizar as vantagens do estudo, em vez de discorrerem sobre o método usado para a descoberta dos resultados. No Brasil, nota-se a mesma priorização, mas há exceções: as revistas *Pesquisa Fapesp* e *Scientific American Brasil* (esta última veicula traduções da versão americana do periódico). Essas duas revistas discutem a metodologia, os fundamentos teóricos e as consequências relacionadas ao fenômeno divulgado (SANTOS, 2013, p. 22).

Similarmente, Luttrell explica os passos do estudo antes de esclarecer como ele pode ser aproveitado pelo leitor. A diferença entre a metodologia *5 Amazing* e artigos científicos é o nível de detalhamento e sua ordem no texto. Os artigos científicos nos quais Luttrell baseou seu livro têm uma clara divisão dos métodos por meio de subtítulos, exceto o artigo do segundo experimento. Os outros quatro apresentam uma seção intitulada “Participants” (“Subjects”, no primeiro estudo) nos quais é relatada a quantidade exata de participantes – e, em alguns casos, a idade média, o sexo e a etnia –, e três deles também têm o subtítulo “Procedure”. Além da descrição dos procedimentos, também foram explicados os métodos estatísticos empregados para se verificar a significância dos resultados.

Luttrell, por sua vez, resume os procedimentos, mas não fornece a quantidade de participantes, tampouco os cálculos probabilísticos. De fato, ele explicou na introdução do livro que a pesquisa na Psicologia precisa de testes estatísticos, e que os estudos que ele apresentará provaram ser estatisticamente confiáveis, mas que ele não se aprofundaria nessa parte. No primeiro experimento, baseado no artigo *Mindlessness*, além de simplificar os detalhes técnicos, o autor também reorganiza certas informações do procedimento adotado e alterna entre a narração dos procedimentos e os resultados, criando uma certa expectativa quanto à conclusão do estudo.

Acredito que parte do motivo de o livro se diferenciar dos textos jornalísticos do estudo mencionado por Hyland (2010) quanto à metodologia é que, apesar de ambos popularizarem a ciência, ainda são de gêneros diferentes. Diferentemente de jornais, que se preocupam com a novidade da pesquisa, Luttrell não selecionou os estudos por serem uma nova descoberta – afinal, quase todos foram feitos no final do século passado –, mas principalmente por sua aplicabilidade prática. Ademais, mesmo

no meio jornalístico, encontram-se exemplos de revistas que também se preocupam em explicar o processo que levou à descoberta do experimento, como é o caso das revistas *Pesquisa Fapesp* e *SciAm Brasil*.

Isto posto, Hyland (2010) estabelece que a novidade é o principal atrativo tanto no contexto acadêmico (vide item 1.3.2) quanto no popular. Contudo, a novidade não parte da ideia discutida em si, mas varia de acordo com o que o público leitor já sabe ou com os interesses dele. Isso significa que o que é novidade para leitores não especialistas (isto é, o que lhes interessa – como é o caso do *5 Amazing*) pode não interessar a um público acadêmico e nem ser novidade.

### 1.5.5 Familiaridade

Grillo e Glushkova (2016) notaram nas edições russa e brasileira da *Scientific American* que os autores buscaram criar uma identificação com o leitor usando a primeira pessoa do plural inclusiva e remetendo a experiências e conhecimentos socialmente partilhados. Hyland (2010, p. 121), por sua vez, comenta que não se pode presumir que os leitores de publicações popularizadas de pesquisas tenham o mesmo grau de conhecimento compartilhado pela comunidade científica. Por esse motivo, definem-se novos conceitos conforme eles surgem no texto, embora se evitem jargões sempre que possível. Autores se colocam no lugar do leitor para explicar processos complexos, fornecendo definições breves e associando o novo conceito a eventos rotineiros e comuns.

Byrne (2014, p. 50) faz uma afirmação semelhante, de que na ciência popular autores recorrem a “imagens prosaicas” (*prosaic imagery*) para facilitar a compreensão de certos conceitos, tornar o assunto mais interessante e se aproximar do leitor. Para o autor, “The hybrid nature of popular science as a whole may even result in the use of unusual devices such as dialogues, story-telling, metaphors, role-plays, (...) and so on, in order to ensure that texts are informative and entertaining<sup>22</sup>” (BYRNE, 2014, p. 68).

Com efeito, já na introdução, Luttrell explica os princípios de um experimento de Psicologia pedindo que o leitor imagine que ele é um *chef* e que ele quer descobrir

---

<sup>22</sup> A natureza híbrida da ciência popular como um todo pode resultar até mesmo no uso de dispositivos incomuns, como diálogos, narrativas, metáforas, incorporação de personagens (...) e assim por diante, para garantir que os textos sejam informativos e lúdicos.

se sua famosa sopa ficaria melhor com ou sem salsão. Esse processo assemelha-se à incorporação de personagens (*role play*) mencionada por Byrne (2014).

Luttrell também inicia a explicação dos experimentos narrando uma experiência cotidiana ou aludindo a formas comuns de se pensar. Após narrar essas situações do dia a dia, ele as associa a um termo científico e/ou ao tema do estudo que será explicado em seguida. Na tabela abaixo, são destacadas frases usadas para associar essas metáforas a conceitos desconhecidos em *5 Amazing*:

TABELA 6
There you have it—a quick crash course in psychological research. (seg. 42)
We’re talking here about mindless compliance. (seg. 57)
That’s a case of a heuristic. (seg. 63)
This is a self-fulfilling prophecy. (seg. 167)

Note que nos últimos dois trechos da tabela, Luttrell usou pronomes demonstrativos para ligar sua narrativa ao termo. Hyland (2010, p.122) comenta que usar *determiners*<sup>23</sup> (*the, those*) é uma das estratégias possíveis para tornar o desconhecido mais familiar. Ainda há outras formas de se explicar processos complexos que vale mencionar: repetição, sinônimos e frases conjuntivas como “o que significa que”.

Em suma, na popularização da ciência, inclusive no livro de Luttrell, escritores apresentam suas informações de acordo com o que presumem que os leitores acreditam ou já sabem, fazendo ligações diretas entre o desconhecido e o familiar. Devido à importância de se associar conceitos desconhecidos a experiências e expressões comuns, a tradução deve adaptar situações narradas no original que não se apliquem ao contexto da língua de chegada. No segundo experimento, por exemplo, Luttrell cita uma metáfora inexistente na língua portuguesa, como explicarei no item 2.2.2 do relatório a seguir.

<sup>23</sup> Segundo o dicionário Oxford (<https://en.oxforddictionaries.com/definition/determiner>):  
*Grammar* A modifying word that determines the kind of reference a noun or noun group has, for example a, the, every.

## 2. RELATÓRIO DAS TRADUÇÕES

Foi enviada ao meu *e-mail* uma versão gratuita do livro digital *5 Amazing Psychology Experiments* após eu me inscrever no *blog* de Andrew Luttrell. Apesar de ele ser fornecido gratuitamente, enviei uma mensagem ao professor por meio do Udemy pedindo sua permissão para traduzir o livro, uma vez que meu trabalho seria disponibilizado na *internet*. Também ofereci entregar-lhe a tradução final para ele disponibilizá-la em seu *site* e, assim, alcançar um público falante do português. Luttrell mostrou-se receptivo e afirmou que gostaria, sim, de utilizar minha tradução. Por outro lado, recebi o direito de reprodução do artigo *The Mindlessness of Ostensibly Thoughtful Action* após ter enviado um formulário à APA, detentora dos direitos autorais do artigo, e tentei entrar em contato com a autora por meio de *e-mail*, mas nunca recebi uma resposta.

A tradução de ambos os textos foi realizada com o auxílio do editor *Google Translator Toolkit*<sup>24</sup>, que funciona de forma similar a programas de tradução como o *Wordfast Pro* e o *Trados*, na medida em que segmenta o texto segundo a sinais de pontuação e oferece uma tradução automática para ser reajustada pelo tradutor. Ambos os arquivos estavam originalmente no formato PDF, mas, como o *Google Translator Toolkit* não trabalha com tal formato, copiei e coleí os textos no *Microsoft Word* e os salvei no formato DOCX.

Durante a correção da tradução automática do editor *on-line*, conferi dois fóruns, o *English Experts* e os *WordReference Forums* e consulteí *sites* de tradução, a saber, o *Google Translator*, o *Linguee* e, com menor frequência, o *bab.la*. Também utilizeí dicionários em ambas as línguas envolvidas, bem como dicionários de Psicologia. Por vezes, conferi a ocorrência de uma colocação ou palavra no Google para saber se ela era frequente o bastante para ser considerada natural para um falante nativo do português. Estou ciente de que um corpus também poderia ter me auxiliado nesse sentido, mas, em virtude do tempo disponível para a elaboração deste trabalho, não pude compilar uma coletânea de textos de popularização da ciência e de artigos científicos de Psicologia que pudesse servir de fonte de consulta. Outro recurso que

---

<sup>24</sup> <<https://translate.google.com/toolkit/list#translations/active>>

usei durante minha tradução foi consultar colegas tradutoras. Neste relatório, exponho as decisões que tomei com base nessas estratégias de que lancei mão.

## 2.1 Relatório da tradução de *The Mindlessness of Ostensibly Thoughtful Action*

### 2.1.1 Terminologia e linguagem corrente

Segundo a estimativa de Newmark (1998, p. 151), a terminologia especializada compõe apenas uma pequena parte do total de palavras em textos técnicos – entre 5 e 10% – embora variem de acordo com o texto. Não obstante, conforme já mencionamos, o uso de termos científicos é um dos traços mais evidentes em textos científicos e técnicos (BYRNE, 2014, p. 51). Alguns dos termos do artigo *Mindlessness* trouxeram desafios tradutórios, os quais serão discutidos neste item.

Byrne (2014, p. 51-52) adverte que, além de lidar com termos especializados, os tradutores precisam lidar com termos que parecem pertencer à língua não especializada, mas na verdade são especializados. É o caso de *script*, mencionado em diversos trechos e descrito por mais de um autor. Inicialmente optei pela tradução literal da palavra (roteiro), mas, após pesquisa, descobri que esse termo na verdade pode ser traduzido de variadas formas. No *Dicionário de Psicologia Dorsch* (DORSCH, 2009, p. 848), por exemplo, o termo é mantido em inglês. Já no *Dicionário de psicologia da APA* (2010, p. 822), encontramos a tradução “roteiro” ou “esquema de roteiro”:

**roteiro** s. 1. estrutura esquemática cognitiva – um esquema mental – contendo as ações básicas (e suas relações temporais e causais) que abrangem uma ação complexa. (...) Também denominado esquema de roteiro. 2. representação estruturada consistindo de uma sequência de DEPENDÊNCIAS CONCEITUAIS agrupadas para capturar as relações semânticas implícitas em situações humanas cotidianas.

Também encontrei obras que definiram *scripts* como “esquemas de evento”, algumas das quais foram ilustradas nesta tabela<sup>25</sup>:

---

<sup>25</sup> Optei por não incluir exemplos dessa tradução no glossário (Anexo III, Volume II) porque não foi a tradução eleita para o artigo, mas julguei necessário fornecer exemplos válidos dessa opção para explicitar a complexidade do termo *script* e, conseqüentemente, da sua tradução. Forneci apenas alguns dados bibliográficos sobre a fonte com uma estrutura semelhante à exigida pela ABNT, visto que a inclusão de todos os dados da fonte tornaria a tabela muito longa.

TABELA 7
Dentre os esquemas culturais são importantes os <i>scripts</i> ou <i>esquemas de eventos</i> (Nelson, 1986; Schank & Abelson, 1977). (Desenvolvimento e contexto sociocultural: a gênese da atividade mediada nas interações iniciais mãe-bebê. Disponível em: < <a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0102-79722000000200005">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0102-79722000000200005</a> >. Acesso em: abril de 2017.)
(...) “ <b>esquemas de eventos</b> ou situações, <b>também chamados roteiros</b> , que podem incluir dentro de si outros esquemas e que se referem a uma seqüência de ações relacionadas causal e/ou temporalmente em um contexto social” (Dramatizações e psicologia comunitária: um estudo de processos de mediação simbólica. Disponível em < <a href="http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1809-52672010000200008&amp;lng=pt&amp;nrm=iso">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1809-52672010000200008&amp;lng=pt&amp;nrm=iso</a> >. Acesso em: abril de 2017.)

A primeira publicação cita um dos autores mencionado no artigo de Langer e colegas (Abelson), além de outros teóricos, e os ambos os exemplos da tabela 7 também forneceram outras traduções (*scripts* e roteiros). Os próprios autores do artigo apontaram sua complexidade na seguinte nota:

TABELA 8	
<i>Mindlessness</i>	Tradução final
<i>Author's note.</i>	<i>Nota dos autores.</i> (seg. 272)
Since the Langer and Abelson (1972) paper was published, <b>there have been diverging uses of the term script</b> which did not become apparent until after this manuscript was prepared.	Desde a publicação do trabalho de Langer e Abelson (1972), <b>tem havido usos divergentes do termo script</b> , que se tornaram evidentes somente depois que este manuscrito foi preparado. (seg. 273)
In our formulation, the use of <b>script</b> signifies only relative cognitive inactivity. To avoid confusion, the word <b>script</b> as it appears in this article should be read as "mindlessness."	Em nossa formulação, o uso de <b>script</b> significa apenas relativa inatividade cognitiva. Para evitar confusão, a palavra <i>script</i> , como aparece neste artigo, deve ser lida como "desatenção". (seg. 276)

Curiosamente, no livro de popularização da ciência (*5 Amazing Psychology Experiments*), Luttrell apresentou outro conceito para se referir a esse experimento, “heurística”, que é um atalho mental usado para a resolução de alguns problemas sem grande esforço mental, da mesma forma que *scripts* orientam nossas reações em certas situações. Talvez o autor tenha usado um conceito diferente do adotado no artigo de Langer e colegas justamente porque trata-se de um termo complexo.

Devido aos usos divergentes do termo em inglês e à existência de mais de uma tradução para ele, optei por manter o termo em inglês, como registrado no *Dicionário*

de *Psicologia Dorsch* (DORSCH, 2009, p. 848), e inserir uma das traduções alternativas entre parênteses quando o termo foi explicado pela primeira vez. Optei por “roteiro” por ser a tradução encontrada no dicionário da APA (VANDENBOS, 2010), uma fonte confiável, além de ser usada em outras publicações e estar mais próxima da palavra encontrada no original. Dessa forma, traduzi o adjetivo “scripted” por “roteirizado”, para manter uma relação com a tradução alternativa exposta:

TABELA 9	
<i>Mindlessness</i>	Tradução final
Berne (1964) discussed the idea of <b>scripts</b> in a popularized way, and Abelson (1976) rigorously elaborated the concept in generating a computer simulation of belief systems.	Berne (1964) discutiu a ideia de <b>scripts</b> (também chamados de <b>roteiros</b> ) de forma popularizada, e Abelson (1976) elaborou rigorosamente o conceito ao gerar uma simulação computacional de sistemas de crenças. (seg. 39)
However, while Abelson has come closest to delineating the structure of <b>scripts</b> , no one has yet experimentally determined the minimum requirements necessary to invoke a particular <b>script</b> , nor has <b>scripted behavior</b> really been demonstrated to be mindless.	Todavia, enquanto Abelson chegou mais perto de delinear a estrutura dos <b>scripts</b> , ninguém ainda determinou experimentalmente as exigências mínimas necessárias para invocar um <b>script</b> em particular, e tampouco foi provado, de fato, que um <b>comportamento roteirizado</b> é desatento. (seg. 48)

Outro termo científico que à primeira vista pode ser confundido como um vocábulo da língua não especializada é “blind”, usado no trecho “conducted by a female who was blind to the experimental hypotheses”. A princípio, acreditei que era uma forma de dizer que a mulher estava “alheia às hipóteses experimentais”, ou, ainda, “uma mulher que desconhecia as hipóteses”, mas, na verdade, o termo está relacionado a um procedimento experimental usado para garantir que os resultados não sejam enviesados, o “double blind”. Nas palavras do *Business Dictionary*<sup>26</sup>, é um “Experimental procedure in which the possibility of bias is removed by keeping both the experimenter and the subject from knowing what is being tested”. Com efeito, no *Dicionário de psicologia da APA* (VANDENBOS, 2010, p. 164), cego “denota a condição em que um coletor de dados, participante de pesquisa, ou ambos, não conhecem as condições experimentais sob as quais estão operando”. O livro *Metodologia de Pesquisa em Psicologia* também explica que “Em um procedimento

<sup>26</sup> Vide <<http://www.businessdictionary.com/definition/double-blind.html>>

duplo-cego, o participante e o observador estão cegos (desconhecem) ao tratamento que está sendo administrado” (SHAUGHNESSY, 2012, p. 211). Logo, apliquei a terminologia adequada à minha tradução, no gênero feminino, uma vez que o livro supracitado também flexiona a palavra (“estão cegos ao tratamento”):

TABELA 10	
<i>Mindlessness</i>	Tradução final
Half of the experimental sessions were conducted by <b>a female who was blind to the experimental hypotheses</b> , and the remaining sessions were run by a male experimenter who knew the hypotheses.	Metade das sessões experimentais foram conduzidas por <b>uma mulher cega às hipóteses experimentais</b> , e as sessões restantes foram conduzidas por um pesquisador do sexo masculino que conhecia as hipóteses. (seg. 69)

Por outro lado, deparei-me com uma palavra que inicialmente acreditei ser um termo, mas, após pesquisa, provou-se ser uma palavra comum: “compliance”, definida pelo Oxford Dictionary como “The action or fact of complying with a wish or command”<sup>27</sup>. Sua tradução literal é “complacência”, que significa, segundo a tradução do Dicionário de Psicologia elaborado por Galimberti (2010, p. 226), “atitude excessivamente acomodada com traços de submissão em relação aos outros, adotada pela necessidade de ser aceito ou pelo temor de não receber suficiente estima ou afeto (v. CONFORMISMO)”. Resisti a essa tradução literal porque a palavra não foi usada em um contexto em que um indivíduo desejava agradar a outra pessoa. De fato, no artigo, o termo designava o ato de participantes atenderem ao pedido feito por um estranho para usar a máquina de xerox primeiro. Como o próprio dicionário citado sugeriu, conferi o significado de “conformismo”, que também não se aplicava ao sentido empregado no artigo:

tendência à adesão, desprovida de senso crítico, a ideias, valores, atitudes, necessidades e aspirações dominantes no grupo social de referência. São figuras do conformismo: a) a complacência ditada pela necessidade de ser aceito ou pelo temor de não receber suficiente estima e afeto; b) a condescendência, manifestada nos processos de decisão com abstenção do juízo e simples execução do que é exigido pela autoridade, que pode assumir atitudes implicitamente ameaçadoras ou benévolas para contrabalançar os custos da resposta; c) a aquiescência, que induz os sujeitos a responder no modo socialmente aprovado, independentemente da própria opinião. (GALIMBERTI, 2010, p. 249-250)

<sup>27</sup> Vide <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/compliance>>



Os dicionários de Psicologia Dorsch (DORSCH, 2009, p. 179) e da APA (VANDENBOS, 2010, p. 215) apresentam definições semelhantes para a palavra. Por esse motivo, passei a buscar sinônimos de “compliance” por meio de dicionários e *sites* de tradução como o *Google Translator*. Algumas das possíveis traduções encontradas foram “assentimento”, “anuência”, “condescendência”, “permissividade” e “consentimento”. Esta última pareceu a mais adequada, por causa de sua definição no dicionário Priberam<sup>28</sup>: “1. Ato ou efeito de consentir; 2. Manifestação que autoriza algo. = AUTORIZAÇÃO, LICENÇA, PERMISSÃO; 3. Manifestação a favor de algo ou alguém. = ADESÃO, ANUÊNCIA, APROVAÇÃO”. Similarmente, elegi “atender”, um dos sinônimos de “comprazer”, para traduzir “comply”, conforme como pode ser visto na tabela abaixo:

TABELA 11	
<i>Mindlessness</i>	Tradução final
The notion of a script was used to describe a study by Langer and Abelson (1972), where it was argued that asking a favor had certain script dimensions and that the success of getting <b>compliance</b> depended on the specific syntax of the request rather than on the specific content of the statement.	A noção de <i>script</i> foi usada para descrever um estudo de Langer e Abelson (1972) no qual foi argumentado que pedir um favor tinha certas dimensões de <i>script</i> e que o sucesso em obter <b>consentimento</b> dependia da sintaxe específica do pedido, e não do conteúdo específico da frase. (seg. 42)
Under these circumstances, subjects were more likely to <b>comply with</b> the request based on the adequacy of the reason presented.	Nestas circunstâncias, era mais provável que os participantes <b>atendessem ao</b> pedido com base na adequação do motivo apresentado. (seg.123)

O último termo que me causou dificuldade foi “mindless(ness)”. O *Cambridge Dictionary of American English for Speakers of Portuguese* (2013, p. 528) sugere a tradução “irracional/estúpido”, mas ambas as opções pareceram inadequadas para o contexto do artigo, no qual “mindless” é usado para descrever um comportamento executado automaticamente, isto é, sem que o indivíduo esteja completamente ciente de suas ações, conforme se pode ver no seguinte trecho:

<sup>28</sup> Vide <<https://www.priberam.pt/dlpo/consentimento>>

TABELA 12	
<i>Mindlessness</i>	Tradução final
The class of behavior of greatest interest here is not that which is commonly understood to be automatic, such as walking or typewriting, but rather that which is <b>commonly assumed to be mindful but may be, in fact, rather automatic</b> . We shall refer to it here as mindless behavior— <b>mindless in the sense that attention is not paid precisely</b> to those substantive elements that are relevant for the successful resolution of the situation.	A classe de comportamento de maior interesse aqui não é a comumente entendida como automática, como caminhar ou datilografar, mas sim <b>o que normalmente se presume ser consciente, mas que pode ser, na verdade, bastante automático</b> . Vamos nos referir a isso como comportamento desatento – <b>desatento no sentido de que não se presta atenção precisamente</b> a esses elementos substanciais que são relevantes para a resolução bem-sucedida da situação (seg. 35)

Como se pode conferir na tabela acima, escolhi o termo “desatento” por se opor a “atenção plena”, tradução do antônimo de “mindlessness”, isto é, “mindfulness”. Curiosamente, ao pesquisar textos em português que mencionassem o termo e Langer (a autora do artigo), encontrei muito mais resultados com seu antônimo, “mindfulness”, como os exemplos da tabela 13:

TABELA 13
Outra meca tem sido o Center for Contemplative <b>Mindfulness</b> -Based Stress [Centro de Redução de Estresse Baseado na <b>Atenção Plena</b> ] da Escola de Medicina da universidade de Massachussetts em Worcester, que tem um centro de treinamento para executivos. (Foco: a atenção e seu papel fundamental para o sucesso, 2014, p. 193)
Hoje, a esse tipo de atividade dá-se o nome de <b>mindfulness</b> . A expressão foi traduzida no Brasil como “ <b>atenção plena</b> ”. (...)A técnica despertou o interesse de acadêmicos nos Estados Unidos durante os anos 70. Começou a ter seus efeitos pesquisados por Jon Kabat-Zinn, da Universidade de Massachusetts, e <b>Ellen Langer</b> , de Harvard. (Mindfulness, a técnica para aumentar a produtividade e diminuir o estresse. Disponível em: < <a href="http://epocanegocios.globo.com/Inspiracao/Vida/noticia/2015/11/mindfulness-tecnica-para-aumentar-produtividade-e-diminuir-o-estresse.html">http://epocanegocios.globo.com/Inspiracao/Vida/noticia/2015/11/mindfulness-tecnica-para-aumentar-produtividade-e-diminuir-o-estresse.html</a> >. Acesso em: abril de 2017)

Entretanto, não encontrei uma tradução consagrada para “mindlessness”, provavelmente porque há menos material sobre o conceito. Em uma reportagem da revista *Harvard Business Review Brasil*<sup>29</sup>, por exemplo, o termo não foi traduzido,

<sup>29</sup> Vide <<http://hbrbr.uol.com.br/mindfulness-na-era-da-complexidade/>>

assim como Marcelo Maia, um especialista em programação neurolinguística e hipnose conversacional, manteve o termo em inglês ao explicar o experimento de Langer em seu *site*<sup>30</sup>. Uma vez que não encontrei o termo em inglês em nenhum dos três dicionários de Psicologia em português que consultei, descartei a possibilidade de manter a palavra em inglês, ao contrário da atitude tomada com *script*, por isso continuei a procurar por um equivalente brasileiro.

Na busca pela tradução mais adequada, assisti a dois vídeos legendados em português de entrevistas com Langer quando ela veio ao Brasil. No vídeo *A pesquisa sobre o Mindfulness - Ellen Langer, Harvard University Department of Psychology*<sup>31</sup>, o trecho “when you’re mindless” (minuto 2:30) foi traduzido por “quando [você] não está com a consciência”, o que soa estranho, visto que normalmente dizemos “quando você não está consciente”, por isso não pude usá-lo para auxiliar minha tradução. Na entrevista da HSM<sup>32</sup>, no minuto 0:50, a tradução se aproximou um pouco mais da ideia de atenção plena e o conceito oposto ao legendar “when you’re *mindless*” por “quando [você] não está *prestando atenção*”.

Considereei, assim, que uma solução seria escrever algo que contrastasse diretamente com atenção plena (*mindfulness*), a saber, “desatenção”. Felipe Souza, psicólogo clínico e *on-line* (CRP 04/25443), doutor e instrutor de Mindfulness na Unifesp, postou um vídeo em seu *site* denominado *O que é Mindfulness e o que não é (Mindlessness)*<sup>33</sup>, no qual traduz “mindlessness” por “desatenção”. Paralelamente, uma reportagem da *Época Negócios* (CALDAS, 2015) sobre uma palestra de Ellen Langer também trata do assunto mencionando a desatenção, reforçando minha crença de que essa seria uma boa alternativa tradutória.

A tradução de “thoughtful”, no título, foi feita com base nessa ideia de que ações que parecerem ser executadas após refletirmos sobre a situação presente são, na verdade, executadas de forma desatenta, sem termos completa consciência de nossas decisões. Logo, para traduzir “thoughtful”, optei por “refletido”, “atento” ou “consciente”, dependendo do substantivo que o adjetivo caracterizava. Todas as ocorrências de “ostensibly thoughtful action”, por exemplo, foram substituídas no português por “ação aparentemente consciente”. Contudo, em outros trechos, usei os

---

<sup>30</sup> Vide <<http://marcelomaiacursos.com/como-aumentar-seu-poder-de-influencia/>>

<sup>31</sup> Vide <[https://www.youtube.com/watch?v=0IqEpY\\_SKO4](https://www.youtube.com/watch?v=0IqEpY_SKO4)>

<sup>32</sup> Vide <<https://experience.hsm.com.br/posts/mindfulness-solucoes-e-novos-pontos-de-vista>>

<sup>33</sup> Vide <<http://www.psicologiamsn.com/2015/10/video-o-que-e-mindfulness-e-o-que-nao-e-mindlessness.html>>

sinônimos citados, pois soaram mais adequados para o contexto, como ilustrado nos segmentos abaixo:

TABELA 14	
<i>Mindlessness</i>	Tradução final
It was hypothesized that when habit is inadequate, <b>thoughtful behavior</b> will result and that this will be the case when either of two conditions is met: (a) when the message transmitted is structurally (rather than semantically) novel or (b) when the interaction requires an effortful response.	Levantou-se a hipótese de que, quando o hábito é inadequado, o <b>comportamento atento</b> sucederá, e que este será o caso quando uma de duas condições for satisfeita: (a) quando a mensagem transmitida é estruturalmente (em vez de semanticamente) nova ou (b) quando a interação exige esforço para ser respondida. (seg. 57)
Once compliance with the request required a modicum of effort on the subject's part, <b>thoughtful responding</b> seemed to take the place of mindlessness, and the reason now seemed to matter.	A partir do momento em que atender ao pedido exigia um mínimo de esforço por parte do sujeito, <b>uma resposta refletida</b> parecia tomar o lugar da desatenção, e o motivo agora parecia importar. (seg. 122)
It would seem that <b>thoughtful processing</b> of the information communicated to these subjects would have resulted in a nonresponse from them.	Poderia parecer que o <b>processamento atento</b> das informações comunicadas a esses participantes teria resultado em uma não-resposta deles. (seg. 238)

Destaco também a tradução de “subjects”, que variou entre “participantes” e “sujeitos”. Ambos os termos são usados para descrever alguém que participa de um experimento, por isso usei essas palavras na tradução, embora tenha optado mais vezes por “participantes”, por ser o termo preferido, de acordo com o *Dicionário de psicologia APA* (VANDENBOS, 2010, p. 884):

sujeito s. 1. o indivíduo humano ou animal não humano que toma parte de uma experiência ou estudo de pesquisa e cujas respostas ou desempenho são relatados ou avaliados. PARTICIPANTE é agora frequentemente o termo preferido para indivíduos humanos, porque a palavra “sujeito” é despersonalizante e sugere passividade e submissão por parte do participante da experiência.

Por fim, há duas palavras que podem causar estranhamento, porque refletem aspectos da época em que o artigo foi escrito, há quase 40 anos: “datilografar” (seg. 35) e a “folha de rosto” de fax (seg. 173). A princípio, cogitei traduzir “typewriting” por “digitar” ou “teclar”, visto que essa parece ser a atividade atual correspondente a datilografar. Contudo, os possíveis leitores de minha tradução teriam ciência de que o

texto foi escrito há muitos anos, por isso poderiam facilmente inferir que “datilografar” seria uma atividade mais comum na época em que o artigo foi escrito. Além disso, decidi não atualizar o texto porque essa não era parte de minha proposta tradutória, mas, caso minha tradução houvesse sido efetivamente encomendada por um cliente, eu poderia perguntar a ele se ele preferia que eu fizesse tal alteração.

“Cover sheet” também pode causar estranhamento porque costuma ser associada a trabalhos acadêmicos e livros, mas, segundo o dicionário Oxford<sup>34</sup>, o termo também pode significar “A page sent as the first page of a fax transmission, identifying the sender, number of pages, etc”. Não encontrei nos dicionários consultados (Priberam e Michaelis) uma definição para “folha de rosto”, mas o *site* da Microsoft<sup>35</sup> oferece um modelo de folha de rosto de fax, o que indica que essa tradução também se aplica para os dois sentidos de “cover sheet”. Contudo, a expressão empregada no original está associada a um questionário enviado pelo correio, e não por fax, mas não encontrei um equivalente a “folha de rosto” normalmente usado para cartas, por isso mantive essa tradução.

O artigo *Mindlessness* apresenta ainda muitos outros termos, mas a tradução deles ocorreu sem grandes dificuldades, por isso não a discutirei neste item. Elaborei um glossário (Anexo III) para consulta pessoal, no qual ilustro os resultados da pesquisa realizada para minha tradução.

### **2.1.2 Clareza e concisão na tradução**

Apesar de frases complexas serem uma característica de artigos científicos (vide item 1.3.2.1.3), julguei necessário que minha tradução fosse clara e precisa, como recomendam Sabadini, Sampaio e Koller (2009, p. 21). Desse modo, tentei tornar alguns trechos mais claros em minha tradução, separando mais fortemente as ideias ou sujeitos dentro de uma frase, mas sem prejudicar a transmissão das informações contidas no original ou simplificar essas passagens a ponto de frustrar um leitor culto. Eis o primeiro exemplo de minhas alterações:

---

<sup>34</sup> Vide <[https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/cover\\_sheet](https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/cover_sheet)>

<sup>35</sup> Vide <<https://templates.office.com/pt-br/Folha-de-rosto-básica-de-fax-TM03453652>>

TABELA 15	
<i>Mindlessness</i>	Tradução final
It was hypothesized that <b>unless the communication</b> occasioned an effortful response or was structurally (rather than semantically) novel, <b>responding that suggests</b> ignorance of relevant information would occur.	Levantou-se a hipótese de que <b>se uma dessas comunicações</b> fosse respondida, <b>isso sugeriria</b> que informações relevantes foram ignoradas – <b>a menos que a comunicação</b> ocasionasse esforço para ser respondida ou fosse estruturalmente (em vez de semanticamente) nova. (seg. 15)

Tive dificuldade em compreender a frase, especialmente porque “that” e “the communication” (o sujeito a que o pronome se referia) estavam muito distantes entre si para que eu pudesse fazer uma conexão imediata entre as duas palavras. Como se pode ver, na minha tradução repeti a palavra nas duas orações subordinadas para que o leitor não tivesse de pausar para fazer a conexão necessária. Na primeira vez em que ela aparece, optei por “uma dessas comunicações”, e não a tradução literal “a comunicação”, para conectar esta frase à ocorrência anterior de “*communications*” (seg. 14). Além disso, inverti a ordem das ideias, e, para isso, adicionei outra conjunção condicional à frase. Também destaquei a oração “a menos que a comunicação ocasionasse esforço” por meio do travessão, de modo a separar mais enfaticamente as ideias contidas na frase.

O trecho modificado encontra-se no resumo do artigo. Como discutido no item 1.3.1, essa seção exerce um papel decisivo na escolha do leitor sobre qual artigo ele lerá, de modo que deve ser traduzido sem ambiguidades, mesmo que o original esteja confuso (BYRNE, 2014, p. 63). Quanto à tradução do resumo inteiro, gostaria de apontar que ela somou 933 caracteres com espaço – ainda abaixo do limite de máximo de 960 caracteres sugerido por Sabadini, Sampaio e Koller, (2009).

Nos próximos três exemplos de modificações que visaram alcançar a clareza e concisão, também tentei separar melhor elementos da frase, mas efetuei menos alterações do que no caso acima:

TABELA 16	
<i>Mindlessness</i>	Tradução final
Discussions of mind/body dualism by philosophers <b>and</b> the consequences that different versions of this relation have on its status as an isomorphic, deterministic, or necessary relationship between the two	As discussões de filósofos sobre o dualismo mente/corpo, <b>bem como</b> as consequências que diferentes versões dessa relação têm sobre seu <i>status</i> de relação isomórfica, determinista, ou

are part of psychology's heritage.	necessária, são parte do patrimônio da Psicologia. (seg. 30)
The results support the hypothesis that an interaction that appears to be mindful, between two people who are strangers to each other <b>and</b> thus have no history that would enable precise prediction of each <b>other's behavior</b> , and in which there are no formal roles to fall back on to replace that history, can, nevertheless, proceed rather automatically.	Os resultados apoiam a hipótese de que uma interação que parece ser atenta entre duas pessoas que não se conhecem ( <b>e</b> portanto não têm uma história que permitiria uma previsão precisa do <b>comportamento do outro</b> ), e na qual não existem papéis formais com que se possa contar para substituir essa história, pode, no entanto, ocorrer de forma um tanto automática. (seg. 120)
While the authors do in fact believe that people very often negotiate their interpersonal environments mindlessly, studies like these may simply demonstrate that subjects are not thinking about what one thinks they are thinking about (i.e., what is relevant), <b>rather</b> than demonstrating that their minds are relatively blank.	Embora os autores de fato acreditem que as pessoas muitas vezes negociem seus ambientes interpessoais sem pensar, estudos como esses podem simplesmente demonstrar que os sujeitos não estão pensando no que acredita-se que estejam pensando (ou seja, o que é relevante). <b>Pelo contrário</b> , demonstram que suas mentes estão relativamente em branco. (seg. 246)

No primeiro caso, percebe-se que o segundo sujeito é muito longo e é composto por um verbo (“têm”), o que poderia confundir o leitor. Dessa forma, tentei separá-lo do verbo principal da frase e reforçar sua função como um dos sujeitos ao empregar a locução “bem como”, que permite a isolação do sujeito entre vírgulas. No segundo exemplo, de mais de quatro linhas, achei que as vírgulas não seriam tão efetivas para intercalar as ideias expressas, motivo pelo qual optei pelos parênteses, pois eles “assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado” (BECHARA, 2009, p. 612). Já no terceiro caso, isolei a oração final, que, obviamente, não estava intercalada entre duas ideias, motivo pelo qual foi possível separá-la de forma mais forte, com o ponto final. Essa estratégia é um dos universais da tradução proposto por Baker (1996 *apud* SANTOS, 2013), a saber, a simplificação – no caso, sintática:

Já no plano sintático, a simplificação se manifesta principalmente pela quebra de sentenças longas e complexas em períodos menores, que deixam o texto mais segmentado e facilitam a compreensão. No plano estilístico, por fim, percebe-se a omissão de repetições e informações redundantes, a substituição de fraseologias elaboradas por colocações mais simples e diretas, entre outros. (SANTOS, 2013, p. 52)

Também foi usada a simplificação estilística no seguinte exemplo, em que omito informações redundantes e repetições:

TABELA 17	
<i>Mindlessness</i>	Tradução final
Subjects were <b>simply asked</b> to return a <b>piece of paper</b> that <b>asked</b> them <b>only</b> to return that <b>paper</b> to Room 238.	O <b>papel</b> pedia que os participantes <b>apenas</b> o devolvessem à sala 238. (seg. 222)

### 2.1.3 Impessoalização

Conforme discutido na análise sobre a macro e microestrutura do artigo, principalmente no item 1.3.2, sobre a introdução, e no item 1.3.4., sobre os resultados e discussão, autores de artigos científicos buscam reforçar sua credibilidade ao minimizar o próprio papel na pesquisa, sugerindo que os mesmos resultados seriam obtidos por qualquer outra pessoa que fizesse o experimento. Isso significa que uma característica comum desse gênero é o apagamento do sujeito, que, em português, pode ocorrer por meio do uso do sujeito indeterminado, da voz passiva e da primeira pessoa do plural inclusiva (RESENDE, 2011, p. 80), dentre outras estratégias.

No artigo traduzido, todos esses recursos foram utilizados, mas também ocorreu o uso da primeira pessoa do plural exclusiva, usada para se referir aos autores do artigo, e não à comunidade científica que abrange o público leitor e os autores. Contudo, essa estratégia parece ser menos comum em artigos brasileiros (ao menos em algumas disciplinas), conforme demonstrado nos estudos supracitados de Almeida e Miranda (2009) e de Possamai (2006). Apesar de esses estudos não analisarem artigos especificamente da Psicologia, mas presumi que em geral escritores da maioria das disciplinas evitam usar a primeira pessoa exclusiva (autorreferencial). Consequentemente, para conformar o artigo aos padrões brasileiros e, assim, garantir mais aceitabilidade do trabalho, procurei substituir a primeira pessoa do plural exclusiva por formas impessoais, conforme se pode ver nos segmentos a seguir:

TABELA 18	
<i>Mindlessness</i>	Tradução final
If the communications to the subject were semantically senseless and yet fulfilled the script requirements for written communication, <b>we could safely assume</b>	Se as comunicações ao participante fossem semanticamente sem sentido e, ainda assim, cumprissem os requisitos do <i>script</i> para comunicações escritas,



that the return of the mail signified that <b>we had engaged</b> the subject in mindless behavior—that he or she had not "thought about" the material but had returned it merely because it satisfied the structural requisites for a habitual behavior.	<b>poderia assumir-se seguramente</b> que o retorno da correspondência significava que <b>foi desencadeado</b> um comportamento desatento – que o participante não tinha "pensado a respeito" do material, mas o devolveu meramente porque ele satisfaz os requisitos estruturais para induzir um comportamento habitual. (seg. 138)
The mailroom attendants put the returned letters aside <b>for us</b> .	Os funcionários do correio interno separavam as cartas devolvidas <b>para os pesquisadores</b> . (seg. 224)

Na primeira linha da tabela, nota-se o uso da terceira pessoa acompanhada da partícula “se” e o uso da voz passiva (“*foi desencadeado* um comportamento”), que também é encontrada em passagens do texto em inglês, conforme comentamos no item 1.3.3.1. Já no 224 segmento, optei por uma autorreferência impessoal – “os pesquisadores”. Langer, Blank e Chanowitz fizeram o mesmo ao se autorreferirem como “*the authors*”, no trecho “while *the authors* do in fact believe...” (seg. 246). Logo, julguei que minha tradução se adequou bem aos padrões brasileiros e à estrutura do texto original.

Mantive a primeira pessoa do plural quando se tratava da forma inclusiva, isto é, quando se referia à comunidade científica da qual ambos os autores e leitores fazem parte, pois é uma característica típica de artigos científicos (HYLAND, 2010, p. 125). Contudo, também mantive a forma exclusiva em certos trechos, como o segmento reproduzido a seguir:

TABELA 19	
<i>Mindlessness</i>	Tradução final
It appears that <b>our</b> notion of what is congruent was correct only for people like <b>ourselves</b> , who have had an abundance of certain kinds of written communications and not others.	Parece que <b>nossa</b> noção do que é congruente estava correta apenas para pessoas como <b>nós</b> , que <b>tivemos</b> uma abundância de certos tipos de comunicações escritas, e não outras. (seg. 193)

Conforme exposto no item 1.3.2.1.4, acredito que os autores destacaram seu papel no estudo para sugerir que a hipótese deles não deveria ser questionada, uma vez que o método aplicado tratava-se de um erro pessoal. Foi por esse motivo que mantive o uso da primeira pessoa do plural nas frases em que eles discutem o erro.

Ademais, em seu estudo sobre a pessoalização em artigos brasileiros de linguística, Almeida e Miranda (2009) destacaram que a primeira pessoa do singular apareceu geralmente na exposição das escolhas para a elaboração do trabalho, na revista *Linguística Teórica e Descritiva*. Similarmente, o trecho em que mantive o uso da primeira pessoa também se relacionava às escolhas feitas pelos autores.

#### 2.1.4 Tradução de tabelas

Um dos aspectos trabalhosos do processo tradutório foi a tradução das tabelas do artigo. Inicialmente, considerei adotar uma das recomendações de Byrne (2010, p. 165-166) sobre a tradução gráficos, capturas de tela e diagramas. Dentre as sugestões do autor, considerei fornecer um glossário com as palavras e números da tabela no original ou inserir uma legenda embaixo da imagem da tabela em inglês – estratégia sugerida apenas caso haja espaço o suficiente e o resultado seja claro o suficiente. Contudo, ao transformar o arquivo do artigo em PDF para DOCX, consegui refazer as tabelas com a ferramenta do Word. Abaixo segue uma captura de tela da tabela 3 (a que tinha mais células), como consta do original:

Table 3  
*Proportion of Subjects Who Returned the Questionnaire*

Condition	High status		Random status	
	Per-sonal	Im-personal	Per-sonal	Im-personal
Demand <i>n</i>	.33 9	.40 10	.44 9	.20 10
Request <i>n</i>	.70 10	.30 10	.20 10	.30 10

Figura 1. Captura de tela da Tabela 3 do arquivo PDF do artigo

E abaixo segue minha reprodução da tabela usando o *Microsoft Word*:

Table 3  
*Proportion of Subjects Who Returned the Questionnaire*

Condition	High status		Random status	
	Personal	Impersonal	Personal	Impersonal
Demand	.33	.40	.44	.20
<i>n</i>	9	10	9	10
Request	.70	.30	.20	.30
<i>n</i>	10	10	10	10

Uma vez que consegui recriar as tabelas, pareceu mais adequado traduzi-las normalmente, no formato espelhado usado para o resto do texto, como pode ser visto nos segs.100, 157 197 e 251. Como é possível perceber na tradução espelhada, adequiei a pontuação que indica decimais, uma vez que em inglês se usa ponto, ao passo que em português se usa vírgula, e acresci um zero antes da vírgula.

### 2.1.5 Outras considerações sobre o processo tradutório

Newmark (1998, p. 157-158) recomenda que o endereço do local de trabalho dos autores de artigos sejam transferidos, exceto quando, por exemplo, o nome da instituição é tão opaca que seria útil adicionar uma tradução que explique a função do órgão. No caso de *Mindlessness*, não é especificado o departamento onde Langer trabalha, mas a faculdade dos outros dois autores é informada: “The Graduate Center”. Dessa forma, mantive em inglês o nome das universidades dos autores, visto que elas são instituições conhecidas, mas adicionei uma tradução após a faculdade, como pode ser visto no segmento 5, uma vez que o nível acadêmico de “graduate” poderia ser desconhecido para alguns autores.

Outra consideração a respeito do processo tradutório refere-se a uma observação feita no subitem 1.3.4.1. Em um estudo sobre marcadores textuais em textos especializados em português, Possamai (2006) notou a presença de expressões que introduzem orações subordinadas como, por exemplo, “é importante ressaltar que”. Na tradução do segmento 233, encontrei um trecho em particular que pareceu receptivo, por assim dizer, a uma dessas expressões: “It should be noted that”, que traduzi por “É importante ressaltar que”, em vez de “Note que”, por exemplo.

Também pode ser útil apontar a mudança relativa à numeração das páginas e notas: se minha tradução fosse publicada em um periódico, a numeração das páginas do original não se aplicaria mais. Da mesma forma, se minha tradução houvesse sido

encomendada apenas para a leitura de um cliente interessado no conteúdo do artigo, a numeração das páginas provavelmente seria irrelevante para ele. Isto posto, omiti a numeração na minha tradução espelhada, de modo que não é possível distinguir o final e começo de cada página como formatada no original. Como minha tradução não sinalizava mais as páginas do original, transformei uma nota de rodapé em nota de fim, movendo-a, assim, para o final do arquivo, após a *Nota do autor* e uma nota de tradução. Como essa nota de rodapé (transformada em nota de fim) é a primeira do original, mas a segunda na minha tradução, devido ao acréscimo da nota de tradução, ela tem uma numeração diferente do texto original.

A nota de tradução refere-se a uma citação direta a uma obra, mas, como não encontrei a tradução oficial para o português dessa obra, optei por traduzir a frase citada e acrescentar uma nota de tradução com o trecho original. Na tabela abaixo, transcrevi os trechos nos quais foram numeradas as notas e as respectivas notas de fim, para que se possa visualizar as mudanças que acabei de explicar:

TABELA 20	
<i>Mindlessness</i>	Tradução final
To Abelson, a script is a "highly stylized sequence of typical events in a well-understood situation, ... a coherent sequence of events expected by the individual, involving him either as a participant or as an observer." (p. 33) (See <i>Author's note</i> , p. 642.)	Para Abelson, um <i>script</i> é uma "sequência altamente estilizada de eventos típicos em uma situação bem compreendida, ... uma sequência coerente de eventos esperados pelo indivíduo, envolvendo-o ou como participante ou como observador." <sup>ii</sup> (p. 33). (Veja <i>Nota do autor</i> , p. 642). (seg. 40)
	<sup>ii</sup> No original, "highly stylized sequence of typical events in a well-understood situation,... a coherent sequence of events expected by the individual, involving him either as a participant or as an observer." [N. de T.] (seg. 279)
Table 2 presents the proportion of subjects who returned the questionnaire, by congruence and status. <sup>i</sup>	A Tabela 2 apresenta a proporção de participantes que devolveram o questionário, por congruência e <i>status</i> . <sup>iii</sup> (seg. 187)
<sup>iii</sup> Two of the original letters were returned with the notice that the addressee no longer lived at the address. Hence, there were 78 subjects in the study.	<sup>iii</sup> Duas das cartas originais foram devolvidas com o aviso de que o destinatário não morava mais naquele endereço. Assim, houve 78 participantes no estudo. (seg. 280)

Outra decisão tradutória foi manter a ordem das informações apresentadas sem introduzir subtítulos que sinalizavam os procedimentos e participantes, conforme explicado no item 1.3. Caso minha tradução tivesse sido encomendada para a publicação em uma revista, eu poderia apontar a falta de coesão ao cliente e sugerir a reorganização dos dados para conformar o texto aos padrões estabelecidos pela comunidade científica ou pelo periódico em questão e aumentar as chances de ele ser aceito.

Por fim, gostaria de apontar que mantive inalteradas as referências bibliográficas em vez de, por exemplo, adequá-las às normas da ABNT. Parte dessa decisão partiu da minha experiência pessoal com a tradução de artigos para a *Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde* (RESS), periódico trimestral de caráter técnico-científico. As traduções fizeram parte do meu estágio Supervisionado de Tradução (disciplina 142841) no Ministério da Saúde, que ocorreu no segundo semestre de 2016. Durante o estágio, minha supervisora e responsável pelas traduções da revista orientou que as referências bibliográficas não deveriam ser reformatadas. Ademais, trata-se de um trabalho mais de formatação do que tradução. Isto posto, não disponibilizei as referências na tabela espelhada de minha tradução anexada, mas ela pode ser vista nos *links* do artigo científico original, mencionados em uma nota de rodapé na página 11.

## **2.2 Relatório da tradução de 5 *Amazing Psychology Experiments***

### **2.2.1 Tradução do registro**

Conforme discutido no item 1.4, o *e-book* traduzido é um texto de divulgação científica predominante informal, mas que não chega a ser coloquial. Com efeito, uma das minhas maiores preocupações durante a tradução do livro foi encontrar o grau certo de humor e informalidade, como na tradução de idiotismos e verbos frasais (*phrasal verbs*), normalmente associados a um discurso informal. A maioria dessas expressões são neutras, ou seja, não associadas a um estilo em particular – embora ocorram com menor frequência em textos acadêmicos (MARKS, 2005).

Com isso em mente, tentei manter a informalidade do texto sem chegar a soar coloquial. Por exemplo, em dois momentos considerei usar a palavra “rolar” como tradução de “isn’t just the stuff” e “play out”, no sentido de “vir a acontecer”

(conforme consta no dicionário Michaelis<sup>36</sup>), mas concluí que essa expressão não seria adequada para a modalidade escrita. Algo similar ocorreu na tradução de “a whole bunch of people”: inicialmente, optei por “um bando de pessoas”, mas, após reflexão, optei por “um punhado”. Abaixo seguem trechos em que tive essas dificuldades:

TABELA 21		
<i>5 Amazing</i>	Tradução inicial	Tradução final
Counterfactual thinking, of course, <b>isn't just the stuff of</b> Olympic athletes.	Pensamento contrafactual, é claro, <b>não rola só com</b> atletas olímpicos.	Pensamento contrafactual, é claro, <b>não acontece só com</b> atletas olímpicos. (seg. 246)
Basically, a psychology experiment involves <b>taking a whole bunch of people and giving them</b> an experience to see how they react.	Basicamente, um experimento de Psicologia envolve <b>pegar um bando de pessoas e dar-lhes</b> uma experiência para ver como elas reagem.	Basicamente, um experimento de Psicologia envolve <b>juntar um punhado de pessoas e dar a elas</b> uma experiência para ver como reagem. (seg. 12)

Como se pode notar na primeira linha da tabela 21, optei por uma tradução neutra para substituir “rolar”, pois não encontrei outro equivalente da expressão que fosse igualmente informal. Contudo, acredito que mantive na maior parte do tempo um tom casual, conforme demonstrarei ao longo deste item.

Sobre a última linha da tabela, aponto que a palavra “punhado” ainda é informal, mas menos impactante que “bando”. Outra possibilidade seria “um monte de pessoas”, mas “punhado” mostrou-se mais vantajoso porque pode significar tanto “Pequena quantidade ou pequeno número de algo” quanto “Grande quantidade de algo”, segundo o dicionário Michaelis<sup>37</sup>, da mesma forma que “bunch” pode indicar “A group of people” e, no inglês estadunidense, “A large number or quantity; a lot”, de acordo com o dicionário Oxford<sup>38</sup>.

Outra escolha no que concerne à informalidade foi a tradução de “give them an experience”. Como meu objetivo era manter um tom conversacional, não traduzi a passagem para “*submetê-las* a uma experiência”, por exemplo. Também pareceu inadequado escrever “dar-lhes” logo após de “um punhado de”, por isso escolhi “dar a

<sup>36</sup> Vide <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=rolar>>

<sup>37</sup> Vide <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=punhado>>

<sup>38</sup> Vide <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/bunch>>

elas”. Todavia, usei “lhe” em três frases do livro. Apesar de “lhe” soar um pouco formal, considere que seria uma escolha melhor do que usar o pronome “te” para me dirigir ao leitor, embora misturemos os sujeitos “você” e “tu” em interações orais. Dessa forma, mantive coerência na forma de me dirigir ao leitor, trazendo certa formalidade ao texto sem torná-lo complexo para um leitor menos culto.

Ademais, optei por conectores menos formais (como “porém” e “no entanto” – traduções para “however” e “though”, nos segs. 14 e 102, respectivamente), a elipse da preposição em certos pontos (como “outras vezes”, seg. 76) e a contração da preposição com um artigo indefinido (“num”, seg. 256).

Há uma variedade de opções para a tradução de “however” e “though”, como, por exemplo, “todavia”, “contudo”, “não obstante”, “conquanto” e “sem embargo”. Entretanto, todas essas opções soaram formais e mais adequadas a um artigo científico – e de, fato, usei alguns desses conectores na tradução do artigo científico sobre comportamento desatento. Por isso, optei por “no entanto” e “porém”, além de palavras como “apesar de”, “ainda assim” e “mesmo” para traduzir conectores de oposição ou concessão. A elipse da preposição – uma das mais frequentes, segundo Bechara (2009, p. 592) – foi efetuada com a intenção de simular um diálogo com o leitor, visto que costumamos dizer “outras vezes”, em vez de “noutras vezes”. Quanto à contração de artigo e preposição, Reinaldo Passadori (*apud* ABRANTES, 2017), esclarece que essa escolha estilística denota informalidade e familiaridade. Da mesma forma, no segmento 256 (em que fiz a contração) traduzi “Your daughter *does well* on a test?” por “Sua filha *foi bem* num teste?”, em vez de, por exemplo, “teve um bom desempenho” para me aproximar de uma linguagem cotidiana, como Luttrell fez.

Procurei usar expressões e palavras que produzissem o mesmo efeito de informalidade do original em vários trechos do livro, como os destacados nesta tabela:

TABELA 22	
5 <i>Amazing</i>	Tradução final
<b>Nope.</b>	<b>Só que não.</b> (seg. 95)
Of course you know this isn’t the same <b>Wendy</b> , but <b>you’ve got it in your head</b> that she’ll be <b>just like</b> the other Wendy.	É claro que você sabe que esta não é a mesma <b>Marina</b> , mas <b>você colocou na sua cabeça</b> que ela vai ser <b>igualzinha</b> à outra Marina. (seg. 161)
This style of thinking is counterfactual thinking, and <b>it’s all about</b> what didn’t happen.	Esse jeito de pensar se chama pensamento contrafactual, e <b>tem tudo a ver</b> com o que não aconteceu. (seg. 216)

Além de a expressão “só que não” fazer parte do meu próprio idioleto, a ouvi em diversos contextos, inclusive na legenda do filme *Capitão América: Guerra Civil*, para traduzir a frase “Not”, e em duas músicas brasileira, uma de Erikka e outra de Cleber e Cauan. Quanto ao segundo exemplo da tabela 22, gostaria de apontar que troquei o nome Wendy para Marina porque ele foi usado para ilustrar uma situação comum, em que o leitor poderia ter conhecido uma pessoa chamada Wendy – algo altamente improvável em um contexto brasileiro. Não houve um motivo especial para a escolha de Marina dentre tantas outras possibilidades; usei-o apenas porque é um nome comum, mas não tanto quanto Maria, por exemplo, da mesma forma que Wendy não é o nome feminino mais usado nos EUA. Outra observação a respeito dessa frase é a tradução de “just like”, pois achei oportuno usar o diminutivo “zinha”. Bechara (2009, p. 141) explicou que o diminutivo pode passar um sentido pejorativo, transmitindo crítica ou desprezo, por exemplo. Embora o gramático tenha feito essa observação para o diminutivo de substantivos, suas considerações podem ser aplicadas ao presente caso, em que “igual” funciona como adjetivo. Assim, preservou-se o tom desdenhoso do original por meio de um processo único do português.

O último exemplo da tabela acima foi selecionado por contrastar com a escolha estilística de uma publicação de popularização de ciência, a *SciAm Brasil*. Apesar de o *e-book* de Luttrell e a revista serem classificados como textos de divulgação científica, essas obras diferem quanto ao registro usado (vide item 1.4). Conforme o editor-chefe do periódico explicou, “procuramos escrever em conformidade com a norma culta, porém sem sermos pedantes. Expressões como ‘[...] não tem nada a ver com’, por exemplo, são evitadas, em seu lugar optamos por ‘[...] não tem relação com’” (CAPOZZOLI, 2013, *apud* SANTOS, 2013, p. 121, grifos meus). Ainda assim, escolhi a tradução “tem tudo a ver” porque o livro é, efetivamente, informal e provavelmente não se restringe a um público de alta escolaridade, como é o caso da *SciAm Brasil*. Portanto, percebe-se que publicações de divulgação científica apresentam diferenças entre si que refletem a política de seu veículo de comunicação e seu público leitor.



### 2.2.2 Familiaridade

No segundo experimento, Luttrell menciona metáforas específicas para discutir nossa compreensão física do mundo. Tive dificuldade na tradução desta metáfora em particular: “You say you get a *warm feeling* when your fiancé is around, but your body temperature hasn’t gone up, right?” (segmento 123).

Nesse caso, “warm” foi usado mais no sentido de afeição, mas essa metáfora apresentou problemas na tradução para o português. Por um lado, a tradução literal, “calor”, pode ser usada para indicar um sentimento fraternal, de acordo a seguinte definição do dicionário Michaelis: “*FIG* Atitude fraterna ou cordial através de olhar, palavras ou gestos”. Por outro, se eu de fato usasse a tradução literal, “você sente (um) calor quando seu noivo está por perto”, os leitores provavelmente não pensariam em uma atitude fraternal, mas sim em um aumento da temperatura corporal, o que não faria sentido nesse contexto. Outras possíveis traduções que mantêm a ideia de calor são: “você se sente aquecida”, “você se sente quente” ou até “você sente um calor gostoso quando seu noivo está por perto”. A primeira possibilidade soa estranha; a segunda, sexual; e a terceira, apesar de ser mais aceitável na minha opinião, ainda parece incomum e inadequada para descrever a forma como nos sentimos perto de nosso parceiro. Por esse motivo, escrevi outra metáfora em português relacionada a temperatura corporal, mas no sentido contrário:

TABELA 23	
<i>5 Amazing</i>	Tradução final
You say you get a warm feeling when your fiancé is around, but your body temperature hasn’t gone up, right?	Você chama uma pessoa indiferente de fria, mas a temperatura do corpo dela não é mais baixa que a sua, é? (seg. 123)

Por meio dessa adaptação, mantive uma ligação com a ideia do original sobre metáforas aludindo a sensações físicas e emocionais, produzindo ao mesmo tempo um texto natural para brasileiros. Essa estratégia está conectada ao que foi discutido no item 1.5.5, sobre a familiaridade em textos de ciência popular.

A tradução dos termos (explicados por experiências cotidianas) ocorreu de forma tranquila, sem grandes dificuldades, por isso não discutirei essa etapa neste relatório. Consultei três dicionários de Psicologia e busquei textos da área (em especial artigos científicos, mas também alguns *sites* de divulgação científica, como o

Psiconline, Psicologia MSN.com e o *blog* WR Prates<sup>39</sup>) que confirmassem o uso dessas traduções. Para consulta pessoal, elaborei um glossário em forma de tabela com esses exemplos de uso e definições, a qual anexe ao presente trabalho (vide Anexo IV, Volume II). O único termo que causou dificuldade não pertence à Psicologia: “life coach”, destacado na tabela a seguir:

TABELA 24	
<i>5 Amazing</i>	Tradução final
Despite the advice of innumerable <b>life coaches</b> , we can't help but comparing ourselves to others and thinking hypothetically.	Apesar do conselho de vários <b>coaches de vida</b> , parece impossível não nos compararmos com os outros e pensarmos no que poderia ter acontecido. (seg. 212)

A tradução mais comum para o termo é “*coach* de vida”. Todavia, esse termo me causou estranhamento, motivo pelo qual considerei substituí-lo por “psicólogos” ou “bom senso” (“Apesar do bom senso, parece impossível não...”). Contudo, enquanto psicólogos costumam trabalhar com “comportamentos problema”, *coaches* de vida se preocupam com o desenvolvimento de pessoas que não apresentam “distúrbios” ou estejam vulneráveis, mas simplesmente desejam obter melhores resultados em certos aspectos de sua vida (BORGES, 2017). Dessa forma, esses dois profissionais não poderiam ser intercambiáveis em minha tradução. Enfim, julguei que “*coaches* de vida” seria uma tradução adequada porque existem diversos *sites* brasileiros que oferecem cursos de profissionalização ou os serviços desses profissionais<sup>40</sup>, o que sinaliza que é essa uma profissão conhecida.

Por fim, na tabela abaixo, vê-se outro momento em que busquei usar uma expressão cotidiana para explicar um termo da Psicologia:

TABELA 25	
<i>5 Amazing</i>	Tradução final
Or are you going to just pick the one that says “ <b>#1 Recommended by Dentists</b> ”?	Ou você vai escolher apenas aquela que diz “ <b>Número 1 em Recomendação de Dentistas</b> ”? (seg. 61)

<sup>39</sup> Para referências específicas, consulte o glossário, Anexo IV.

<sup>40</sup> Vide, por exemplo, <<http://viverdecoaching.com.br/life-coaching-o-que-e-o-coaching-de-vida/>> <<http://www.slacoaching.com.br/o-que-e-coaching>> e <<https://profissionalcoach.com/encontrar-coach/?location=sao-paulo>>

Baseei-me na propaganda da pasta de dentes Colgate®, uma marca conhecida no Brasil e que usa exatamente essa propaganda para seus produtos<sup>41</sup>, em vez de optar por uma tradução genérica como “a mais recomendada por dentistas”. Assim, trouxe minha tradução mais próxima do público brasileiro.

### 2.2.3 Vocabulário repetitivo e naturalidade

Também fiz pequenas mudanças ao longo do processo tradutório por conta do vocabulário repetitivo de Luttrell. Em inglês, é mais aceitável repetir palavras, em especial em um contexto informal como o do *e-book*; contudo, quando foi possível, evitei repetir uma palavra ou traduzir um trecho de forma redundante, mas sem prejudicar a compreensão do texto, como pode ser visto nos segs. 178, 200 e 106 a 109. No seg. 178, chamou a atenção a tradução sugerida pelo *Google Translator* para “male/female college students”: “estudantes universitários/as do sexo masculino/feminino”. De fato, “estudantes universitários” é uma tradução verificada pela comunidade tradutória do Google. Contudo, segundo o dicionário Michaelis<sup>42</sup>, “universitário” já indica “que ou aquele que é aluno de uma universidade”, tornando desnecessário adição de “estudantes”. Além disso, a maioria das palavras da língua inglesa são de gênero neutro, por isso foi necessário escrever “male/female” no original, ao passo que “do sexo masculino/feminino” é dispensável porque a língua portuguesa distingue o gênero da maioria das palavras, inclusive em “universitários/as”. Adotei a mesma postura na tradução do artigo de Langer e colegas ao traduzir “the female/male experimenter” por “a experimentadora/o experimentador”.

Similarmente, procurei alternativas para traduzir “get”, até quando empregado no mesmo sentido:

TABELA 26	
<i>5 Amazing</i>	Tradução final
The goal was to <b>get the person</b> at the copy machine to let the researcher use it first, and they tried out three different versions of that request.	O objetivo era <b>fazer com que a pessoa</b> usando a copiadora deixasse o pesquisador passar na sua frente, e eles testaram três versões diferentes para fazer esse pedido. (seg. 73)

<sup>41</sup> Vide <<http://www.colgate.com.br/app/ColgateTotal/BR/beneficios/diabetes.cwsp>>

<sup>42</sup> Vide <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=universitário>>

If you have children of your own, the implications are obvious: <b>get them to</b> strive for working hard and learning rather than proving themselves as competent.	Se você tem filhos, as implicações são óbvias: <b>encoraje-os a</b> se esforcem para trabalhar duro e aprender, em vez de provarem sua competência. (seg. 306)
--	--

Nos dois exemplos da tabela 26, “Get the person (...) to let” e “get them [children] to strive”, o verbo foi usado no mesmo sentido, a saber “Induce or prevail upon (someone) to do something” (definição fornecida pelo Oxford<sup>43</sup>). Ainda assim, optei por traduções diferentes em vez de dizer, no último caso, “faça com que eles se esforcem”, por exemplo.

Os tradutores da *SciAm Brasil* têm uma preocupação similar, conforme demonstrado na dissertação de Santos (2013). O público da revista é composto por leitores críticos, com formação superior e interessados em ciência, e a revista em si tem um alto perfil de excelência, contando com a colaboração de diversos ganhadores de prêmio Nobel. Dessa forma, seria inapropriado traduzir reportagens com vocabulário repetitivo, pois a linguagem simplória seria entendida pelo público-alvo como falta de conhecimento do tema tratado – perdendo, assim, a credibilidade da publicação (SANTOS, 2013, p. 111).

Ainda sobre a variação dos vocábulos, a autora realizou uma videoconferência com o editor-chefe da *SciAm Brasil*, Ulisses Capozzoli, na qual ele confirmou que a riqueza lexical era uma competência exigida dos tradutores:

Os americanos, em geral, não enxergam problema em repetir palavras, ao menos nesses textos. Já nós, da *SciAm Brasil*, temos, sim, preocupação com a construção de reportagens com diversidade lexical. Isso porque prezamos por qualidade, valorizamos a criatividade na expressão [...], e a variedade permite que o leitor sinta melhor os contrastes dos conceitos. Acreditamos também que essa preocupação colabore para tornar nossos leitores mais cultos, ensinando-os não apenas sobre as disciplinas tratadas, mas sobre formas de expressão por meio da escrita. É possível ensinar as pessoas a escrever por meio da leitura. Quando você lê um bom texto você também aprimora sua capacidade de escrita, sua criatividade (CAPOZZOLI, 2013, *apud* SANTOS, 2013, p. 111-112).

Luttrell não se direciona a um público necessariamente de alta escolaridade e muito exigente quanto à língua, mas apesar de não ser seu objetivo aprimorar a escrita

<sup>43</sup> Vide <https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/get>

de seu público, acredito que isso seja sempre uma vantagem que se pode obter com a leitura de qualquer texto, inclusive de minha tradução.

Também efetuei essas pequenas mudanças para alcançar a naturalidade da tradução, visto que o vocabulário repetitivo poderia causar estranhamento a um leitor brasileiro. Afinal, Newmark (1998, p. 24) adverte que muitas vezes o tradutor só poderá alcançar a naturalidade se distanciando do texto original, lendo sua tradução como se não existisse um original. Com efeito, a primeira versão da tradução do trecho abaixo não soou natural, pois me ative mais ao original, de modo que achei pertinente ignorar a estrutura do original para produzir uma frase natural:

TABELA 27		
<i>5 Amazing</i>	Tradução inicial	Tradução final
Across all of these <b>silver and bronze medalists, the emotions</b> of the 3rd place, bronze medalists <b>appeared much happier than the emotions</b> of the 2nd place, silver medalists.	De todos esses medalhistas <b>de prata e bronze, as emoções</b> do terceiro lugar, os medalhistas de bronze, <b>pareceram muito mais felizes do que as emoções do segundo lugar,</b> medalhistas de prata.	Comparando todos esses medalhistas, os de bronze (terceiro lugar) <b>pareceram muito mais felizes</b> do que os de prata (segundo lugar). (seg. 244)

Além de evitar repetir “medalhistas de prata e bronze” na frase, também excluí o trecho sobre *emoções* parecerem mais felizes, visto que soava mais natural dizer que *os medalhistas* que pareciam felizes, em vez de transferir a personificação da emoção para o português.

Por outro lado, não me preocupei com a repetição de vocábulos na tradução do artigo científico, pois, como apontado anteriormente (vide item 1.2), esse gênero é lexicalmente denso.

#### 2.2.4 Tradução dos subtítulos

Uma das preocupações durante a tradução foi o tamanho dos subtítulos, visto que eles tinham pouco espaço no *layout* do *e-book*, conforme se pode observar na Figura 2. Como sobrou espaço na última página da maioria dos experimentos, não tive o mesmo cuidado com o número de caracteres do texto em si, mas, de qualquer forma, o número de caracteres com espaço da minha tradução total excedeu apenas 6,6% do tamanho original.

Para traduzir os subtítulos, mantive em mente que o subtítulo mais longo no original, do primeiro experimento, tinha 45 caracteres com espaço. Usei-o como limite para a tradução dos subtítulos, embora também tenha procurado não exceder o número de caracteres do subtítulo original. Para isso, fiz algumas alterações que distanciaram minha tradução da literalidade, como mostra a tabela 28.

#1

## The Because Heuristic

ONE WORD THAT TAKES PEOPLE FROM “NO” TO “YES”

Would you please read this whole PDF, because I want you to read this whole PDF?

Is that persuasive? If you're really paying attention, it probably sounds like a stupid way to ask someone to do something, but if you were only sort of paying attention, the research suggests it would be a reasonably persuasive request.

We're talking here about mindless compliance. As we move through life, we don't have nearly the brain capacity to carefully consider everything we see and hear, so we rely on little shortcuts to get by. If you're shopping for a new toothbrush, and you face the wall of a thousand choices, it can be overwhelming. Are you really going to take time out of your busy day to read the full packaging on every toothbrush? Or are you going to just pick the one that says “#1 Recommended by Dentists”?

That's a case of a heuristic. It's just a little shortcut that lets you bypass all of the careful thinking that it would otherwise take to make a choice. The shortcut in this case is, “if experts like it, it must be good,” and you can carry on with your day.

To give you another heuristic, consider this study by Ellen Langer and her colleagues in 1978. In this study, they sent an undercover researcher to a library that had a copy machine in it. Just as library patrons were about to use the copy machine, the researcher would approach them, posing as another library patron who needed to use the machine.




Figura 2. Layout do primeiro experimento de *5 Amazing*

TABELA 28				
Exper. no livro	Título em inglês	Carac. c/ esp.	Título em português	Carac. c/ esp.
1	One Word That Takes People from “No” to “Yes”	45	A palavra que muda um “não” para “sim” (seg. 50)	38
2	Physical Feelings = Emotional Feelings	38	Sensações = Sentimentos (seg. 119)	23
3	When Expectations Make Reality	30	Quando expectativas moldam o real (seg. 156)	33
4	Dwelling on What Could Have Been	32	Remoendo sobre o que poderia ter sido (seg. 210)	37
5	Abilities Can Be Developed	26	A prática leva à perfeição (seg. 253)	26

No subtítulo do primeiro experimento da tabela acima, consegui manter a mensagem de que uma palavra pode convencer os outros ao mesmo tempo em que reduzi o número de caracteres – algo que não poderia ter feito se tivesse optado por uma tradução mais literal, como “Uma Palavra que Leva Pessoas Mudarem de ‘Não’ para ‘Sim’”, que tem 56 caracteres com espaço.

A tradução do segundo subtítulo, por outro lado, provou-se ser a mais difícil de todas, por causa do recurso linguístico da repetição de “feelings”. Inicialmente, procurei sinônimos para “feelings” que pudessem ser aplicados tanto no sentido físico quanto no emocional, e a opção mais adequada pareceu ser “Sensibilidade física = Sensibilidade emocional”. Uma consulta ao dicionário Michaelis<sup>44</sup> mostrou que “sensibilidade” pode significar “qualidade de sensível”, bem como a “faculdade de experimentar emoções e sentimentos, principalmente de sentir compaixão, piedade, ternura pelo próximo”. Contudo, essa palavra também pode significar “Disposição para se ofender, se melindrar facilmente; suscetibilidade”, e foi exatamente esse sentido que pareceu estar ligado à minha tradução. Em outras palavras, “sensibilidade emocional” poderia soar como uma descrição de alguém muito emotivo, sentimental ou frágil – significado que não se relaciona ao conceito de cognição incorporada. Ademais, essa opção tem 46 caracteres, o que significa que ela é bem mais longa do que o subtítulo original e ultrapassa um caractere além do limite que tinha me imposto (de 45). Por isso, procurei substituir um recurso linguístico (repetição) por outro, chegando à tradução “Sensações = Sentimentos”, que contém aliteração (*sen*).

O número de caracteres da tradução do terceiro subtítulo não se distanciou muito do original, e para alcançar esse resultado usei um sinônimo de “realidade” (tradução mais próxima de “reality”), “real”. Da mesma forma, no quarto subtítulo optei por escrever “o que poderia ter *sido*” em vez de “acontecido” para ocupar menos espaço e transmitir a mesma mensagem. No quinto subtítulo, optei por um ditado popular em vez da tradução literal “Habilidades podem ser desenvolvidas”, que contém mais caracteres que o original. Ademais, o ditado torna o texto mais familiar, uma estratégia comum na divulgação científica. Como Santos (2013) declara, “Naturalmente, expressões como ‘reinventar a roda’ e ‘agir como mineiro e comer pelas beiradas’ são recursos expressivos que aproximam o leitor da realidade brasileira” (p. 116-117). Essa opção também tem exatamente o mesmo número de

---

<sup>44</sup> <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=sensibilidade>

caracteres do subtítulo do original e se relaciona bem com o tema do experimento, que mostra a importância de se valorizar o esforço (e, indiretamente, a prática) no lugar da aptidão natural.

O *e-book* tem outros dois subtítulos, que dividem as etapas de um experimento de Psicologia, na introdução do livro. Eles são organizados de forma diferente dos subtítulos dos experimentos, pois se encontram no meio do texto, em vez de seguirem o título da seção. Contudo, o número de caracteres ainda foi uma preocupação, pois intencionei que os subtítulos pudessem ocupar apenas uma linha, como no original, exibido na Figura 3:



Figura 3. *Layout da Introdução de 5 Amazing*

Traduzi ambos os subtítulos de modo a manter o paralelismo, conforme se pode constar na tabela abaixo:



TABELA 29			
	Carac. c/ esp.		Carac. c/ esp.
Part I: The Design of an Experiment	35	Parte I: Delineando um experimento (seg. 10)	34
Part II: Understanding the Results	34	Parte II: Interpretando os resultados (seg. 30)	37

Optei por usar dois verbos no gerúndio, inclusive para o primeiro subtítulo, cuja tradução literal exigiria um substantivo. Eu também poderia ter optado por usar dois substantivos no começo de cada subtítulo (“Parte I: Delineamento de um experimento” e “Parte II: Interpretação dos resultados”), mas o primeiro deles aumentaria o número de caracteres para 39, por isso escolhi a primeira opção.

#### 2.2.4 Erros no original

Da mesma forma que Luttrell não manteve paralelismo nos subtítulos da introdução, ele conjugou de modo inconsistente os verbos na descrição dos experimentos 3 e 4. Em todos os outros experimentos, foi usado o pretérito, mas na apresentação desses dois experimentos, o autor variou entre o passado e o presente. Exemplos dessas inconsistências podem ser vistos nos segs. 193 e 201 do experimento 3 e nos segs. 219 e 224 do experimento 4.

Na minha tradução desses segmentos, mantive o tempo conjugado no passado, para manter consistência no texto, que relata experimentos já finalizados. Entretanto, a falta de coerência verbal não foi a única falha encontrada no *e-book*, que apresentou erros de digitação ou trechos faltando uma palavra. Byrne (2014 p. 161) comenta que isso é comum ocorrer, desde erros de digitação até erros sobre fatos mais fundamentais. Ao notar tais erros, o tradutor deve comunicá-los ao cliente, conforme os identificar ou ao entregar a tradução final – a decisão depende do texto, de seu tamanho e do prazo de entrega. Pretendo informar os erros a Luttrell após a conclusão do presente trabalho, quando enviarei a ele a versão final de minha tradução. Na tabela 30 foram reproduzidos alguns dos erros encontrados e como o problema foi resolvido na tradução:

TABELA 30	
<i>5 Amazing</i>	Tradução final
They key, though, is that the researcher changes this experience just slightly for some of the participants.	<b>O segredo</b> , porém, é que o pesquisador muda essa experiência só um pouquinho para alguns dos participantes. (seg. 13)
By comparing the reactions of people in Experience A to the reactions of people in Experience B, we can see whether that general reaction depends on what's different between A and B?	Ao comparar as reações das pessoas da Experiência A com as das pessoas da Experiência B, podemos ver se essa reação geral depende das diferenças entre A e B. (seg. 17)
Once you get the comment cards back, you'd want to compare the ratings of Soup A tasters to Soup B tasters, <b>and the ratings differ</b> , the only possible reason is that the celery made the difference because it's the only thing that was different.	Depois de pegar os questionários de volta, você compararia as avaliações de quem experimentou a Sopa A com as de quem experimentou a Sopa B <b>e, se os resultados variarem</b> , só pode ter sido por causa do salsão, porque foi a única coisa diferente. (seg. 26)

No primeiro exemplo, percebe-se um simples erro de digitação, pois o autor escreveu “They” no lugar de “The”. Na segunda frase, identifica-se um erro de pontuação, uma vez que, para a oração realmente ser uma pergunta, o verbo deveria ter sido escrito antes do sujeito (“can we”, em vez de “we can”). Ademais, não faria sentido ser uma pergunta, uma vez que essa frase não é seguida de uma resposta, e sim por um novo parágrafo que exemplifica o que ele acabou de afirmar. A última frase pareceu confusa e sem coesão à primeira vista, mas depois ficou claro que faltava uma palavra para conectar as ideias: “and *if* the ratings differ, the only possible reason is...”. Dessa forma, acrescentei a palavra na minha tradução para garantir clareza.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a análise do artigo científico e do livro de ciência popular, destacaram-se várias diferenças no estilo e organização desses textos. O primeiro deles é redigido por acadêmicos com a intenção de enriquecer o conhecimento de determinada disciplina, é publicado em periódicos científicos e lido por pares que já sabem a teoria e a metodologia relacionadas à pesquisa relatada. O livro de popularização científica, por sua vez, também foi redigido por um especialista, mas tinha como público-alvo uma parcela da população que não traz o referencial teórico de acadêmicos da área. A intenção do autor não era avançar o estado de conhecimento de uma área do saber, mas sim compartilhar experimentos cujos resultados têm aplicações práticas na vida cotidiana das pessoas. Em geral, os leitores acreditam que as afirmações citadas por cientistas são confiáveis e válidas, ao passo que membros da comunidade científica têm uma gama de conhecimentos mais ampla que os tornam mais críticos em relação aos dados apresentados em artigos científicos. Assim, os autores desses artigos precisam provar sua competência e confiabilidade mostrando familiaridade com os métodos e a literatura relacionados ao tema e trazendo evidências para apoiar suas hipóteses.

Como a forma de argumentação em textos populares é diferente, eles não podem ser usados como modelos para a escrita científica. Contudo, a comparação entre os dois gêneros (artigos científicos e livros de ciência popular) é importante para a conscientização de como as condições de produção e recepção de um texto, como seu público-alvo e sua intenção, influenciam a forma de se abordar um tema, e isso terá consequências importantes para a tradução. No artigo *The Mindlessness of Ostensibly Thoughtful Action*, por exemplo, os autores evitaram se dirigir diretamente ao leitor por meio da segunda pessoa; citaram conceitos aceitos na Psicologia que se relacionavam ao tema tratado; descreveram os testes estatísticos aplicados e os resultados obtidos; e interpretaram esses resultados com cautela, usando palavras como “probably”, “may” e “seem”. No livro *5 Amazing Psychology Experiments*, o autor constantemente reconheceu a presença do leitor por meio da primeira pessoa do plural inclusiva (que abrange o autor e leitor), da segunda pessoa e do uso de perguntas; dados estatísticos foram relegados a segundo plano; todos os termos científicos foram explicados por meio de comparações com situações cotidianas e

familiares aos leitores; e a incerteza e cautela dos artigos foi substituída pela assertividade e valorização dos resultados.

Também houve diferenças entre as convenções dos gêneros e o texto traduzido. Langer e colegas, por exemplo, rejeitaram momentaneamente a neutralidade aconselhada na redação de textos científicos quando fizeram observações irônicas na primeira crítica às teorias da Psicologia Social, em “The view is *flattering, perhaps*, but is it an accurate accounting of covert human behavior?” e usando aspas para questionar essas teorias em: “Social psychology is replete with theories that take for granted the ‘*fact*’ that people think”. Contudo, ao questionarem novamente certas teorias na conclusão do artigo, os autores usaram a primeira pessoa do plural inclusiva (que designava a comunidade científica em geral, e não apenas os autores), mostrando mais diplomacia.

Luttrell, por sua vez, diferenciou-se um pouco de textos jornalísticos de divulgação da ciência ao descrever, em cada experimento, os procedimentos que levaram aos resultados obtidos (mesmo que de forma simplificada). Essa abordagem mais detalhada dos fenômenos também acontece na popularização da ciência, mas com menos frequência. Podemos encontrar exemplos na breve comparação (feita no item 1.4) entre a revista *Scientific American Brasil*, que se aproxima da epistemologia científica ao valorizar as propriedades do fenômeno divulgado e é destinada a um público com alto nível de escolaridade, e revistas como a *Superinteressante*, que são lúdicas e usam uma linguagem mais acessível, por se direcionarem a um público mais geral. Apesar de Luttrell se assemelhar à *Scientific American Brasil* na medida em que discute a metodologia dos estudos, ele próprio escreveu na página do curso *on-line* com o mesmo nome do *e-book* que o conteúdo apresentado se dirige a um público leitor mais amplo, que não tem necessariamente um alto nível de escolaridade, como vendedores e atendentes. Com efeito, sua linguagem é informal, mas não chega a ser coloquial. Outro diferencial do texto de Luttrell é que ele não abordou novas descobertas, ao passo que artigos jornalísticos de divulgação científica costumam escrever sobre estudos recentes.

De qualquer forma, a maioria dos recursos retóricos empregados nos textos também são comuns na língua portuguesa. A semelhança entre os recursos retóricos nos textos dos dois países (Estados Unidos e Brasil) indica a proximidade da cultura dessas sociedades, que facilitou a tradução. Ademais, apesar de existir certo atraso tecnológico que afeta a pesquisa no Brasil em comparação com os Estados Unidos,

nosso país dispõe de centros de pesquisa e variados projetos, mostrando interesse em ser reconhecido no exterior por meio da publicação em periódicos internacionais (RESENDE, 2011, p. 108; SANTOS, 2013, p. 127).

Entretanto, também identifiquei divergências entre esses dois gêneros em inglês e português. Essas diferenças entre as duas culturas, bem como as diferenças entre o gênero e o estilo particular do autor, apoiam a posição de teóricos (BYRNE, 2014; HYLAND, 2010; TEIXEIRA, 2008) de que textos científicos não são completamente desprovidos de estilo, de criatividade ou de marcas linguístico-culturais como se costuma acreditar.

A grande diferença encontrada na análise do artigo científico foi o uso mais recorrente da primeira pessoa do plural autorreferencial no artigo em inglês, que destaca a presença do sujeito autor – algo evitado em textos em português. Nesse caso, apaguei os sujeitos autores na maior parte da tradução, optando pelo uso da terceira pessoa do singular acompanhada da partícula “se”, quando possível.

Uma das maiores diferenças linguísticas encontradas na tradução do *e-book* foi o uso da metáfora de sentido oposto no português (“feel warm” x “pessoa fria”) para tentar reproduzir o mesmo efeito de familiaridade conseguido no original. O uso do dicionário Michaelis não foi útil nesse caso, pois o equivalente sugerido trazia conotações que não estão presentes no original. Isso é um exemplo de que dicionários podem ser úteis para o tradutor, mas devem ser usados com discernimento. Se, por um lado, uma palavra pode conter um significado semelhante ao encontrado no original, por outro, o contexto também determina a interpretação do leitor a respeito de qual significado se aplica ao caso. É a tarefa do tradutor avaliar, com seu conhecimento da língua e da cultura para a qual traduz, de que forma a palavra poderá ser entendida a partir de seu contexto.

Em outros casos, os dicionários foram de grande ajuda para a tradução, como no caso de termos especializados, explicados em dicionários de Psicologia. Dicionários da língua geral também auxiliaram na tradução de casos mais simples, como a expressão “a whole bunch of”, que em inglês pode indicar tanto um número indefinido de pessoas quanto uma quantidade grande de algo, segundo o dicionário Oxford. Após pesquisa, encontrei o equivalente “um punhado de”, que também tem essa ambiguidade quanto à quantidade envolvida.

Em suma, as semelhanças e diferenças encontradas por meio do estudo dos gêneros mostrou a necessidade de se conhecer as características típicas do gênero

traduzido e do texto em si, assim como as características do gênero na cultura para a qual se traduz. Assim, é possível saber quais aspectos devem ser adaptados ou preservados durante a tradução.

Como Newmark (1998), Teixeira (2008) e Santos (2013) defendem, a naturalidade afeta a qualidade da tradução técnico-científica e a acessibilidade do texto. Parte do processo necessário para alcançar a naturalidade é o conhecimento de características como o local de publicação, estilo do autor, registro, público-alvo e a intenção do texto. Por outro lado, o tradutor por vezes pode precisar se distanciar da estrutura do original e escrever construções que não sejam apenas gramaticalmente possíveis e corretas (como costuma ser o efeito de uma tradução mais literal), mas prováveis de ocorrerem naquele contexto, para produzir um texto que soe natural. Com efeito, procurei me afastar dos originais ao identificar frases cuja tradução literal soaria confusa ou repetitiva.

Por meio das minhas considerações teóricas e do relatório do processo tradutório, espero ter contribuído para a literatura a respeito da tradução técnico-científica, além de ter produzido uma tradução natural e fidedigna. A teoria da tradução tem se dedicado pouco ao estudo da tradução técnica, e a teoria da tradução de textos de divulgação científica tem se ocupado principalmente de textos jornalísticos. Assim, textos como o *5 Amazing Psychology Experiments*, bem como documentários, livros, *sites* de centros de pesquisa e até mesmo a legendagem de vídeos de TED Talks, enquanto matérias de divulgação científica, apresentam um grande potencial de estudo, conforme sinaliza Olohan (2016) e conforme se esperou demonstrar neste Trabalho de Conclusão de Curso.

## REFERÊNCIAS

- ABDALLAH, A.; BOURROUL, M. Mindfulness, a técnica para aumentar a produtividade e diminuir o estresse. *Época Negócios*. Setembro, 2015. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Inspiracao/Vida/noticia/2015/11/mindfulness-tecnica-para-aumentar-produtividade-e-diminuir-o-estresse.html>>. Acesso em: maio de 2017.
- ABRANTES, T. *Em um ou num: qual é o certo?* Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/carreira/em-um-ou-num-qual-e-o-certo/9>>. Acesso em: maio 2017.
- ALMEIDA, J. R. C. F.; MIRANDA, M. A. O uso de pronomes de primeira pessoa em artigos acadêmicos: Uma abordagem baseada em *corpus*. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 2, p. 68-83, 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/11/ARTIGO-Maira-Avelar-e-Janaina-Rabelo.pdf>>. Acesso em: maio de 2017.
- ANTHONY, L. *AntConc* (Versão 3.4.4) [Computer Software]. Tóquio: Waseda University, 2014. Disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net/>>.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rev. e ampl. 14<sup>a</sup> reimpre. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BORGES, N. *Psicologia e coaching*. Disponível em: <<http://www.psicologiasdobrasil.com.br/psicologia-e-coaching/>>. Acesso em: maio de 2017.
- BYRNE, J. *Scientific and Technical Translation Explained: a nuts and bolts guide for beginners*. London/New York: Routledge, 2014. 246 p.
- CALDAS, E. "Todos estamos sofrendo com a desatenção", diz mãe do mindfulness. *Época Negócios*. Novembro, 2015. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Vida/noticia/2015/11/todos-estamos-sofrendo-com-desatencao-diz-mae-do-mindfulness.html>>. Acesso em: maio de 2017.
- GRILLO, S. V. C.; GLUSHKOVA, M. A divulgação científica no Brasil e na Rússia: um ensaio de análise comparativa de discursos. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 11, n.2: p. 69-92, maio/agosto 2016. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/23556/19237>>. Acesso em: março de 2017.

HYLAND, K. Constructing Proximity: Relating to Readers in Popular and Professional Science. *Journal of English for Academic Purposes*, v.9 n.2, p. 116-127, 2010.

Disponível em: <<http://www2.caes.hku.hk/kenhyland/files/2010/12/Proximity-JEAP.pdf>>. Acesso em: março de 2017.

MARKS, J. The truth revealed: phrasal verbs in writing and speech. *MED Magazine*, v. 24, outubro 2005. Disponível em: <<http://www.macmillandictionaries.com/MED-Magazine/October2005/34-Feature-PV-Spoken-Written.htm>>. Acesso em: maio de 2017.

MARLOW, M. A. Writing scientific articles like a native English speaker: top ten tips for Portuguese speakers. *Clinics*, São Paulo, v. 69, n. 3. p. 153-157, 2014. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3935133/>>. Acesso em: maio de 2017.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. *Por que popularizar?* Disponível em: <<http://cnpq.br/por-que-popularizar>>. Acesso em: abril de 2017.

NEWMARK, P. *A Textbook of Translation*. Hemel Hempstead: Prentice Hall, 1998. 292 p.

OLOHAN, M. *Scientific and Technical Translation*. New York: Routledge, 2016. (Routledge Translation and Interpreting Guides). 262 p.

POSSAMAI, V. Marcadores textuais de textos especializados em tradução. *TRADTERM*, São Paulo, v. 12, p. 159-179, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/46726>>. Acesso em: maio de 2017.

RESENDE, S. V. *Normas tradutórias: o caso dos artigos científicos e suas condicionantes culturais*. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

SABADINI, A. A. Z. P.; SAMPAIO, M. I. C.; KOLLER, S. H. (Orgs). *Publicar em Psicologia : um enfoque para a revista científica*. São Paulo: Associação Brasileira de



Editores Científicos de Psicologia / Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009. 216 p.

SANTOS, M. T. M. *Textos de Divulgação Científica e Similaridades em suas Traduções: Existe Essa Relação?* 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15007/1/2013\\_MariaTeresaMarquesSantos.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15007/1/2013_MariaTeresaMarquesSantos.pdf)>. Acesso em: maio de 2017.

SHAUGHNESSY, J; ZECHMEISTER, B. E.; ZECHMEISTER, J. S. *Metodologia de Pesquisa em Psicologia*. Tradução Ronaldo Cataldo Costa. São Paulo: AMGH Editora Ltda., 2012, 488 p. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=NvjzJRq1VYUC&printsec=frontcover&source=gbgbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=NvjzJRq1VYUC&printsec=frontcover&source=gbgbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: maio de 2017.

SIMPLE Present Tense. Education First. Disponível em: <<http://www.ef.com/english-resources/english-grammar/simple-present-tense/>>. Acesso em: maio de 2017.

TEIXEIRA, E. D. *A Linguística de Corpus a serviço do tradutor: proposta de um dicionário de Culinária voltado para a produção textual*. 2008. 400 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-16022009-141747/pt-br.php>>. Acesso em: março de 2017.

## REFERÊNCIAS DOS DICIONÁRIOS CONSULTADOS

BUSINESS DICTIONARY. Disponível em: <<http://www.businessdictionary.com>>. Acesso em: 2017.

DORSCH, F.; Häcker, H. STAPF, K. H. (Ed.) *Dicionário de Psicologia Dorsch*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão e equipe. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GALIMBERTI, U. *Dicionário de Psicologia*. Tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 2010.

LANDAU, S. L. *Cambridge dictionary of American English: for speakers of Portuguese*. Tradução de Claudia Berliner [et. al] 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MICHAELIS. *Michaelis Moderno Dicionário Inglês & Português*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php>>. Acesso em: 2017.

PRIBERAM. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/>>. Acesso em: 2017.

OXFORD DICTIONARY. Disponível em: <<http://www.oxforddictionaries.com/us/>>. Acesso em: 2017.

VANDENBOS, G. R. (Org.) *Dicionário de psicologia da APA*. Tradução de Daniel Bueno, Maria Adriana Veríssimo Veronese, Maria Cristina Monteiro; revisão técnica de Maria Lucia Tiellet Nunes e Giana Bitencourt Frizzo. Porto Alegre: Artmed, 2010.